



À MEMORIA

DE

ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO

RESENHA SUCCINTA

DOS SEUS MERITOS E SERVIÇOS AO PAIZ, TESTEMUNHADOS UNANIMEMENTE
POR TODA A IMPRENSA DE LISBOA

TRABALHO DEDICADO

À

EX.^{MA} SR.^A D. MARIA HENRIQUETA DE FONTES PEREIRA DE MELLO

POR

FILIPPE DE CARVALHO

Antigo deputado

Pertence a

Cassiano Lopes

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1887

1887

UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

Part 1

Volume 1
Page 1

Ex.^{ma} R.^a

Mal pensava eu quando seu illustre e amado irmão me apresentou a V. Ex.^a, por occasião de um baile, que eu, entre as amarguras que a sorte me destinára, havia de soffrer a da morte de um homem que quanto mais prezei no decurso de hinda annos, mais razões tinha para prezar.

O sr. Fontes disse n'aquella occasião a V. Ex.^a: «Apresento-te o meu amigo Philippe de Carvalho». Com esta minha pequena tarefa quero, pois, confirmar aquellas benevolas palavras. Erámos realmente muito amigos.

É pungentissima e irremediavel a dor de V. Ex.^a, mas sirva-lhe de lenitivo a justiça, o respeito e a veneração unanime que todo o paiz acaba de tributar a um dos mais elevados caracteres que eu tenho conhecido.

No já curto caminho da sepultura, eu já não posso colher tantas flores e louros como eu desejaria para espargir sobre a campa de Clotario Maria de Fontes Pereira de Mello, mas ao menos dá-me Deus tempo para ter a honra de me dizer com o mais profundo respeito, estima e gratidão

De V. Ex.^o

Creado fiel e brigadissimo

Philippe de Carvalho.

C. de V. Ex.^a, 31 de
janeiro de 1887.

AOS LEITORES

Como em muitos artigos que vimos nos jornaes de que fizemos a nossa revista, estavam repetidas as noticias da doença e fallecimento do illustre estadista, do seu funeral e de outros factos biographicos, achâmos sufficiente referir por uma vez só e eliminarmos as repetições e cousas desnecessarias ao assumpto, tornando assim a leitura d'este opusculo menos pesada e mais agradavel.

O nosso principal intuito como amigo do sr. Fontes, foi o de mostrar que a toda a imprensa, sem excepção, chegou a hora de fazer justiça ao nobilissimo homem que o paiz acaba de ter o infortunio de perder. Depois da morte do Sr. D. Pedro V, nenhum cortejo funebre foi ainda mais concorrido do que o do sr. Fontes, nenhuma dor publica foi mais expressivamente manifestada. Era que no homem que muitos amavam e alguns aggravavam, havia um fundo de moralidade e de dotes civicos e patrioticos a que todos, sem excepção alguma, votaram agora e espontaneamente a mais respeitosa homenagem.

Fontes viveu com amigos e com adversarios peccadores, mas morreu deixando um pezar geral e unanime da sua morte. O Marquez de Pombal foi um character admiravel, verdadeiramente grande, mas a sua morte politica, que antecederá a morte do seu corpo, unica cousa que já restava d'aquelle gigante, foi abrir masmorras para se dar a liberdade a muita gente que elle retinha sob os ferros de el-rei, e pôr termo a muitas desgraças de pessoas e de familias inteiras; pelo contrario na chorada morte de Fontes Pereira de Mello, vimos todos o reconhecimento geral e incontestavel do seu elevadissimo merito, da sua probidade e dos seus valiosissimos

serviços ao paiz. Como muito bem terminou o sr. Manuel d'Assumpção o seu primoroso discurso, sobre o ataúde do sr. Fontes:

«Morreu pobre, mas morreu contente...
«Porque a sua terra amou e a sua gente.»

*

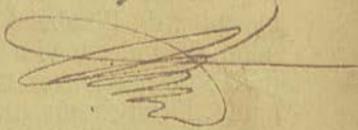
* *

Peço desculpa de qualquer falta involuntaria que commettesse n'este trabalho, que fiz em breves horas com o animo conturbadissimo e os olhos cegos de lagrimas. Merecia-as a amisade que sempre existiu entre o illustre finado e eu.

Não estava ao meu alcance dar-lhe outro testemunho se não este do meu trabalho e dedicação leal á sua honradissima memoria.

O meu trabalho foi feito entre mais de cem jornaes.

Caro sr. Lafres



AS TRINTA E SEIS HORAS DA DOENÇA DO SR. FONTES E OS SEUS ÚLTIMOS MOMENTOS

Eis a exactíssima narração feita pelo sr. conselheiro Pí-
nheiro Chagas no seu *Correio da Manhã*:

«No dia 30, Fontes jantára em casa do sr. ministro da
Russia. Recolhêra a casa em excellentes disposições, estivera
algum tempo entretido a jogar com os seus, e dissera-lhes
alegremente que, apesar de ter sido obrigado a afastar-se
n'esse dia do seu regimen habitual d'estes ultimos tempos,
não sentia o mais leve incommodo. Com estas boas palavras
se despediu e se recolheu ao quarto n'essa casa fatal, que
tinha de ser a casa mortuaria dos chefes dos dois partidos
monarchicos — a casa onde morrêra Anselmo Braamcamp, —
a casa em que ia morrer Fontes Pereira de Mello.

«Havia tempos que Fontes se preocupava com a idéa de
não ter jazigo proprio. Mandára-o fazer, e no dia 20, exacta-
mente no dia em que adoeceu, vieram trazer-lhe a chave do
jazigo acabado.

«— Já tenho casa — disse elle alegremente.

«Mas quando a congestão pulmonar começou a afirmar-se,
o sr. Fontes sentiu passar-lhe na mente como que a sombra
das azas d'essa ave de mau agouro, e disse para uma de suas
sobrinhas, com certa melancolia:

«— *Ninho feito, péga morta.*

«A citação do proverbio trouxe-lhe apenas uma sombra,
que se desvaneceu. O sr. Fontes parece não ter sentido,
senão vagamente, os passos da morte que se approximava.

«As cinco horas da manhã do dia 21, o sr. Fontes acordou
incommodado. Chamou, veio gente, e elle disse então que
não se sentia bem do estomago. Chamou-se o seu medico, o
sr. Ornellas. Veiu e receitou um laxante, que logo se appli-
cou, mas o sr. Fontes não o conservou no estomago, vomit-
ou-o. Comtudo, como dizemos, nada fazia presentir uma
doença grave. Era uma indigestão, resultante de se ter afas-

tado do regimen alimenticio que estava seguindo. Para a noite, porém, o seu estado começou a inspirar algumas inquietações.

«Queixava-se de uma forte dor no peito; e elle mesmo declarou que lhe parecia ter alguma cousa pneumonica. Foi-se chamar o sr. Ornellas, que se não encontrou desde logo, e entretanto o sr. Eduardo Burnay, vizinho do fallecido estadista, appareceu em casa, viu o doente, e confirmou as suas apprehensões. Havia pneumonia.

«Os amigos que tinham ido á casa do pateo do Tijolo separaram-se um tanto inquietos, mas bem longe de presentirem a desgraça que estava para succeder. A familia, sua irmã, suas dedicadas sobrinhas, velaram junto do leito do enfermo, preocupadas, vagamente inquietas, mas confiando, como todos confiavam, nos poderosos recursos d'aquella organização privilegiada. A noite passou-se assim, entre sustos e esperanças, e foram estas que predominaram ao romper da manhã, porque o doente socegára e ás cinco horas, se não estava melhor, não peiorára tambem.

«O sr. Ornellas, comtudo, é que estava já muito inquieto, porque reconhecêra que o seu illustre doente fôra atacado por uma pneumonia dupla. Applicou-lhe um caustico, e esse energico medicamento não produziu o minimo effeito. O doente não tinha febre, nunca a temperatura do corpo se elevou acima de 38,5, e esse symptoma, que tranquillizava os profanos, era o que mais inquietava os homens de sciencia. O doente não tinha reacção, o sangue quasi que não circulava, a congestão pulmonar manifestava-se de um modo aterrador.

«O susto invadia já todas as pessoas que rodeiavam o doente, mas este conservava toda a presença de espirito, inquirei para que eram os remedios, e não parecia ter consciencia da immensa gravidade do seu estado. Fez-se uma conferencia entre os srs. Ornellas, May Figueira e Eduardo Burnay. O sr. Manuel d'Assumpção, que apparecêra afflictissimo, foi buscar o sr. dr. Lourenço de Almeida e Azevedo. Este veio, encontrou em conferencia os seus collegas, foi ver o enfermo, e saiu do quarto com a convicção profundamente dolorosa de que o doente estava irremediavelmente perdido.

«A angustia, a afflicção, eram nas pessoas da casa, nos amigos que tinham apparecido, o que pôde facilmente imaginar-se. As senhoras, a quem os medicos não tinham querido dar o golpe cruelissimo, choravam, comtudo, pungidas por crueis sentimentos; mas afastavam-se do enfermo para chorar, porque elle, completamente senhor da sua rasão, com o seu

clarissimo espirito, adivinharia, na expressão dos seus rostos, a fulminante sentença. Quem se mantinha sempre a seu lado era uma das sobrinhas que elle mais estremecia, se no immenso affecto que elle tinha aos seus se podessem estabelecer gradações — a sr.^a D. Maria Thereza Diniz, filha do nosso prezado amigo Pedro Diniz. Era essa que, com uma força de vontade superior aos seus annos, recalrava no fundo do coração as lagrimas que lhe acudiam aos olhos, comprimia no peito os soluços que a despedaçavam, e dava animo e coragem a todos, proporcionando assim ao tio a consolação suprema de passar da vida á eternidade, debaixo da luz de um olhar affectuoso, e do candido sorriso de uns labios em flor, que deixavam cair sobre essa placida agonia como que o halito ineffavel das immortaes esperanças.

«A agonia vinha, mas suave, quasi sem soffrimentos. Morreu entre sorrisos. A sua alma desprendeuse-lhe do corpo como o suspiro se desprende dos labios. Fallava sereno e sorridente. As vezes enleivava-se-lhe a lingua, e era uma angustia immensa para sua sobrinha ouvir essa palavra, que fôra a palavra mais firme e mais vibrante de Portugal, confusa como a de uma creança que balbucia. As vezes tambem o espirito fugia-lhe, e dizia palavras sem nexos, mas aquella vontade energica, que impozera a sua lei á propria natureza, ainda se manifestava n'esse momento supremo, e, fazendo um vigoroso esforço, o moribundo dizia: «Eu disse agora um «disparate. O que eu queria dizer era isto». — E formulava claramente o seu pensamento.

«Momentos depois, sua sobrinha fez-lhe umas fricções nos pulsos. Elle sentiu-a, e disse-lhe, sorrindo: «*Tu quoque!*» — E, como ella não percebesse, repetiu-lhe ainda a sorrir: «Tambem tu és medica?»

«A respiração tornava-se-lhe offegante. Estendeu as mãos, agarrou na mão de sua sobrinha, e levou-a aos labios.

«— Quer alguma cousa, meu tio?

«— Quero beijar-te a mão.

«Foram as suas ultimas palavras, palavras de carinho e de affecto. Fechou os olhos, e, inclinando a cabeça sobre os braços de sua sobrinha, expirou. Soltava-se dos laços terrenos, nos braços de uma creança, aquelle grandioso espirito!»

O QUARTO MORTUARIO

(Do Diário de notícias)

O quarto onde falleceu é rectangular, com as paredes forradas de papel cardinal escuro e apaineladas em molduras de estuque. Tem duas janellas e duas portas, que põem o quarto em communição com as casas interiores. O tecto é de estuque com ornatos. A mobilia é simples. No angulo que fica entre uma das janellas e uma porta está a cama de mogno á franceza, tendo de um dos lados uma mesa pequena de abrir. O corpo estava estendido sobre a cama, vestido com o uniforme de general. O parecer apresentava uma expressão suave e tranquilla. Aos pés do leito velava a sr.^a D. Maria Henriqueta, irmã do fallecido. Ao lado esquerdo e frente á cabeceira da cama estava uma pequena mesa armada em altar, tendo em cima um crucifixo alumiado por duas serpentinhas.

A camara ardente foi armada no proprio quarto mortuario, conservando-se o corpo sobre o leito até que foi mettido no caixão. Á esquerda da cabeça tinha o capacete e á direita uma corôa de flores. Aos pés viam-se outras corôas, lembranças de piedade e affecto das pessoas da familia do illustre estadista e de amigos mais intimos.

Na parede, á cabeceira do leito, foi armado o altar com crucifixo e quatro castiças. Nos angulos da casa collocaram quatro tocheiros.



Fachada da casa onde falleceu Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello

VISITA DE SUAS Magestades EL-REI E A RAINHA

Correu logo a noticia com a rapidez do raio. Os medicos, que estavam no quarto immediato, entraram e fizeram todos os esforços para revocar á vida o grande estadista. Foi tudo inutil; a morte empolgára de vez a sua presa!

Seu sobrinho, o sr. Fontes Pereira de Mello Ganhado, prevenira pouco antes alguns dos amigos politicos e pessoas de seu tio da situação gravissima em que elle se achava. El-Rei mandára saber noticias do enfermo, e recebêra em resposta noticias, não ainda aterradoras, mas graves. Apesar de todas as preoccupações, apesar de se saber já que o doente estava perdido, ainda ás cinco horas ninguem suppunha que estava moribundo o homem que expirava ás cinco e meia.

El-Rei ficára inquieto, e uma hora depois da morte d'esse homem, que tão affeçoado lhe fôra sempre, apparecia na casa mortuaria, acompanhado por Sua Magestade a Rainha, e sem saber ainda do funesto acontecimento. Foi á porta que os reaes visitantes o souberam, e foi entre um concerto de lagrimas e de soluços que Suas Magestades subiram a escada, para irem ao quarto do fallecido fazer a ultima visita ao seu fiel amigo.

Entraram; estendido no leito funebre achava-se o cadaver do politico eminente, conservando as feições serenas, como lh'as deixára a morte, que viera depois de uma agonia suave. Apenas o queixo inferior descaira um pouco, e, tomando logo a rigidez marmorea, tornára completamente impossivel o fechar-se-lhe a bôca. El-Rei e a Rainha, com os olhos banhados de lagrimas, ajoelharam diante do cadaver. Ajoelharam todos os que os tinham seguido, e era um espectaculo de véras imponente o d'essa ultima homenagem, o ver essas magestades da terra inclinadas perante a magestade suprema da morte, e os filhos das mais gloriosas dynastias do mundo inclinados diante d'essa outra gloria, que cercava ainda com os seus resplendores essa vasta fronte, em que

pulsára o cerebro mais potente que teve a politica portugueza da segunda metade do nosso seculo.

Ao saírem, depois de trocarem com varias pessoas presentes algumas palavras, deram á irmã do fallecido, com as suas consolações e com as suas proprias lagrimas, o testemunho mais eloquente da estima em que tinham quem tão lealmente os servira, da dor que lhes causava tão irreparavel perda.

*
* *

Vem aqui a proposito, como demonstração da estima de El-Rei ao sr. Fontes, a transcripção da seguinte carta, publicada no *Diario do governo* de 26 de maio de 1879, n.º 117.

Eis a carta de El-Rei:

Meu caro Fontes:

Foram tão unanimes as manifestações de cuidado durante a doença da Rainha, minha amada esposa, e de regosijo pelo seu restabelecimento, que ainda me sinto commovido pelas inequivocas provas de amor dos portuguezes pelos seus Reis. Se durante a grave enfermidade da Rainha, um sentimento doloroso feriu o meu coração de esposo, está bem compensado pelo da gratidão, Felizes os Reis que, nos seus dias de amargura, encontram a seu lado o povo, para pelo seu amor lhes mitigar a dor.

Desejo, pois, meu caro Fontes, que faça constar a todos os portuguezes, quão gratos estamos, a Rainha e eu, a tantas provas de interesse e affeição.

Paço da Ajuda, 24 de maio de 1879.

Creia-me — Seu affeçoado = D. LUIZ.

*
* *

Em Portugal não é costume os Reis irem honrar os funeraes de ninguém. O Sr. D. Pedro V, porém, acompanhado de seu pae, o Sr. D. Fernando, foram assistir de uma tribuna da Sé, ao funeral do sr. duque da Terceira.

É certo que, a excepção, o duque tinha as honras de parente, mas a verdade é que o Rei teria sido geralmente louvado se tivesse ido honrar os funeraes do duque de Loulé, marquez de Sá da Bandeira, de Joaquim Antonio de Aguiar, duque d'Avila e de Fontes Pereira de Mello.

As antigas pragmaticas da côrte do antigo regimen, preciso é que vão acabando no que nada têm que as justifique ante o novo regimen assás democratico liberal e os novos costumes.

Deus nos livre de dispensar os soberanos de prestarem as ultimas provas de gratidão e de apreço a quem lhes mereceu estima em vida.

A gratidão é sempre maior quanto de mais alto desce.

Esta nossa opinião é expressada com o mais profundo respeito por Sua Magestade El-Rei, que todos vêem á cabeceira dos enfermos que lhe são mais caros.

Honra lhe seja.

CONVITES

Todos os jornaes de Lisboa publicaram no sabbado os seguintes convites:

Maria Henriqueta de Fontes Pereira de Mello, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello Ganhado e sua mulher Maria Emilia da Silva Cabral de Fontes Ganhado, Maria Eugenia de Fontes Pereira de Mello Ferreira de Mesquita, Jacinta de Fontes Pereira de Mello Diniz, Carlos Augusto de Fontes Pereira de Mello, Augusto Cesar Ferreira de Mesquita, Pedro Guilherme dos Santos Diniz, João de Fontes Pereira de Mello Ferreira de Mesquita e Carolina de Paiva Cabral Couceiro Ferreira de Mesquita participam a todos os parentes e pessoas das suas relações, que foi Deus servido levar da vida presente seu muito querido irmão e tio Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, e que os seus restos mortaes foram depositados na igreja de Nossa Senhora das Mercês, no dia 23 do corrente, pelas oito horas da noite, saindo o prestito funebre para o cemiterio occidental, no dia 24, pelas duas horas da tarde.

Não se fazem convites especiaes.

O centro regenerador de Lisboa participa a todos os seus correligionarios o fallecimento do seu illustre chefe o conselheiro Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, e que o saímento funebre da casa da sua residencia para a igreja de Nossa Senhora das Mercês se realisou no dia 23, ás oito horas da noite, e d'esta igreja para o cemiterio occidental terá logar no dia 24, pelas duas horas da tarde. = O secretario, *Augusto Cesar Cau da Costa.*

*
* * *

Foram feitos muitos outros convites pelo banco hypothecario, diversas associações, companhias, etc.

NOTÍCIAS BIOGRÁFICAS

(Do Diário illustrado)

O sr. Fontes Pereira de Mello nascêra em Lisboa a 8 de setembro de 1819. Contava, portanto, sessenta e sete annos de idade.

Seu pae, o conselheiro João de Fontes Pereira de Mello, distincto official da armada, fôra em 1847 chamado aos conselhos da corôa para gerir a pasta da marinha.

Aquelle que mais tarde havia de ser illustre chefe do partido regenerador, pensou em seguir a carreira de seu pae, como official da armada; mas, mudando de tenção, assentou praça em engenharia a 20 de julho de 1835 como segundo tenente, sendo promovido a tenente em 20 de julho de 1841.

Ainda não tinha vinte e dois annos de idade.

Rebentando então no paiz a revolução do Minho, conhecida pela denominação popular da Maria da Fonte, o joven official seguiu a causa da rainha, servindo de ajudante de ordens do marechal Saldanha, e tomando parte na batalha de Torres Vedras.

Em 1848, o sr. Fontes Pereira de Mello veiu á camara eleito deputado por Cabo Verde. Tinha ali servido quando seu pae fôra governador d'aquella provincia ultramarina, e ali casára com uma senhora da familia Machado, que morreu tísica.

Madame Rattazzi, no seu livro *Portugal de relance*, conta largamente os desvelos com que Fontes Pereira de Mello tratára sua esposa durante a longa enfermidade a que succumbiu.

D'este casamento houve uma filha, que morreu menina.

A eleição por Cabo Verde fôra contestada, e o sr. Fontes chamado á barra para a defender.

Foi o seu primeiro triumpho parlamentar. Logo desde esse momento o sr. Fontes affirmára os seus creditos de orador

politico. E tanto assim foi que, vencendo em 1851 o movimento da regeneração, o marechal Saldanha confiou-lhe a pasta da marinha.

Na gerencia d'esta pasta, o joven ministro mostrou que sobre ser um distincto parlamentar, era tambem um homem de governo, um estadista.

Assim, tendo entrado em 7 de julho para a pasta da marinha, passou em 21 de agosto a gerir interinamente a pasta da fazenda, tomando a effectividade d'essa pasta em 4 de março de 1852.

Extraordinaria carreira politica esta, a de um homem de trinta e tres annos, a quem o marechal Saldanha confiava a pasta da fazenda n'uma epocha que emergia da revolução e em que era preciso edificar desde a base o nosso systema financeiro! Só um talento tão levantado e tão brilhante como o do sr. Fontes Pereira de Mello poderia conquistar tão rapidamente um tão proeminente logar na politica portugueza.

As luctas parlamentares eram então terriveis, ardentissimas de paixão partidaria. Fontes Pereira de Mello bateu-se gloriosamente no parlamento com os seus mais fogosos adversarios, e sempre com indiscutivel superioridade.

Ainda em agosto d'esse mesmo anno creava-se o ministerio das obras publicas, e Fontes Pereira de Mello ia gerir a respectiva pasta.

O sr. Fontes comprehendêra todo o alcance economico e politico d'essa nova pasta.

Pela pasta da fazenda procurára regularisar a situação financeira do paiz, fazendo em dia o pagamento a todos os empregados do estado, uma condição especial para que os serviços publicos fossem bem desempenhados. Pela pasta das obras publicas creava a viação publica em todo o paiz, lançava as primeiras redes de estradas reaes, e substituia o telegrapho electrico ao telegrapho de pau, desenvolvia o ensino agricola e industrial, lançava n'uma palavra as primeiras sementes da riqueza nacional.

Felizmente, Fontes Pereira de Mello podêra ver crescer a messe que semeára. Viu desenvolver-se, prosperar, medrar a riqueza publica. Era obra sua, e será esse, agora que a sua palavra eloquente emmudeceu para sempre, o titulo mais duradouro da sua indiscutivel gloria como homem politico.

Em 1860 voltou aos conselhos da corôa, gerindo a pasta do reino e interinamente a da marinha (1860).

Em 1865 geriu simultaneamente as pastas da guerra e fazenda.

Pela morte de Joaquim Antonio de Aguiar o sr. Fontes

fôra reconhecido como chefe do partido regenerador. Não houve vacillações. A sua auctoridade impunha-se.

Em 1871 tomou a presidencia do conselho de ministros, gerindo ao mesmo tempo a pasta da fazenda, e pouco depois, 1872, tambem a da guerra.

Em 1878 a regeneração voltou novamente ao poder, occupando o seu chefe a presidencia do conselho de ministros.

Desde então para cá todos os ministerios regeneradores foram presididos pelo seu chefe, com excepção do breve ministerio a que presidiu o sr. Sampaio, e a que o sr. Fontes succedeu, caíndo ultimamente, como é sabido, ficando o campo livre ao partido progressista, que occupa o poder.

No ultimo ministerio a que presidiu, de 14 de novembro de 1881 a 20 de fevereiro de 1886, foram promulgadas, entre outras, as seguintes leis :

Observaremos que o resumo que damos aos leitores é unicamente das leis mais importantes, pois que a darmos conta de todas ellas encheriamos as columnas do nosso jornal.

Addicional de 6 por cento sobre diversos rendimentos do estado.

Auctorisando a construcção dos caminhos de ferro de Cintra, Torres Vedras, Figueira da Foz, Beira Baixa, Algarve, Salamanca e Barca d'Alva, Vizeu e Mirandella, no continente e de Ambaca e Lourenço Marques, na Africa.

Tratado de commercio com a França.

Auctorisando o governo a contratar o lançamento de um cabo submarino para os Açores, America, etc.

Convenção com a Inglaterra, modificando diversas disposições do tratado de 1842 com o mesmo paiz.

Alumiamento e balizagem dos portos e costas maritimas do continente e ilhas adjacentes.

Sobre o uso das marcas de fabrica e de commercio.

Auctorisando a construcção dos portos de abrigo de Leixões e do Funchal.

Concedendo a aposentação aos escrivães de fazenda.

Approvando o contrato de navegação a vapor entre a metropole e os portos da provincia de Moçambique.

Organisando o curso do commercio no instituto industrial e commercial de Lisboa.

Organisando os serviços hydrographicos no continente do reino.

Auctorisando a cultura do tabaco, a titulo de ensaio, na região vinicola do Douro.

Auctorisando o governo a contratar o estabelecimento de um cabo submarino entre Hong-Kong e Macau.

Reformando diversos artigos da carta constitucional.

Reformando a lei eleitoral.

Modificando a organização da camara dos pares.

Decretando a livre exportação de moeda de oiro e prata.

Creando o conselho superior de instrucção publica.

Organizando o corpo de marinheiros, etc.

Reformando o codigo penal.

Organizando a direcção geral, o conselho geral, os quadros e os serviços das alfandegas e da fiscalisação externa.

Permittindo o commercio livre de cabotagem entre as provincias ultramarinas a leste do Cabo da Boa Esperança e os portos do continente e ilhas.

Isentando de impostos de tonelagem e outros os vapores que nas ilhas adjacentes receberem carvão, refrescos ou vão a concertos e reparos.

Contratando o lançamento de um cabo submarino para as possessões da Africa occidental.

Creando uma caixa geral de aposentações para todos os funcionarios civis do continente e ilhas adjacentes.

Remodelando os serviços da caixa economica portugueza.

Auctorisando o governo a contratar as obras do porto de Lisboa.

Reformando a organização administrativa do municipio de Lisboa.

Creando e organizando o districto do Congo, na Africa occidental.

Approvando a acta geral da conferencia de Berlim sobre os negocios do Congo.

É-nos completamente impossivel fazer ainda n'este momento a biographia completa de Fontes Pereira de Mello. Não o comportam o estado do nosso espirito nem as dimensões do nosso jornal. Far-se-ha, como não pôde deixar de ser, e então serão passados em revista, com largueza de apreciação e verdade historica, todos os relevantes serviços que o sr. Fontes prestára ao paiz, todos os actos utilissimos das suas administrações.

O futuro ha de mostrar completamente, como o presente tem já mostrado, que elle tinha uma segura intuição de todos os progressos administrativos e do engrandecimento do paiz pelo desenvolvimento simultaneo e paralelo de todas as suas forças vitaes.

Nada ha mais difficil nem mais espinhoso do que reformar, e Fontes Pereira de Mello foi um grande reformador liberal, um verdadeiro reformador do seu tempo, um estadista do seu seculo.

O FUNERAL

Do JORNAL DO COMMERCIO

(Jornal do partido regenerador)

Foi imponente, foi grandioso o espectáculo a que Lisboa assistiu hoje!

É commovente o que ha dois dias se passa em todo o paiz!

A dor da familia, as lagrimas sinceras de centenaes de amigos, a voz unisona da imprensa, a palavra eloquente dos oradores, o recolhimento pezaroso de todo um povo, que parece ainda assistir a um sonho, acompanharam á morada derradeira o homem eminente, cuja morte deixa no paiz um vacuo enorme, cheio de tristezas no presente e de interrogações no futuro.

Desde ha muitos annos que não ha memoria de uma manifestação tão commovedora!

Já hontem, a conducção do cadaver de Fontes Pereira de Mello da casa do pateo do Tijolo para a igreja das Mercês deu ensejo a um acto brilhante e commovedor.

Durante o dia o povo concorrêra numeroso á casa mortuaria, com aquella curiosidade natural, cheia de saudade e de respeito, que o levava a prestar a derradeira homenagem áquelle que durante a vida respeitára e amára. Desejava confirmar-se pelos seus olhos da fatal desgraça, pois mal podia ainda acreditar que a morte tivesse tido força para derrubar tão de subito aquelle athleta intemerato, vencedor em tantas luctas ingentes!

Foi uma romaria piedosa, onde muitas lagrimas se derramaram, onde muitos soluços se fizeram ouvir.

Cerca das oito horas da noite, as immediações da casa estavam cheias de povo, que se estendia em alas até á igreja de Jesus. No palacio do pateo do Tijolo reunia-se tudo que ha de mais conhecido em Lisboa; o governo estava representado pelos srs. ministros do reino, fazenda, guerra, obras

publicas; o partido regenerador tinha ali os seus generaes illustres e os seus soldados mais modestos, o alto functionalismo, os altos poderes do estado, todas as corporações estavam numerosamente representadas. O pateo, o atrio, as salas do andar inferior, e a escada e salas do andar nobre, que conduziã ao quarto mortuario, estavam litteralmente cheias de gente.

Quando lá chegámos, a onda de amigos que desejavam lançar o derradeiro olhar sobre o finado chefe era compacta à porta do quarto, e difficil a passagem. Fomos tambem dos que desejámos ter impresso na memoria aquelle quadro funebre.

O cadaver de Fontes Pereira de Mello, estendido sobre um leito baixo, jazia inerte, rodeado de corôas de hores, vestido de general, e conservando no rosto a expressão de energia que tanto o caracterisava. Em frente, n'uma mesa armada em altar, um Christo crucificado abria os braços, n'um gesto que parecia significar quanto diante d'aquelle cadaver era justo que as luctas cessassem e os odios pedissem tregua.

Passava das oito horas, e era ainda impossivel suster a onda que invadia o quarto; mas, como era occasião de passar o corpo para o caixão que o devia transportar, teve de se fechar, quasi que violentamente, as portas.

No acto do encerramento do corpo reconheceu-se que este inchára um pouco e não cabia no caixão que estava preparado, e teve de se mandar buscar outro. D'ahi a demora, que fez com que o saimento só se realisasse cerca das nove horas.

Um esquadrão de lanceiros acompanhou o prestito, e todos os assistentes, menos poucos cavalheiros, que tinham ido antecipadamente à igreja, seguiram a pé o caixão modesto, forrado de preto e guarnecido de galões dourados, que era conduzido, a braço, pelos partidarios e amigos do finado, organisados em grupos, formados do seguinte modo:

1.º grupo — Visconde de Bivar, Jayme Pinto, Antonio de Azevedo Castello Branco, Telles de Vasconcellos, Adriano Cavalheiro, Francisco Margiuchi, Peito de Carvalho e Pedro Correia.

2.º — Serpa Pinto, Pequito, Custodio Borja, Ferreira do Amaral, Jerônimo Pimentel, Cunha Reis, Rodrigues Costa e Caetano de Carvalho.

3.º — José de Azevedo Castello Branco, Germano Sequeira, Luciano Monteiro, Novaes, Pedro Victor, Antonio Pessoa de Amorim, Carlos Bocage e Agostinho Lucio.

4.º — Joaquim José Alves, Lagrange, Luiz Coutinho Ju-

nior, Neves Carneiro, Gomes Barbosa, visconde de Reguengos, Severo dos Anjos e Rosa Araujo.

5.º — Ponces de Carvalho, Lopes Navarro, H. de Alcantara, Sebastião Baracho, Eusebio Palmeirim, Eugenio Ricardo de Almeida e Pedro Vasques.

O largo de Jesus estava atulhado de povo.

O caixão foi collocado n'um catafalco erguido ao meio do templo, e em alas, de brandões accesos, as filas dos assistentes formavam um quadro magnifico.

Durante a noite toda, o cadaver foi velado por amigos, que se revejavam de duas em duas horas, havendo alguns que velaram toda a noite, entre estes Serpa Pinto e Cardoso.

Mas hoje a imponente manifestação excedeu toda a expectativa.

O vasto templo de Jesus, onde se rezaram os officios, presididos pelo arcebispo de Mitylene, não tinha espaço para conter os que accorreram a render aquelle derradeiro preito ao grande estadista morto.

É incalculavel a quantidade de carruagens que, depois de conduzir as pessoas á igreja, se estendiam em negras filas pelas ruas da Cruz dos Poyaes, S. Marçal, praça das Flores, travessa da Palmeira, travessa de S. José, rua dos Cardaes, rua do Arco a Jesus e todas as outras proximas.

Resolvêra-se que fossem a pé os que podessem ou desajassem, e poucos foram os que, por qualquer motivo de força maior, se dirigiram de carruagem ao cemiterio. O caixão foi n'um coche da casa real, e ia coberto com uma bandeira portugueza, e sobre ella as numerosas corôas.

O desfilar lento do prestito, n'um recolhimento religioso, por entre as alas da tropa, ao som merencorio das marchas funebres, tocadas pelas bandas dos regimentos, produzia um effeito magnifico.

Pelas ruas por onde o prestito passava, por todas ellas, desde a igreja até ao cemiterio, as alas de povo eram compactas, pelas janellas, pelas escadas, até por sobre os telhados havia gente ansiosa de ver.

O cortejo numerosissimo seguiu pela travessa do Convento de Jesus, ruas dos Cardaes, S. Bento, Sol ao Rato, Santo Ambrosio e Saraiva de Carvalho.

Atraz dos coches que conduziam o cadaver e os sacerdotes iam as carruagens dos representantes da casa real, do governador civil de Lisboa e do ministro da guerra, seguindo-se a esta o general de divisão com o seu estado maior e logo atraz os regimentos.

No cemiterio esperavam todos os ministros e ministros

das côrtes estrangeiras, e entre elles vimos os de Italia, Hespanha, França, Suecia e Belgica.

Outros estariam de certo, que não podémos avistar, tal era a agglomeração de gente, rasão tambem, naturalmente, por que não poderam esses representantes estrangeiros ser convidados a segurar nas borlas do caixão. Mas o aperto era enorme.

Os ministros da Italia e Hespanha representavam no funeral os soberanos dos seus paizes, como grão-mestres das ordens da Annunciada e Tosão de Oiro, de que Fontes era um dos membros distinctos.

Tambem se encorporaram no prestito dois asylos municipaes, a primeira e segunda secção, um de rapazes e outro de raparigas, que, caminhando em alas, produziam um bello effeito.

Entre as corporações representadas estava a camara municipal, a associação commercial, a dos caminhos de ferro norte e leste e os bombeiros da imprensa nacional.

Os officiaes dos diversos regimentos da provincia, que se acham em Lisboa, representavam as suas corporações.

O jazigo da familia Fontes, jazigo modesto, para onde foi o cadaver do homem que bem merecia ter um logar n'um pantheon nacional, está no extremo de uma rua em construcção, por meio de aterramentos; de modo que era perigosa a accumulacção de gente junto ao talude extremo. O caixão foi poisado n'um descanso proximo, e foi ali que a palavra eloquente e commovida de Manuel d'Assumpção, de Pinheiro Chagas e de Arroyo, fez, entre as lagrimas de quantos os ouviam, a apotheose do morto, que não era mais do que o reflexo da apotheose que todo o paiz lhe estava fazendo n'aquelle momento.

E as descargas da infantaria, e os tiros dos canhões, annunciaram depois que baixára finalmente á sua lugubre morada derradeira aquelle que fôra em vida a primeira cabeça dirigente do paiz.

Á saída da igreja pegaram ás argolas do caixão os srs.: Margiochi, major Alberto de Oliveira, capitães Barjona de Freitas, Bocage, Fernando de Serpa, Dias, Lamare e Custodio Borja. Ás borlas pegaram os srs.: Jayme Moniz, Pinheiro Chagas, duque de Loulé, Lourenço de Carvalho, Couto Monteiro, Antonio Augusto de Aguiar e Barbosa du Bocage.

Das portas do cemiterio para a capella pegaram ás argolas os srs.: Lamare, Avellar Machado, alferes Diniz, capitão Bocage, Cunha Bellem, major Avila, Vasconcellos e Sá e o capitão Albuquerque, e ás borlas os srs.: José Luciano de

Castro, Beirão, Henrique de Macedo, Marianno de Carvalho, Barros Gomes, Emygdio Navarro, Abreu e Sousa e conde de Valbom; conduziram o caixão da capella para o jazigo, pegando nas argolas, os srs.: Lamare, Avellar Machado, Diniz, Alfredo Barjona, Cunha Bellem, Antonio José d'Avila, Vasconcellos e Sá e capitão Albuquerque. Pegaram ás borlas os srs.: visconde de S. Januario, de Bivar, de Arriaga, Cau da Costa, Barros e Sá, Francisco Costa, Telles e Vasconcellos e general Dias.

Da REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

(Jornal do partido regenerador)

1.º

A conducção do cadaver de Fontes Pereira de Mello, desde o quarto onde falleceu até á parochial igreja de Nossa Senhora das Mercês, no extinto convento de Jesus, em que primeiro foi depositado, é das demonstrações mais sollemnes e imponentes de que ha memoria.

A multidão agglomerava-se compacta em todas as cercanias da casa do finado, nos arredores da igreja, e em todas as ruas do transitio.

Nas salas do palacio de residencia do morto foi enormissima a concurrencia de amigos e correligionarios, que á porfia disputavam accesso até mais proximo dos aposentos do morto.

Durante todo o dia, o cadaver estivera patente e foram innumerous os visitantes, de todas as condições e categorias, não sendo o nosso bom povo o menos sollicito em prestar esta derradeira homenagem ao grande homem, nem o menos commovido ante o cadaver d'aquelle homem ainda hontem tão prestigioso, e que a morte aureolava agora com prestigio ainda maior.

Muitas foram as pessoas que ajoelharam junto do leito mortuario; muitas as que beijaram reverentes aquella mão inerte e fria, muitissimas as que choraram ao despedirem-se para sempre do glorioso estadista.

As oito horas da noite vedou-se com difficuldade o accesso até ao quarto do morto, porque a inconsolavel familia reclamava para si aquelles extremos instantes do adeus derradei-

ro, e queria cumprir os ultimos deveres de piedade, sobre o cadaver querido no seu frio ataude.

Alguns amigos dos mais dedicados tinham combinado entre si carregarem com o caixão á mão, deixando a offerta das borlas para as pessoas de distincção a quem a illustre familia as quizesse destinar.

A noticia circulou logo de bôca em bôca, e em breve todos disputaram a honra de transportarem aquelle cadaver venerando. Os homens mais antigos do partido, os mais altamente collocados na escala da politica foram dos primeiros a disputar aquelle funebre encargo.

Foi preciso tentar organizar grupos; mas em breve se reconheceu que era baldado o empenho. Quando as portas do quarto se abriram, conduziam até á porta da rua o caixão do grande homem todos os seus parentes e amigos mais intimos, e as senhoras de familia seguiam atraz com vélas accensas.

Assim foi o prestito até fóra da porta do jardim, onde as senhoras se recolheram, entre lagrimas e deliquios, sendo desde então disputadas por todos as argolas do caixão, que no longo percurso teve sempre quem a ellas pegasse pressuroso, até chegar á igreja.

A multidão enorme, compacta, seguia atraz, n'um recolhimento religioso, n'um silencio imponente.

Na igreja esperava o cadaver, quasi todo o ministerio, e muitas pessoas notaveis, sendo muitas as que depois entraram no longo prestito.

O cadaver foi velado toda a noite por amigos dedicados.

Sobre o caixão, coberto com a bandeira nacional, foram depostas muitas corôas.

2.º

Dorme o somno frio, na sua morada derradeira, esse que foi grande na terra, que foi quasi omnipotente no paiz.

O homem, cuja vontade tantos procuravam adivinhar, cujo pensamento todos queriam penetrar, cujo conselho a todos aprazia ouvir, o homem que teve tão decidida influencia no seu partido, e até por vezes nos partidos adversos, aquelle que conquistou tamanho prestigio e tão alto renome, tem hoje a sua primeira noite de solidão entre as acanhadas paredes do mausolêu, que para si acabára de mandar construir.

Viveu nos braços da felicidade; morreu nos braços de uma creança amantissima; encerrou-se no tumulo nos braços

d'essa outra creança, variavel mas boa, sensivel e apaixonada, que se chama o povo.

O cortejo que acompanhou ao cemiterio dos Prazeres o cadaver de Fontes Pereira de Mello não se descreve. Póde talvez definir-se em breves palavras:

Foi toda a gente.

Toda a população de Lisboa, todo o paiz, toda a Europa, todo o mundo culto acompanhava pessoalmente, ou acompanhava por meio de representação de commissionados, ou acompanhava em espirito os restos mortaes do grande homem.

Das NOVIDADES

(Jornal do partido progressista)

O funeral de Fontes Pereira de Mello foi um verdadeiro acontecimento. Toda a cidade affluio ás ruas do transito, e a concorrência na igreja e no cemiterio era enorme. A esta hora, porém, passaram já todas as pompas do extraordinario cortejo, que acompanhou á sua derradeira morada os restos inanimados d'aquelle que, ainda hontem, era uma das personalidades mais vivas e mais militantes da sociedade portugueza. E o silencio gelado do tumulo substituiu o ruido de uma grande situação e a actividade de um grande espirito!

Oxalá a herança de Fontes, que é gloriosa mas pesada, tenha quem a possa addir; oxalá n'aquelle jazigo, em que ficou o cadaver de um homem notavel, não ficasse tambem encerrada a historia de todo um partido; oxalá a memoria do chefe prestigioso saiba fallar na morte com a auctoridade e a força que tinha em vida a sua palavra! Taes são os nossos votos mais leaes e mais sinceros.

Do IMPARCIAL

(Jornal do partido regenerador)

O funeral do grande estadista constituiu uma das mais imponentes demonstrações de respeito e affecto que um povo civilisado póde dar ao homem que, pelos seus altos talentos

e valiosos serviços á patria, se tornou verdadeiramente notavel e benemerito.

O acompanhamento funebre do chefe do partido regenerador era de muitos milhares de pessoas, entre as quaes todas as que com elle haviam sido ministros, membros do partido progressista, jornalistas, funcionarios publicos, commerciantes, industriaes, etc.

Depois das encomendações na igreja das Mercês, que estava completamente apinhada de pessoas de todos os partidos e de todas as classes sociaes, poz-se em marcha o funebre cortejo, indo á frente d'elle, a pé, muitas creanças de diversos collegios municipaes, seguindo-se grandissimo numero de militares e de outras muitas pessoas, e após ellas o coche da casa real com o cadaver, coches de respeito e um regimento de cavallaria.

Á hora adiantada a que escrevemos não podemos dar promenores, o que ámanhã faremos.

No cemiterio fallaram primorosamente, commovendo a immensa multidão, os grandes oradores Manuel d'Assumpção e Pinheiro Chagas.

Manuel d'Assumpção, esse elevado character e generoso espirito, não podendo occultar a commoção profundissima que o dominava, traduziu eloquentissimamente na sua palavra, sempre bella e admiravel, a dor que punge o partido regenerador e a grandeza da perda que o paiz acaba de soffrer.

Concluiu o seu esplendido e tocante discurso com uma terminante asseveração, que causou em todos os que o ouviram uma impressão enorme, e foi que esse homem, cujo cadaver ali estava, ministro tantas vezes, que tantos contratos e convenções fizera, que secundára os elementos da prosperidade publica, que a tão alto subira, no conceito dos seus concidadãos e tão respêitado era em toda a Europa — morrerá pobre.

E é verdade. Fontes Pereira de Mello apenas deixa dividas!

Fallou depois, e tambem excellentemente, como costuma, o sr. dr. João Arroyo, que já na tribuna parlamentar havia mostrado os grandes dotes oratorios de que dispõe.

Deram-se as descargas do estylo ao encerrar-se no mausoléu o corpo inanimado do egregio estadista.

No cemiterio, como em todas as ruas por onde passou o prestito funebre, a concorrência de povo era enorme. Talvez mais de oitenta mil pessoas.

Do CORREIO DA MANHÃ

(Jornal do partido regenerador)

Acabámos de assistir á manifestação mais grandiosa que um povo inteiro pôde prestar á memoria de um homem notavel. Quem percorreu hontem de tarde as ruas por onde passava o enorme cortejo funebre, que acompanhou até ao cemiterio dos Prazeres o cadaver do nosso venerando chefe, viu bem que não é apenas a idéa de fazer uma phrase o que nos levou a adjectivar essa manifestação, mas unica e simplesmente o dever de resumir aqui, a correr, a descripção mais perfeita de um facto altamente significativo e sinceramente patriótico.

— Não nos lembra, diziam os mais velhos, de assistir a um cortejo tão imponente como este. E assim era. Esse cortejo, onde iam representadas todas as classes sociaes, onde todas ellas tinham o seu lugar, porque todas ellas tinham tambem occupado um lugar no pensamento d'esse grande homem, desfilou hontem silencioso pelas ruas de Lisboa, e á sua passagem o povo abria alas, n'uma delicadeza respeitosa, que por mais de uma vez nos impressionou de véras. Assim, na parte mais estreita da rua de S. Bento, onde o trajecto se fazia a custo pelo mau estado da calçada, nós vimos o povo recuar até junto dos predios e abrir logar pelos passeios áquelles que iam ali prestar o ultimo tributo de respeito por esse morto illustre.

.....

Mas superior ao aspecto das ruas, como na avenida dos Prazeres, onde de um lado e de outro, em toda a longa extensão das duas muralhas que lhe fazem parede, ondulava um sem numero de cabeças; superior á impressão produzida pela passagem de muitos homens duplamente respeitaveis pelos seus serviços e pelos seus cabellos brancos, os quaes percorreram a pé todo o trajecto como o sr. general João Chrysostomo de Abreu e Sousa, um dos mais illustres membros do partido progressista; superior a tudo isso era sem duvida o aspecto do cemiterio, quando se depoz o caixão no ultimo descanso, antes de entrar no jazigo da familia Fontes. O sol estava prestes a sumir-se de todo no horizonte, a noite approximava-se, a aragem corria mais fresca, e em torno d'esse ataúde, milhares de homens descobriram-se então n'um silencio profundo, apenas cortado de quando em

quando pelo sereno rumorejar das folhas dos cyprestes, e pela eloquencia commovida dos tres oradores escolhidos para dizerem ali, na sua palavra inspirada, o ultimo adeus ao mestre, ao amigo, ao portuguez illustre que tão alto soubera levantar o nome do seu paiz, dentro e fóra d'elle, como muito bem recordou Manuel d'Assumpção.

E foi essa imponentia que tornou verdadeiramente grandiosa a manifestação que Lisboa acaba de fazer ao mais notavel dos estadistas contemporaneos.

Do INTERESSE PUBLICO

(Jornal independente)

Fomos ao cemiterio como toda a gente. Porque todos lá foram, sem duvida, tal era o montão de povo, tamanbo o luzir das fardas, tanto o movimento e o bulicio nas ruas!... E os que não foram, acudiram ás janellas a ver passar o cortejo, o cortejo mais imponente que ha muitos annos temos visto, cortejo que, revelando e accentuando a impressionabilidade do povo portuguez, foi uma verdadeira apothese a esse estadista notavel, que teve a rara fortuna de bem morrer depois de tranquillamente ter vivido na altissima situação de um chefe politico poderoso e estimado, merecendo a sympathia publica e os affectos da realza, sobrelevando a quasi todos pela sua influencia pessoal e pelo seu valor incontestavel, tão individual e tão subjectivo, que se um partido se pôde resumir n'uma só pessoa, mais do que nunca se podia dizer, ha pouco, entre nós, que o partido regenerador era realmente o partido do sr. Fontes.

É notavel esta espontaneidade nervosa do nosso povo, no fundo da qual, escondida na propria curiosidade que o impelle, jaz e procede um alto sentimento de justiça instinctiva, que é a melhor affirmação da generosidade dos seus instinctos e do verdadeiro quilate do seu valor psychologico e social. Não foi, portanto, apenas, a curiosidade esteril o sentimento que impelliu hoje o povo de Lisboa a saudar, pela ultima vez, o que fóra, por tantos annos, por assim dizer, o arbitro dos seus destinos economicos e politicos, foi a sympathia de uma nação, a saudade de um povo justamente envaidecido por um dos seus homens mais illustres e respeitados que ali o levou, commovido e justo.

Dissemos que foi enorme a multidão. A muitos ouvimos que seria difficil achar-se saimento tão magestoso, pelo cortejo que o constituiu, depois do enterro de El-Rei D. Pedro V. . . É possível que assim fosse, o que não quer dizer que depois da morte d'aquelle monarcha não nós tivéssem infelizmente desaparecido na voragem da morte, que não descansava, alguns portuguezes de alta estatura moral, equiparavel ao do illustre chefe do partido cuja morte todos deploráramos. . .

Fallaram junto do sarcophago os srs. Assumpção e Pinheiro Chagas, seguindo-se-lhes o sr. Arroyo. O sr. Assumpção, dominado por intensissima saudade, fallou por fórma a commover profundamente o auditorio, que o escutava, por vezes com a mágua espontanea e viva que não poupa lagrimas, nem soluços. . .

Fallou bem, como sempre, revelando-se na sua oração a delicadeza do seu espirito e extrema bondade da sua alma.

O sr. Pinheiro Chagas, igualmente inspirado, eloquente e conceituoso, soube ferir as notas do mais profundo sentimento, elevando-se por vezes, nos seus conceitos, á altura de um philosopho e á suavidade de um poeta.

O sr. Arroyo terminou aquelle preito de eloquencia por fórma a deixar bem patente a dor que o ferira com a morte do que fôra seu chefe e jazia agora, inerte e frio, na aurora da sua tão merecida e justificada immortalidade.

Do DIARIO POPULAR

(Jornal do partido progressista)

A concorrencia foi enorme, tanto nas ruas como nas janellas. As senhoras estavam quasi todas vestidas de luto. Da igreja de Jesus até o cemiterio dos Prazeres o povo formava duas alas compactas.

Havia nos espectadores o maior respeito e compostura. O cortejo desfilava sem difficuldade, porque os espectadores, sem necessidade da intervenção policial, eram os primeiros a abrir caminho e a desimpedir o transito. Na rua que vae á porta do cemiterio, tanto o muro como os relevos do terreno marginal estavam cobertos de povo.

Apesar da policia tratar de conter a multidão enquanto

não chegasse o cortejo, o cemiterio encheu-se de gente antes do feretro ali chegar.

A policia formára um cordão em volta do tumulo, e de outro modo seria impossivel ás pessoas que compunham o prestito, quer por dever de amizade, quer por obrigação da posição, acompanharem os restos mortaes do sr. Fontes á ultima morada.

Em um largo espaço á volta do tumulo, trepados nas cruzes, dependurados dos beirões dos mausoleus, cobrindo as encostas circumvizinhas, havia multidão compacta de concorrentes.

Da NAÇÃO

(Jornal do partido legitimista)

Verificou-se a 24 o funeral do sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, chefe do partido que, por mais tempo, durante este ultimo terço de seculo occupou o poder.

Não é hoje occasião de medirmos a estatura do estadista e do homem publico, diante dos poucos palmos de terra que occupa a esta hora o seu cadaver inanimado. A historia o julgará com a frialdade que deve caracterisar as suas apreciações, mas quando o homem não esteja protegido ainda pela inviolabilidade da occasião muito proxima do seu passamento.

O partido legitimista portuguez, respeitando a tradição da sua velha bandeira, lá foi tambem inclinar-se diante do objecto que causou a dor dos seus adversarios politicos, fazendo essa dor sua tambem.

Como partido, enviámos pois aos amigos politicos do finado os nossos sinceros pezames, e a redacção d'este jornal os envia muito mais sentidos, e muito especialmente á ex.^{ma} sr.^a D. Maria Henriqueta Pereira de Mello, irmã do fallecido, assim como a toda a sua ex.^{ma} familia.

Seja com Deus.

*
* * *

Ao chegar ao jazigo, foram proferidos os seguintes discursos, que o sr. Lagrange, tachygrapho da camara electiva e do parlamento brasileiro, estenographou.

Do sr. conselheiro Manuel d'Assumpção

Meus senhores! É só para dizer-lhe — *Adeus!* — A voz humana não alcança o infinito; e o coração, que pulsa maguado, não póde buscar primores de linguagem quando d'elle só brotam soluços doloridos! A palavra é fraca e curta para expressar a enormidade d'esta dor; dor que não é só de nós, d'aquelles que de perto conheceram esse nobre coração, essa alma generosa, esse leal character, sempre grande, que se chamou Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello; mas a dor nacional, porque a este ataúde acompanha no funebre cortejo a dor de todos os que sentem pulsar no peito um verdadeiro coração de portuguez. (*Muito bem.*)

A familia perdeu o arrimo, o amparo, os affectos, em que era extremosissimo; nós, os amigos, perdemos um amigo, como raro apparece na terra. (*Muito bem.*)

Os partidarios perderam o seu chefe, aquelle homem de tão rara energia, de tão honesta firmeza, que nunca, em sua larga carreira, teve um só momento de hesitação diante do dever civico; aquella formosa intelligencia, tão rica dos thesouros da experiencia, tão illuminada pelas sublimidades da inspiração, que todos nós juravamos na infallibilidade do seu bom senso, como se fosse um Evangelho social.

Perderam muito a familia e os amigos; perdeu muitissimo o seu partido; mas a patria? . . . Mas Portugal?! . . . Quem ha ahi que possa avaliar o que perdeu?!

E como elle amava a sua patria! Com que cuidados a desvelava, como fazia soar altivo e orgulhoso o nome portuguez, como lhe votava alma, vida e coração!

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello! Que nome, meus senhores! Que nome, e que saudade tão triste!

Abriu-se para elle a porta mysteriosa por onde vae entrar na immortalidade.

A luz, que irradiava d'aquella formosa alma, está já formando a aurora esplendida da sua gloria. O tumulo, abysmo insondavel, sorveu todas as pequenas coleras d'aquelles que o combatiam de frente. O operario potente e infatigavel póde descansar em paz. Mas n'este momento supremo, aqui, em frente d'este tumulo, transformado em arca de alliança; aqui, em face da morte e de Deus; aqui, onde a mentira seria um sacrilegio, onde a lisonja já não tem que esperar, permitam-me, senhores, que eu falle ao povo e ao rei.

Ao rei quero só dizer: — Senhor! nunca encontrareis no mundo mais leal servidor! (*Bravos.*)

Ao povo, a esse fallo eu, como a um irmão, e a esse quero dizer-lhe: — Ouvi, escutae.

N'este formoso torrão de Portugal, têm nascido muitos grandes homens, heroes que deslumbram a historia, e de quem a patria e a humanidade se orgulham. Uns, arrostando com os mares procellosos, com a furia das tempestades, com a braveza dos homens, com a inclemencia dos climas, deram novos mundos para a patria, abriram novos horisontes para o espirito humano; mas a esses impellia-os a ancia da gloria e a sede do oiro; animava-os a fé viva na redempção eterna; dominava-os o ideal cavalleiroso que lhes exaltava a phantasia.

Outros, em luctas homericas e desapiedadas, regaram com o seu sangue o solo sagrado da patria, para que brotasse viçosa a arvore da liberdade, a cuja sombra nos acolhemos todos. Era a lucta dos escravos, a quem os grilhões do despotismo roxeavam os pulsos, e que não tinham como ideal de gloria, como pedestal para estatua senão a escada do patibulo.

Foram grandes, bemditos sejam! Mas n'essas luctas crueis era o sangue de irmãos o que inundava o solo, e quaesquer que fossem os vencedores, a patria ficava sempre de luto.

Este homem, porém, que hoje tombou na sepultura foi o operario da paz e do progresso, da liberdade e da justiça, e só teve em seu trabalho indefesso como ideaes fascinadores a grandeza da patria e a prosperidade do povo.

Entrou na vida publica por direito de conquista; e mantenedor intrepido, appareceu na arena trazendo por divisa — tolerancia e paz — e as revoluções acabaram em Portugal. Triunphador, chamado aos conselhos da corôa, salva o paiz da bancarota, estabelece e firma o credito nacional, e convence o estrangeiro de que o nome portuguez continúa a ser honrado e orgulhoso.

Volta-se depois para o povo, e vêde em que trabalho insano elle andou sempre. Parecia por vezes aos seus amigos que uma santa loucura o tinha tomado. Era o abrir de estradas por todos os pontos para que os pobres tivessem trabalho e pão, para que o commercio se multiplicasse e prosperassem as industrias; era o multiplicar as escolas para que a illustração se derramasse pelos desherdados da fortuna; era o estabelecimento da viação accelerada para que a civilisação corresse pelo paiz com a rapidez do vapor, e o silvo da locomotiva fosse despertar do seu torpor as forças vivas da nação.

E elle sempre a velar pela patria; e a cada veicidade que

presentia no estrangeiro, logo surgia de frente para a destruir ou fazer emmudecer. E sempre voltado para o povo, não a adular-o, que não sabia adular ninguém, mas a amal-o, a servil-o, não com palavras, que passam rapidas, mas com obras que desafiam os seculos.

Ide procurar por esse paiz fóra tudo quanto são melhoramentos, tudo quanto tem produzido a riqueza publica, tudo quanto está transformado em fontes perennes de prosperidade nacional, e vereis que em todas essas grandes obras podeis gravar com mão firme o nome de Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, o nome grandioso do homem que hoje desce á sepultura.

Mas eu preciso dizer ainda alguma cousa ao povo. Que o povo ouça attento. Este homem, que foi o servidor leal de tres monarchas, este homem que na Europa foi por mais tempo ministro, o homem que mais e maiores contratos firmou n'este paiz, que realisou maiores trabalhos e fez mais transacções, no fim de quarenta annos de trabalho, ouve e escuta povo, este homem morreu pobre! (*Bravo.*)

(*Applausos prolongados pelo povo.*)

Que formosa legenda para o pedestal da estatua que ha de levantar-lhe o futuro!

«Morreu pobre e morreu contente...
«Porque a sua terra amou e a sua gente.»

Do sr. conselheiro Pinheiro Chagas

Nada mais difficil para mim do que tomar a palavra n'este momento; é que perante as grandes dores, perante as grandes catastrophes, a palavra humana é quasi sempre impotente, quando não reveste o colorido privilegiado do orador que me precedeu; e o que se passou antehontem foi uma grande dor para nós todos, foi uma catastrophe para o paiz. Tão rapida, tão subitamente, tão terrivel, que o raio que o fulminou a elle, nos deixou a nós assombrados.

Ainda na vespera o viramos, radiante de vida e de esperanza; ainda na vespera ouvimos a sua voz quente, vibrante, dominadora; e como podemos acreditar que esse homem que occupava tão grande espaço n'este mundo politico, esse homem tão grande pelo pensamento e pela palavra, pela energia e pela reflexão, pelo coração e pelo espirito, esteja aqui a dois passos de nós, parado o coração que palpitava com

todos os generosos sentimentos, apagadas as pupillas onde scintillavam tão generosos reflexos, frias as mãos que apertavam as nossas e nos communicavam valor e energia; que se desfez em pó tanta grandeza, e que d'esse organismo admiravel, que encerrava uma das almas mais nobres do nosso paiz e do nosso tempo, só restará amanhã um punhado de pó encerrado no tumulo, sobre o qual as nuvens do inverno hão de chorar, ao menos todas as lagrimas da patria, e as aves do cemiterio cantar a dolorosa alegria de nossas immortaes saudades.

Senhores! A homenagem mais grandiosa que se lhe presta, não a exprimem as minhas palavras; exprimem as lagrimas dos amigos, as lagrimas dos adversarios, a dor immensa de um povo inteiro. Como essas estatuas que nos parecem de tamanho natural na altura onde as levantam os pedestaes, e cuja grandeza nos assombra quando tombam no solo, só agora, depois do raio subitaneo que fulminou o nosso chefe, lhe medimos bem a estatura. A consciencia que temos da grandeza da nossa perda é que nos dá a medida da grandeza do seu vulto. E quando os echos do parlamento pedirem debalde á tribuna as vibrações d'aquella voz potente, quando a politica portugueza procurar debalde a prudencia de seu conselho e a energia de suas resoluções, quando nós todos procurarmos debalde o affecto leal e o conselho amigo, então havemos de dizer muitas vezes com lagrimas: — Se elle visse! . . . — É que de mais a mais a Providencia, benevola talvez para elle, mas cruel para nós, não quiz que elle tivesse o declinar, o esmorecer lento da intelligencia, o quebramento da vontade. Entrou n'este vasto pelago da morte como o Tejo, que alem corre, entra no oceano com mais pujança que no seu curso; entra no crepusculo da eternidade como o sol do outono entra no occaso, envolto ainda como no manto regio na purpura da sua gloria.

O sol e o Tejo! Mas o sol apedrejava-o na hora extrema a ingratidão dos povos; e o Tejo, que dá a Lisboa a sua grandeza e a sua magestade, vê-o Lisboa com indifferença levar as suas aguas para o oceano, voltando a cabeça para ver as novas aguas que vem; mas este occaso tem cortezãos, e Lisboa, soltando um grito de angustia, vem acompanhar este morto aos humbraes da eternidade como que procurando retel-o ainda na acção e na vida.

Senhores! É que a ultima hora da vida é a primeira da justiça; a cruz só se transforma em altar quando o martyr expira. O abutre da politica que roe todos os dias o coração dos luctadores, quando esse coração pára, abre as azas, des-

fere o vôo e transforma-se então na aguia das apotheoses. A ingratidão da patria tem um limite, — á porta do cemiterio. Ali morrem as falsas grandezas, e começam a avultar as verdadeiras. Seria essa uma compensação tardia para os espiritos mesquinhos, mas estou convencido que elle proprio a acceitaria com jubilo. «Morro eu calumniado, mas tenham os meus, aquelles que tanto amei na terra, a consolação suprema, n'esta hora angustiosa, de ver entrar na casa mortuaria, cariciosa e submissa, a onda do respeito popular.

«Seja eu crivado de injurias, mas tenham os meus fieis, os meus partidarios, o orgulho de ver a sua bandeira illuminada pela gloria que irrompe das trevas do meu sepulchro.»

Sim, mestre! sim, amigo! É esse o nosso orgulho, a nossa ufania, e se os teus partidarios vão deixar no tumulo o teu corpo, é porque havemos de ter sempre nas nossas fileiras cerradas em torno de tua memoria, havemos de ter sempre, aqui o jurâmos, para nos dar força, unidade, energia e estimulo, a lealdade do teu coração e a luz do teu espirito.

Do sr. dr. Arroyo

Depois das palavras emocionadas e profundamente sentidas de Manuel de Assumpção e Pinheiro Chagas, algumas phrases apenas, que a larynge enferma impede-me de dizer mais.

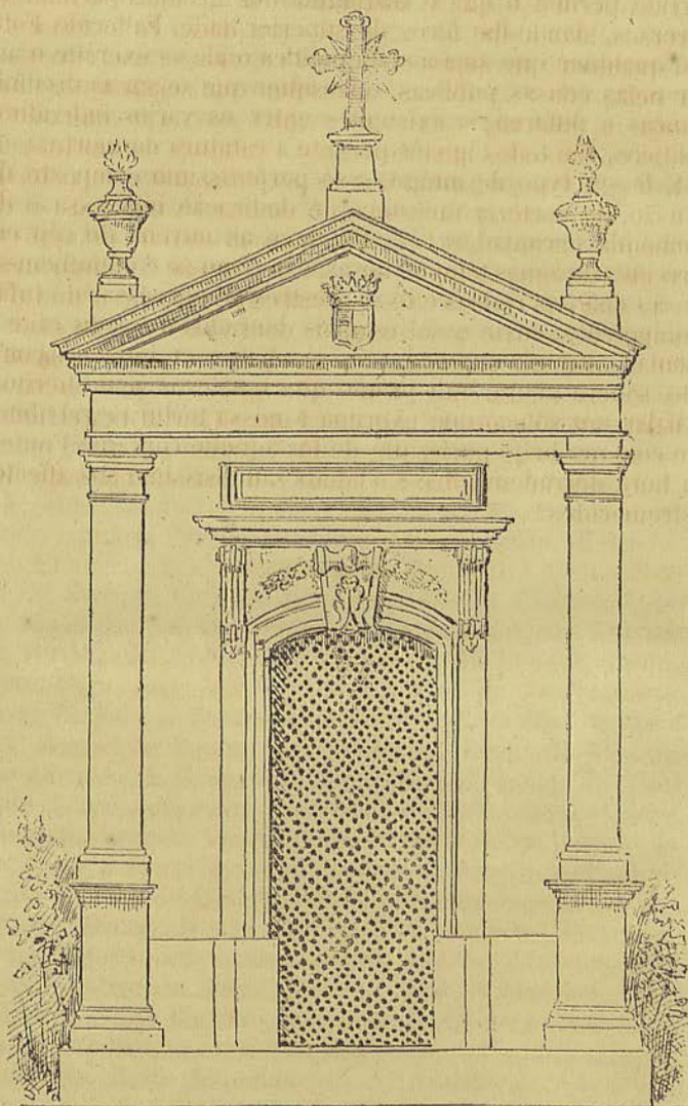
Algumas phrases apenas, para cumprir um dever sacratissimo: tres traços que de alguma fôrma synthetisem, symbolisem, crystallisem o pasmo nacional pela enorme perda, o desvairamento dos correligionarios pelo crime nefando que perpetrou a morte, e o soffrimento da familia, dos amigos, de todos os que, em vida de Fontes, o conheceram como homem particular, na mais seductora das convivencias.

A patria que o acompanhou aqui n'um esplendido prestito civico, produzindo a manifestação mais cordata e extraordinaria que ainda nos foi dado presenciar, a patria está acephala, falta-lhe a cabeça dirigente, o portuguez que não tinha rival, o elemento de ponderação e de moderação; e se o futuro da nossa terra nos tem de provar mais uma vez que não ha grandes homens, absoluta e permanentemente indispensaveis, a frouxidão, a tibieza e as hesitações da nossa politica hão de se incumbir de mostrar que envergadura era a do estadista eminente que ha tanto tempo regia os destinos supremos de Portugal.

O partido a que presidia, que o venerava como mestre e

que lhe obedecia como a chefe indiscutido e insubstituivel, o partido perdeu o que o distinguia dos gremios partidarios adversos, dando-lhe fóros de superioridade. Fallecido Fontes, qualquer que seja a seita politica onde se exercite o ardor pelas cousas publicas, quaesquer que sejam as dissimilhanças e differenças existentes entre os varios individuos politicos, são todos iguaes pérante a estatura do morto.

E o seu typo de amigo, esse perfeitissimo composto de effusão, de cortezia finissima, de dedicação indefessa e de bonhomia encantadora!... Expluam as nuvens do céu em torrentes de aguas tempestuosas, estorçam-se e humilhem-se até ao chão os cedros e os cyprestres ao perpassar do tufão omnipotente, envie o sol os mais dourados dos seus raios a oscular o tumulo augusto, pois só a natureza, immensa como elle, saberá chorar um pranto que iguale os seus meritos, exhalar um soluço que exprima a nossa tortura e retribuir-lhe com um beijo purissimo de luz aquelle com que Fontes, na hora derradeira, disse o adeus saudosissimo aos affectos estremecidos!



Jazigo da familia Fontes Pereira de Mello, no cemiterio occidental

O PRESTITO

Compreende-se, diz o *Jornal do commercio*, quanto é difficil formar uma lista completa das pessoas mais importantes que vimos encorporadas no prestito:— devia-se dizer — «toda a gente».

Entre a enorme concorrência, apenas podemos apontar, por alto, os seguintes nomes:

Marquezes de Rio Maior, de Oldoini, de Pomares, de Valadas; condes de Cabral, da Praia e Monforte, de Sobral, de Gouveia, de Seisal, da Folgosa, de S. Miguel, do Casal Ribeiro (filho) de Ribeiro da Silva, da Guarda; viscondes de S. Januario, de Bivar, de Reguengos, de Ribeira do Paço, de Moreira de Rey e de Santo Ambrosio; José Luciano de Castro, Marianno de Carvalho, Emygdio Navarro, Henrique de Macedo, Barros Gomes, Antonio de Serpa Pimentel, João Chrysostomo de Abreu e Sousa, Barros e Sá, Andrade Corvo, Arrobas, Manuel da Assumpção, Cunha Mascarenhas, almirante Lamare, Pereira Carrilho, Mello Gouveia, Hintze Ribeiro, Chamiço, Barjona de Freitas, Julio de Vilhena, Barbosa du Bocage, Cardoso Avelino, Pinheiro Chagas, Lopo Vaz, Mendonça Cortez, Gomes de Amorim, Mexia Salema, Luiz Perestrello, Agostinho Lucio, dr. Matheus Sampaio, Mendes Vigo, José Antonio Dias, J. Paes de Vasconcellos, Alfredo Barjona, João Costa, Ponces de Carvalho, Madeira Pinto, Manuel da Ponte, Sousa Viterbo, Bento da França, major Oliveira, F. Vanzeller, Wenceslau de Lima, dr. Thomás de Carvalho, Eduardo Segurado, Peito de Carvalho, Rosa Araujo, dr. Pereira Leite, general Sá Carneiro, Jayme da Costa Pinto, general Moreira, Cazimiro Santos, Eusebio Palmeirim, J. Azevedo Castello Branco, Joaquim José Alves, Eugenio de Mascarenhas, Telles de Vasconcellos, Margiochi, José de Novaes, João Albuquerque, Avellar Machado, João Arroyo, Silveira da Mota, Castro e Solla, Scarnichia, Freitas Branco, Mota Marques, Fernando Caldeira, Fernando de Serpa, Candido Cau da Costa, Holbeche, Serpa Pinto, Paiva de Andrada, B. de Albuquerque, A. Ribeiro, L. Cordeiro, S. Vasconcellos, Armstrong, Mem Rodrigues, tenente Valle, generaes Abreu Vianna, Valdez, José Frederico, Gama Lobo, Sousa Pinto, Dias e Moreira, Xavier Machado, Agostinho Coelho, Antonio Ennes, Francisco Costa, cirurgião em chefe Morley, Ferreira do Amaral, Francisco Maria da Cunha, conselheiro Sequeira, Luiz Jardim, Fuschini, Pedro Correia, Trigueiros, Eduardo Pinto Basto, Theodoro Pinto Basto, Perry,

dr. Antonio Candido, dr. Ferraz de Miranda, Neves Carneiro, Sousa Telles, engenheiro Mata, Tito de Carvalho, José Elias Garcia, Vicente Monteiro, Adrião Seixas, Rangel de Lima, Almeida Brandão, Eugenio de Almeida, general Tavares, capitão Lamare, Pedro de Carvalho, Calvet de Magalhães, Alberto Pimentel, Freitas Branco, Fonseca, Emps, Campos Valdez, Barroso, Queriol, Pedro I. Lopes, E. de Oliveira, dr. Namorado, Eduardo C. Junior, J. de Mendonça, B. Borges, Sebastião Centeno, Pereira de Miranda, Duarte Ferreira, Annibal da Costa Campos, Luciano Monteiro, José de Almeida, Theophilo Ferreira, Pope, João Maria de Magalhães, Francisco Costa, Jeronymo Pimentel, José Monteiro, Bordallo Pinheiro, Moraes Pinto, Santos Viegas, Albino Pimentel, Brito Aranha, dr. Moraes de Carvalho, dr. Barata, Manuel de Magalhães, Monteverde, Manuel de Arriaga, F. Ferreira, Eduardo Maia, Custodio Borja, Alvares Pereira, Vasco Guedes, Petra, Cunha Bellem, Rodrigues da Costa, Pedro Vidoeira, Nicolau A. Santos, Lazaro dos Santos, Mota Veiga, Antonio de Castilho, dr. Lourenço, dr. Sousa Cavalheiro, Perfeito de Magalhães, dr. Abreu Gouveia, Rodrigues F. Pinha, Pedro Victor, Quelhas, dr. Pedroso Lima, Raposo de Carvalho, Daniel Cordeiro, Joaquim Maria Osorio, Augusto Osorio, Paiva Raposo, José Horta, Costa Carvalho, Moraes Sarmiento, D. Luiz da Costa, Pedro Severino, Baracho, Oliveira Pires, Antonio Pessoa, Urbano de Castro, Cunha Reis, José Guedes, Sebastião Trigoso, dr. Celestino, Mendes Guerreiro, Zanatti, Pessoa de Amorim, Antonio José d'Avila, Manuel Mendes Guerreiro, Ruy de Medeiros, Eduardo Carvalho Junior, Anjos, Sergio de Castro, Luiz Lencastre, Silvestre B. Lima, Felner, Carlos Testa, Filippe e Caetano de Carvalho, Miguel de Bulhões, visconde da Bella Vista, conselheiro Brito Seixas, etc., etc.

A maior parte d'estes cavalheiros iam a pé, entre elles todos os ministros que serviram com o finado; do partido progressista: os srs. João Chrysostomo de Abreu e Sousa, Francisco Maria da Cunha, Vicente Monteiro, Antonio Gomes e muitos outros; do partido republicano: o sr. José Elias Garcia, Manuel de Arriaga, Bordallo Pinheiro e outros.

*

O *Paiz*, do Rio de Janeiro, fez-se representar pelo sr. Vieira da Silva.

*

A sociedade portugueza de beneficencia do Rio de Janeiro foi representada pelo sr. conde de S. Salvador de Mathosinhos.

AS COROAS

Foram depostas sobre o ataúde vinte e quatro corôas, algumas riquíssimas.

Eis a relação:

Do sr. Moraes de Carvalho, antigo deputado, de fitas pretas, roxas e amarellas.

Do centro regenerador de Lisboa, de acacias.

Do centro regenerador do Porto.

Do centro regenerador de Leiria.

Do *Jornal da manhã*, do Porto.

Dos corpos gerentes da companhia do credito predial.

Dos empregados da mesma companhia.

Da familia Eduardo Pinto Basto.

De Lourenço do Couto, de perpetuas roxas com crepe em volta da corôa. Nas fitas lê-se a dedicatória: «Tributo de gratidão».

Dos srs. Eugenio Mendia e Henrique Mendia, de violetas, amores perfeitos e rosas, com as iniciaes E. M. e H. M.

De Ayres Lamare, antigo deputado.

Do general commandante da primeira divisão militar, de rosas chá e fitas pretas com franjas de oiro e a dedicatória: «A seu excellente amigo Fontes Pereira de Mello tributa reconhecimento e amisade José Paulino de Sá Carneiro».

Da sr.^a Mendia, condessa de Gouveia, com a legenda: «Gracia — Saudade».

Com as iniciaes P. R.—B. C.—S. P.—P. L. e com a dedicatória: «Ao nosso querido amigo Fontes Pereira de Mello». Esta corôa é de rosas brancas com fitas de setim franjadas a oiro.

Dos condes de Almedina.

Do *Diario illustrado*, de folhas de hera com fitas pretas.

Do *Jornal da noite*.

Das filhas do sr. Fontes Ganhado com a legenda: «Ao nosso querido tio».

Do sr. conselheiro Francisco Chamiço.

De P. R. D. S. (Pedro Roberto Dias da Silva).

De Alfredo José Pereira.

De uma senhora estrangeira, *reporter* do jornal americano *American register*, sendo a mesma senhora quem a conduziu ao cemiterio e a depoz sobre o tumulo.

Do *Correio da manhã*.

Com largas fitas de setim, sem dedicatória, mandada depor sobre o ataúde pela familia do finado.

OPINIÃO DA IMPRENSA DE LISBOA, SOBRE O CARACTER E SERVIÇOS DO ILLUSTRE FALLECIDO

Do JORNAL DO COMMERCIO

(Jornal do partido regenerador)

ARTIGOS DO SR. ANTONIO DE SERPA

1.º

Lisboa acaba de ser surpreendida pela noticia da morte de Fontes Pereira de Mello, que ha dois dias parecia no vigor das suas forças; que hontem se julgava apenas soffrendo uma ligeira indisposição, e que hoje jaz cadaver sobre o leito funerario!

A morte do chefe do partido regenerador, e do chefe de uma familia illustre, não representa unicamente uma perda grave para o seu partido, uma dor immensa para essa familia; no momento critico que a politica portugueza atravessa, e na escassez de vultos de verdadeira estatura, que representem as culminações da intelligencia e do prestigio, é tambem uma perda irreparavel para o paiz.

Homens d'aquella tempera, d'aquella educação moral, d'aquella escola de principios, são rarissimos hoje; e é com verdadeira mágua que o paiz inteiro vae receber a noticia de ter caído por terra, para não mais se erguer, um estadista que elle estava habituado a admirar e a respeitar, como das manifestações mais brilhantes das forças conjugadas da intelligencia e do character.

É um luctador a quem inesperado golpe acaba de prostrar, a elle que das mais cruentas refregas havia saído incolume!

Não é este o momento de lhe traçarmos a biographia, nem de fazer reviver nos seus lineamentos geraes a sua vida accidentada e gloriosa! Treme-nos ainda a mão, e em todos nós vibra ainda intensa a commoção, que tão de subito nos acaba de sacudir.

Diante do tumulto que se escancara aos nossos olhos, é occasião apenas de deixar correr silenciosas as lagrimas, sobre o cadaver d'aquelle que morrendo tranquillamente, serenamente, como uma luz que se apaga a pouco e pouco, parecia mostrar quanto levava satisfeita a sua consciencia e tranquillo o seu espirito.

É que elle, como dizia ainda ha pouco Julio Simon de Michelet, *il a vécu en homme de bien*.

De quantos se pôde dizer a mesma cousa?

Duas palavras synthetisam o homem que acaba de desaparecer de entre os vivos: era asseiado e correcto!

É o que elle foi em toda a sua vida; é o que caracterizou sempre a sua individualidade moral, como caracterizou a sua individualidade physica.

D'ahi a atmosphera sã em que respirava; d'ahi a força que lhe proporcionou o mais amargo e o mais voluptuoso dos prazeres que ao homem é dado fruir: — o prazer do mando!

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello era um chefe, e sabia sê-lo como ninguem!

Ainda não ha muitos dias, n'uma reunião politica, á frente dos seus numerosos amigos, elle provava, pela energia da sua palavra, pela firmeza das suas resoluções, pela lucidez das suas idéas, que estava ahi o mesmo homem que ha vinte annos empunhava com vigor o bastão do commando. Hoje essa intelligencia está apagada, essa palavra está muda, esse coração gelado!

Discussões bysantinas dirimiam ainda ultimamente a questão de competencia de primazias entre os homens de acção e os homens de pensamento.

Será difficil estabelecer preferencias; mas estabeleçam ou não, o que é incontestavel é que a morte acaba de prostrar por terra o primeiro homem de acção da politica portugueza.

2.º

Desappareceu o homem que representa e personifica uma epocha importante da nossa historia.

A morte do chefe de um partido politico não é sómente uma perda para o partido, é uma perda para a nação, porque é uma perda para a causa publica. Fallámos dos chefes de partido que merecem esse nome, d'aquelles que durante longos annos presidiram aos destinos d'esse partido, e muitas vezes aos destinos do governo e do paiz, d'aquelles a quem o concurso unanime de amigos e adversarios deram o

nome de chefe. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello era um d'estes homens.

Durante trinta e cinco annos, na maior parte dos quaes foi ministro, Fontes Pereira de Mello foi incontestavelmente o vulto politico mais importante d'este paiz. O seu nome está indissolvelmente ligado á historia d'este longo periodo.

São os contemporaneos quasi sempre juizes suspeitos e apaixonados para avaliar a grandeza e importancia dos homens da sua epocha. Mas o facto de dirigir, durante mais de um terço de seculo, as idéas e a acção de um partido quasi sempre preponderante, n'uma phase notavel de transformação politica e social, é um titulo de superioridade que ninguém pôde desconhecer, e que denota uma reunião de qualidades praticas de intelligencia e de character, que só distingue os homens eminentes, e que excedem de longa e desusada altura a craveira commum.

Fontes Pereira de Mello entrou na vida politica, como deputado pela provincia de Cabo Verde, em 1848. Tendo usado do direito, que lhe conferia o regimento da camara, de ir á barra defender a sua eleição, revelou taes dotes de intelligencia e tacto parlamentar, que a maioria, apesar das irregularidades da eleição, e de não ter ella o cunho ministerial, decidiu validar o diploma do joven deputado eleito. D'ahi a tres annos era ministro, n'uma epocha em que não era costume chamar aos conselhos da corôa senão os que tinham outra idade, outra posição official, e outro tirocinio da vida publica, que não o moço tenente de engenheiros.

O governo de 1854, filho do movimento que se ficou chamando a regeneração, era um governo forte, porque tinha por si, alem da espada de Saldanha, idolatrado pelo exercito, a velha experiencia e o tacto politico de um estadista, como Rodrigo da Fonseca, e a opinião da grande maioria do paiz.

Mas o pensamento reformador d'este ministerio, o pensamento economico e financeiro, a inauguração da nova politica governamental, chamada a politica do fomento, foram a grande iniciativa e a grande obra de Fontes. O paiz, extenuado por meio seculo de luctas, primeiro as da invasão estrangeira, depois da usurpação e das guerras civis, estava na miseria. As grandes reformas de Mousinho da Silveira, as de Passos Manuel e as tentativas de organização economica do conde de Thomar, umas não tinham ainda produzido os seus beneficos effeitos e o de outras tinha sido interrompido pelas dissensões politicas. O estado estava em bancarrota permanente, não pagando em cada anno senão

uma parte dos seus vencimentos e dos seus juroes aos seus empregados e aos credores.

Fontes liquidou a bancarrota, enquanto ao passado, com as duas operações da consolidação e da conversão. Estabeceu vida nova, e decidiu pagar pontualmente em dia aos funcionarios e aos credores do estado. Mas como, se as receitas não chegavam para as despezas e o thesouro não tinha credito? Fazendo novas despezas — aqui é que está a intuição genial do estadista —, más despezas reproductivas, abrindo vias de communicação, melhorando os portos de mar, subsidiando companhias de navegação e fazendo outras reformas e tomando outras providencias que haviam de desenvolver infallivelmente a riqueza publica, e, portanto, crear novas receitas, que deviam pagar os encargos do antigo *deficit* e das novas obras, levantando ao mesmo tempo o credito pela esperanza nos resultados remuneradores d'essas obras e pela fidelidade religiosa nos compromissos, demonstrada nos pagamentos em dia.

Foi então que se creou o ministerio das obras publicas, commercio e industria, que começaram a construir-se as estradas ordinarias, que se começou a estudar e logo a adjudicar as primeiras linhas ferreas, que se fez a grande reforma dos correios, que se estabeleceram os institutos agricola e commerciaes, que se permittiram as associações populares, que se instituiram as exposições agricolas, que se abriu a primeira exposição industrial, que se multiplicaram as escolas primarias, que começou a desamortisação dos bens de mão morta; que se fez a primeira lei sobre morgados, a qual abriu a porta mais tarde á sua total abolição, e que se reformou a velha e retrograda legislação dos vinhos do Douro, que tambem mais tarde e depois de uma primeira tentativa infructuosa terminou pela sua revogação total, sem fallarmos na importante reforma das pautas e n'outras providencias de indisputavel alcance economico n'aquella epocha.

Da nova legislação do fomento, o que foi mais que tudo importante, foi a abertura das vias de communicação, que deram valor a generos que o não tinham e ás terras que os produziam.

O grande augmento da riqueza publica nos ultimos tempos, comparada com o que era ha trinta e cinco annos, antes da primeira administração de Fontes, deve-se, na maxima parte, á abertura das vias de communicação. D'isto, de muito mais, de tudo precisava o paiz, e ainda precisa para se desenvolver economicamente. Mas as vias de communicação, os melhoramentos materiaes eram a primeira e indispensavel condição para este desenvolvimento.

Não se cuide, porém, que este primeiro ministerio da regeneração, apesar da sua força politica, pôde realizar, ou começar a realizar o seu programma sem grandes resistencias. Em as vencer foi que se revelou a notavel aptidão, a perseverança, a energia e o tacto do estadista. Os seus projectos e as suas idéas tinham contra si os preconceitos, a resistencia conservadora de tudo o que existe e que se oppõe ás innovações; os velhos politicos, desnorteados no seu ideal de constitucionalismo doutrinario; a descrença, que é propria da indole nacional, e toda a alta sociedade financeira, representada no banco de Portugal, que era então quasi a nossa unica instituição de credito; a junta do credito publico, que tinha então um prestigio que não tem hoje; e lá fóra a bolsa de Londres, que por muito tempo fechou as suas portas á cotação dos nossos fundos.

Era necessario ter muita energia, uma grande força de vontade, e sobretudo a fé nas proprias idéas e nos meios empregados, para não trepidar um só momento perante estas resistencias, e a final triumphar de todas ellas.

Os homens do passado, que se reputavam graves e prudentes, apertavam as mãos na cabeça contra o que julgavam o arrojo imprudente do reformador implacavel. Alguns reputavam até loucura querer ligar a capital com as provincias do norte por um caminho de ferro, tendo para esse fim a navegação costeira, e sendo tão pequeno o trafico entre Lisboa e aquellas provincias, que um só comboio poderia de uma vez conduzir todas as mercadorias que durante um anno são permutadas entre o norte e o sul do reino. Esta consideração era dos directores do primeiro estabelecimento financeiro do paiz.

Contra a criação do instituto agricola objectavam alguns homens sisudos que os professores, embora cheios de talento e sciencia theorica, não sabiam, por falta de pratica, distinguir o trigo do centeio. Na imprensa e no parlamento era necessario combater estes argumentos, que achavam echo até entre pessoas illustradas. Foram necessarios uma longa lucta e demorados combates em ambas as tribunas.

Fontes, n'aquella epocha, como em todas que se lhe seguiram da sua existencia ministerial, foi nas camaras, sem ser um erudito, nem um tribuno, nem um academico, o primeiro dos nossos oradores politicos. Não tinha a elegancia, nem a correcção de phrase, nem a imagem colorida, nem os arrebatamentos patheticos, nem o estylo abundante e florido d'aquelles poucos que merecem o nome de grandes oradores. Mas tinha mais e melhor do que isso, para quem tem em

vista um fim politico. Era chegar mais efficazmente a esse fim, do que esses grandes oradores. Ajudado pela natureza de voz bem timbrada e forte, de agradavel presença e de gesto imperioso, dizia com facilidade tudo o que queria, e até onde queria, para produzir no auditorio, cujos sentimentos e tendencias conhecia, o effeito que lhe convinha.

Batalhador infatigavel nas luctas da tribuna, insinuante, logico, perspicaz, adivinhando os sentimentos do auditorio pela physionomia dos que o escutavam, sabia produzir o effeito que desejava, e esse effeito ás vezes era extraordinario. Os adversarios não ousavam interrompel-o, porque na promptidão da replica, ás vezes, era fulminante. N'um movimento, n'um gesto do adversario, buscava motivo para uma tirada, que fazia esquecer os argumentos com que o tinham combatido, quando de outra maneira não podia rebatel-os. Por isso os chefes da opposição, quando elle era ministro, recommendavam sempre com cuidado aos seus partidarios que o não interrompessem.

Um grande serviço prestou elle, como orador, aos nossos costumes parlamentares: foi elevar o nivel das discussões, foi introduzir nos debates uma dignidade e uma cortezia, de que muitas vezes se esquecem as assembléas politicas e apaixonadas nos paizes meridionaes.

A Fontes se pôde applicar, n'este particular, o que Macaulay diz de Roberto Wolpoli: «Se ignorava a historia geral e a litteratura, conhecia melhor do que nenhum dos seus contemporaneos o que lhe era mais útil conhecer: os homens, a nação ingleza, a côrte, a camara dos communs e o seu departamento ministerial». De Fontes não se pôde dizer que desconhecia inteiramente a historia e a litteratura. Tinha n'esta parte os conhecimentos geraes que tem toda a pessoa bem educada. Mas, como o famoso estadista britannico, conhecia melhor do que ninguem os homens e as cousas que lhe era util conhecer. E por isso podia exercer, e exercia, em roda de si, nas camaras, entre os funcionarios, na sociedade e no paiz, uma grande influencia.

Fontes dava todas as suas horas, todos os seus momentos á politica. Durante mais de trinta annos não pensou senão na politica, na administração, no engrandecimento do seu paiz, que amava com paixão, e no triumpho das idéas que julgava mais conducentes á felicidade publica.

Fontes era um ardente patriota. Zeloso da grandeza e da independencia do seu paiz, por isso amava o exercito, e fez todo o possível para aperfeiçoar os nossos meios de defeza. No periodo da revolução hespanhola, sabendo que havia ali

um partido que sonhava na utopia da união iberica, pensou e trabalhou dia e noite, quer quando esteve no poder, quer fóra d'elle, para contraminar quaesquer tentativas, e na occasião do malogrô da candidatura do rei D. Fernando, diz Fernandez de los Rios que Fontes fóra «um obstaculo permanente aos seus planos».

Tem vogado a legenda, que o proprio Fontes concorreu para fazer acreditar, que elle não lia jornaes politicos. Não havia nada mais falso. Elle procurava ser informado de tudo o que dizia a imprensa, porque acreditava na sua importancia, e lia os artigos que lhe era conveniente ler. Porém o que elle não lia, nem queria ler, eram os artigos da baixa e reles polemica partidaria, os que o injuriavam e o calunniavam. Não queria que influissem no seu espirito quaesquer prevenções que o impedissem de tratar com os seus adversarios politicos, e de fazer com elles os accordos parlamentares que fossem necessarios, no interesse da causa publica.

Se na sua vida politica usava dos meios que se lhe apresentavam como inevitaveis para desarmar as opposições e vencer repugnancias contra o que julgava util ao seu paiz, se por isso o accusavam de favorecer ás vezes mais os adversarios do que os amigos, é certo que a sua honestidade esteve sempre acima de todas as suspeitas. Na sua vida particular levava em qualquer negocio a delicadeza e o escrupulo até ao ultimo limite.

Coração limpo de odios, de invejas, de malquerenças, se era generoso com os adversarios, era mais generoso ainda com os ingratos, que nunca deixa de haver para com quem, n'uma larga vida politica, tem tido mil occasiões de distribuir beneficios e favores.

O homem que precisava da frieza de estadista para bem conduzir os planos da sua politica, não deixava de ser um homem sensivel, compassivo das desgraças, sobretudo quando ellas affligiam os pobres, os pequenos e os humildes.

O sentimento pela sua morte, que acaba de manifestar-se em todas as classes sociaes, sobretudo nas classes populares, que o não conheciam de perto, prova que elle gosava de uma verdadeira popularidade, não da popularidade estrondosa, que quasi sempre é passageira, porque corresponde á paixão politica, mas da serena popularidade que instinctiva e espontaneamente se forma em torno dos homens verdadeiramente grandes pelo character, e pelos actos de uma longa vida, empregada a conceber e a praticar actos, em que nada tinham a vantagem pessoal ou o interesse proprio, mas o interesse e a vantagem do seu paiz.

Poucos homens politicos terão baixado ao tumulto com tão sinceras e verdadeiras lagrimas de tantos velhos amigos. Dizemos velhos amigos, porque os velhos viram acabar com elle a mais fiel e brilhante representação da sua epocha, e de uma epocha importante da nossa historia.

Não fazemos uma biographia, nem a de tão grande vulto politico poderia caber na estreiteza de um artigo de jornal. Lançámos aqui sem plano, e *ex abundantia cordis*, algumas notas da longa vida politica de um amigo pessoal, de um velho companheiro, de um homem de bem e de um grande cidadão.

FONTES ORADOR

(Artigo do *Jornal do commercio* attribuido ao sr. Pinheiro Chagas)

Entre as multiplas aptidões d'este privilegiado espirito era de certo uma das mais notaveis a aptidão oratoria. Ao brilho da sua palavra deveu os seus primeiros louros e os seus primeiros triumphos. Foi a palavra que lhe conquistou no parlamento um logar importante, e que lhe abriu de par em par as portas do poder, onde se revelou desde logo tão eminente estadista, que o seu nome ficou para sempre inscripto na lista dos homens de governo.

Será bom que registemos desde já nos annaes da imprensa portugueza o seguinte factó, que honra extremamente a memoria d'este homem notavel: um dos seus primeiros discursos na camara, e seguramente o discurso mais notavel do seu noviciado parlamentar, foi um discurso de tres dias contra a chamada *lei das rolhas*, contra essa lei que algemava o pensamento e que punha grilhões á imprensa. Foi sempre mantenedor da liberdade de pensamento, como de todas as outras liberdades, esse homem eminente. Foi o ministerio de que elle fazia parte que promulgou a lei liberalissima de 1866, e nunca o seu governo promoveu contra a imprensa uma perseguição de qualquer ordem, directa ou indirecta.

A sua palavra, comtudo, já brilhante na aggressão, tornou-se maravilhosa na defeza. A arte de fallar era para Fontes Pereira de Mello perfeitamente uma esgrima, e os seus golpes de predilecção eram os de parada e resposta. Quando se levantava no parlamento para replicar a algum adversario, tomava involuntariamente a attitúde de um duelista que vae cruzar o ferro. Firme e erecta a cabeça, a elegante estatura bem desempenada, mão esquerda atraz das costas, princi-

piava cortejando friamente os adversarios. Depois vibrava os primeiros golpes, e era delicioso vê-lo, sempre cortez e delicado, depois de enterrar umas pollegadas de ironia no peito do adversario, voltar com uma extrema correcção a pôr-se em guarda, attenuando a dor da estocada que despedira com o lenimento de uma amabilidade. E, cumprido este dever, tornava a cair a fundo, e os adversarios de novo sentiam pungil-os o aço do florete. Dir-se-ia verdadeiramente que estava na sala de armas, marcando successivamente uns poucos de botões no peito inimigo. Nada mais correcto, mais elegante, mais delicioso de ver, do que este manejo de florete oratorio.

Ah! mas, se vinham as interrupções lardear-lhe o discurso, então é que era triumphar. A réplica prompta e improvisada era um dos recursos mais felizes do seu triumpho oratorio. Nunca lhe falhou golpe. Fulminante ou espirituosa, a réplica era sempre esmagadora. Sentia tanto isso, que procurava as interrupções, provocava-as. Nada mais curioso do que assistir a uma d'essas grandes batalhas parlamentares, em que Fontes entrava. Os chefes da opposição, conhecendo-lhe a especialidade, recommendavam sobretudo aos seus soldados que o ouvissem em silencio; mas, á medida que os golpes que elle vibrava iam doendo mais, os adversarios agitavam-se, esboçavam uma interrupção, passava de novo nas suas fileiras, transmittida de bôca em bôca, a recommendação expressa do silencio, e Fontes, com o olhar scintillante, o ouvido á escuta, como que farejava a interrupção, e replicava ás vezes com um bom dito, a uma observação apenas balbuciada. Nunca o vimos deixar sem resposta feliz a mais insignificante interrupção.

Uma vez fallava na camara dos pares. Um orador distinctissimo; polemista de primeira ordem e titular, era o adversario a quem respondia. Querendo nomeal-o, Fontes hesitou, e designou-o pelo seu nome de familia.

— O sr. Fulano... perdão, o sr. visconde de...

— Não tenho que perdoar, interrompeu o adversario, não me envergonho do nome de meu pae.

— Bem sei, replicou Fontes promptamente, e comprehendendo-o tanto melhor, quanto eu nunca tive outro.

Sem aspirar a fazer ditos, ninguem era mais espirituoso do que elle n'alguns dos seus discursos. Recordo-me de uma sessão nocturna em que elle respondia, n'uma questão militar, ao sr. José Luciano. O actual presidente do conselho, que nunca entrou n'uma questão, mesmo nas que são mais alheias á sua especialidade, sem a estudar profundamente.

lêra e relêra com todo o cuidado um relatorio do sr. Fontes, relatorio devêras excellentê, que tem, se nos não enganâmos, a data de 1874, e d'esse relatorio se servira para procurar encontrar o ministro em contradicção com as suas idéas.

—É pasmoso! dizia Fontes, com uma *bonhomia* adoravel, e eu devo estar na verdade lisonjeadissimo com esta homenagem prestada ao meu pobre relatorio. O sr. José Luciano leu-o, releu-o, sabe-o de côr, e, segundo parece, tambem digo isto no meu relatorio. . .

E citava uma phrase.

—Sim, senhor; interrompeu o sr. José Luciano triumphante, a paginas 54.

—Até a pagina! replicou Fontes, deixando cair os braços n'um tom de voz em que transluzia uma admiração comica, e que provocou um riso doido na camara e nas galerias.

Não houve meio de continuar a fazer uso do famoso relatorio, como arma de aggressão contra o ministro. Fontes tinha a suprema habilidade de, como os francezes dizem, *mettre les rieurs de son côté*.

Era, sem duvida alguma, um grande argumentador; mas tinha sobretudo a arte de dar aos seus argumentos uma fôrma triumphante. Havia argumentos empregados por Fontes, que na bôca de outro qualquer teriam um valor completamente secundario, mas que recebiam da sua dicção, da sua energia, da sua intimativa, uma força irresistivel. De prompto não se encontrava resposta.

As qualidades physicas auxiliavam em Fontes admiravelmente os predicados oratorios. A sua estatura desempenada, o seu corpo secco e elegante, que nunca foi invadido por um vislumbre de obesidade, a sua bella e expressiva cabeça, o seu olhar que despedia raios, a sua mão fina, que gesticulava com uma nobreza rara, e sobretudo a sua voz admiravel, cheia, sonora, mascula, vibrante, fadavam-n'o para a tribuna. Tambem n'isso se distinguia perfeitamente o genero da sua eloquencia. José Estevão tinha o physico do orador, mas o physico do orador aggressivo. Precisava de espaço, precisava da montanha. A sua bella cabeça, vasta, dominadora, destacava-se bem nas alturas da camara, e as suas largas passadas, que o approximavam do adversario, como se fosse desalojal-o das suas posições, acompanhavam admiravelmente as suas palavras impetuosas. Começava o seu discurso no seu logar, acabava-o d'ahi a 40 metros.

Fontes, pelo contrario, tinha o physico do orador de defeza. Combatia a pé firme, não arredava um passo do seu logar, e sentia-se que ninguem —nem José Estevão — o

faria recuar uma pollegada. Tinha o coração do homem de governo, a firmeza das suas resoluções traduzia-se na firmeza serena e inabalavel da sua palavra. N'aquelles grandes combates parlamentares, um discurso de José Estevão tinha o aspecto de uma carga de couraceiros de Ney, um discurso de Fontes a apparencia de defeza de um quadrado inglez em Waterloo.

A ironia ninguem a manejava como elle, e essa ironia era tanto mais pungente, quanto se revestia sempre de uma fórma extremamente cortez. A sua espada parlamentar tinha o agudo e o polido do aço. Encobria, como ninguem, nas fórmas mais delicadas, uns desdens soberbos, esmagadores para o adversario. Arredava com a ponta do pé umas accusações, em que muito confiavam os adversarios, e que se desfazião completamente em pó, apenas elle lhes tocava.

Foi o ultimo dos grandes oradores da sua epocha, dos oradores de batalha. Garrett, Rodrigo da Fonseca, José Estevão, Rebello da Silva, desappareceram successivamente na sombra do tumulo, onde acaba de apagar-se tambem esta ultima luz. Todos elles foram fulminados em pleno triumpho e em plena força. Parece que Deus não quer que a ferrugem do tempo consuma essas espadas, a fim de que só fique na memoria dos homens, como um deslumbramento, a lembrança das suas scintillações.

P. C.

ARTIGO DA INSIGNE ESCRIPTORA
A EX.^{ma} SR.^a D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

A estatura intellectual de um homem pôde bem medir-se pela surpresa fulminadora que a sua morte nos produz.

O espirito recua espavorido e attonito diante d'esta cousa tão frequente, tão banal, tão esperada sempre: a morte! — quando a morte escolheu para sua victima um ser, que ainda ha momentos representava no mundo as sublimes faculdades immortaes que se chamam intelligencia e vontade!

Fontes Pereira de Mello era no nosso restricto meio social um d'esses espiritos raros, cuja morte, subita como foi, espanta como um caso estranho, assombra e revolta como uma injustiça que vem do alto!

Em toda a parte este homem seria notabilissimo. Em Portugal este homem foi *grande*.

Pôde dizer lh'o sem rebuço, ajoelhada ao pé da sua aberta sepultura, e abalada e commovida por uma sensação de dor, respeitosa e profunda, quem nunca lh'o disse em vida, quem, pelo seu sexo e pelas condições especiaes do seu destino, é

estranha a todas as luctas da politica, a todas as ambições dos partidos, a todos os combates da vaidade masculina.

Foi grande, porque imprimiu á sociedade do seu tempo e á historia do seu paiz, uma acção enorme, um impulso fortissimo, uma transformação visivel e profunda.

Foi grande, porque consagrou a sua existencia inteira, porque deu o seu coração, a sua vida, a sua actividade, o seu pensamento, a uma causa, que em principio era justa, util e bella, embora a desnaturassem e pervertessem circumstancias de que elle não podia ser senhor, algumas symptomaticas do tempo, outras peculiares do meio, mas que elle tratou ainda assim, sempre que lhe foi possivel, de attenuar e de combater.

Foi grande, porque amou o seu paiz, porque tentou, quanto sabia, dar-lhe alentos, dar-lhe vigor, dar-lhe vida propria; e este sentimento de patriotismo acendrado, vivo, persistente, e que tomou n'elle, já se vê, o molde especial do seu temperamento e da sua organisação de homem, acompanhou-o sempre, acompanhou-o até á funebre ante-camara do seu jazigo, não lhe permittindo nunca manchar-se n'uma transacção ignobil, nem descompor-se n'uma contradicção apajxonada e colerica.

É cedo para julgar o ultimo grande estadista portuguez, o ultimo homem de acção energica e dominadora, decidido, corajoso, altivo, consciante das suas graves responsabilidades e dos seus pesados encargos, e prompto a responder por uns, e a acceitar os outros em face do seu partido e em face do paiz inteiro.

Por ora nós não temos mais de que prestar-lhe a homenagem de um respeito que a sua morte acrisolou, de uma admiração que a sua subita retirada da scena politica — da scena politica tão incolor, tão desanimada, tão mesquinha n'este instante — justifica e augmenta, pelos tristes pensamentos que inspira, pelas comparações esmagadoras que suggere!

*

Nem os seus inimigos — e teve-os terriveis, alguns bem menos leaes do que elle sempre foi, bem menos correctos, bem menos elegantes na essencia e na fórma, do que elle gostou sempre de revelar-se aos que lhe queriam e aos que o detestavam! — nem os seus inimigos mais facciosos poderão negar que toda a primeira parte da sua longa e brilhantissima carreira politica foi, para Portugal, um rejuvenescimento e uma radiosa transformação.

Que fosse esse momento, de actividade e de impulsora energia material, impotente para elevar de todo o espirito nacional até aos altos pensamentos e ás sãs e duradouras glorias; que o queiram considerar apenas como o paroxismo extremo do leão envelhecido, que parece ás vezes destinado a dissolver-se lentamente na mais antipathica das mortes, na morte sem dignidade e sem poesia dos individuos que não têm uma fé, e das nações que não têm um ideal; que fosse esse periodo de ficticia vitalidade o relampago fugaz de que logo se extingue no espaço a luz, deslumbradora por um só momento; que importa isso fundamentalmente, para a intenção sincera, para a ambição dignissima, para a grandeza individual do homem que dirigiu e desenvolveu esse movimento, conscio do bem que fazia, crente no monumento que levantava, confiante no futuro florescente do seu paiz ?!

Não está, é certo, na mão de um individuo levantar duradouramente, definitivamente, uma nação enferma, e, segundo alguns, quasi agonisante.

Não o fez Pombal, n'outros tempos em que a acção individual, decisiva e poderosa impunha a sua lei ás sociedades e ás nações; não o faria Bismarck, a não existir a vitalidade resistente, a seiva juvenil e exuberantissima da raça que elle domina, subjuga e dirige.

Fontes Pereira de Mello é sem contestação possivel a figura proeminente, a grande figura caracteristica, que ficará na historia do nosso segundo periodo constitucional.

Recebeu este paiz das mãos de Costa Cabral, de Saldanha, de Rodrigo e de outros, esphacelado por longas luctas intestinas, cansado de mil chimeras irrealizadas e feitas fumo; recebeu-o exaurido de todos os recursos, miseravel, faminto, não acreditando nos outros e acreditando ainda menos em si, sem dinheiro, sem disciplina no exercito, sem pagar aos que lhe valiam com a sua bolsa, nem aos que o serviam com o seu trabalho.

Lá fóra os seus fundos não tinham cotação em praça alguma estrangeira, cá dentro, a vida era uma aventura quotidiana sem proposito feito e sem plano preconcebido.

Materialmente este paiz era de todos o mais atrazado; intellectualmente elle era o mais estranho a todas as grandes conquistas que a sciencia, a arte, a industria, a intelligencia na complexidade maravilhosa de manifestações innumeradas, alcançavam lá ao longe nas suas batalhas sublimes.

Mousinho da Silveira, que era um homem de genio, sendo ao mesmo tempo um homem de acção, tinha, é certo, liber-

tado a terra e contribuido mais para a creação d'esta entidade nova chamada — o cidadão portuguez — com os seus decretos immortalmente fecundos, do que os marechaes do imperador com o poder das suas espadas epicas.

Mas Fontes, apparecendo justamente na hora em que as sciencias phisicas tornavam possiveis os grandes melhoramentos materiaes, que são no fim de contas a gloria suprema e definitiva d'este seculo, teve genio e vontade bastante para luctar com a ignorancia, com a rotina, com as falsas doutrinas financeiras, com todos os obstaculos que o homem de iniciativa audaz encontra n'um meio que tem de remodelar completamente, e Portugal, conduzido pela mão do joven ministro, entrou desassombrado no caminho da moderna civilisação!

Entraria sem elle? É possivel, é talvez certo; mas diminue porventura essa circumstancia, não provada ainda, o valor da obra que Fontes emprehendeu cheio de generosa audacia?!

Se assim fosse não haveria no mundo um unico benemerito.

A obra grandiosa ou simplesmente util, a obra do genio ou do espirito pratico, do legislador ou do apostolo, do guerreiro ou do santo, do estadista ou do philosopho, corresponde, já se vê, a um estado de civilisação humana que a reclama, que a explica, que a facilita e que a torna opportuna.

Seria facil citar nomes gloriosos, e ainda nomes secundarios mas providencialmente uteis, que a historia acclama e que no emtanto cumpriram um destino que outros cumpririam de certo, caso elles não surgissem.

O que é verdade é que em Fontes Pereira de Mello tomaram vulto e corpo, tiveram impulso e vontade todas as ambições ardentes, viris, generosas, fecundas, que levaram o nosso paiz a encetar um caminho bem diverso, bem contrario ao que elle ia desgraçadamente trilhando desde muito.

E essa hora luminosa e grande da vida do estadista portuguez, aurora pura, limpida, purpureada de esperanças do seu longo dia laborioso e cortado de tempestades, tem fulgor bastante para n'este momento, á beira da sua sepultura, desfazer todas as maculas que porventura o olhar descubra no conjunto d'essa obra que não pôde deixar de estar sujeita á fatalidade irreductivel das cousas, á imperfeição inherente a todas as obras do homem!

*

Tem-se ultimamente fallado, discutido e escripto muito sobre as relações reciprocas que existem entre as duas ma-

nifestações da força e da intelligencia humana: o pensamento e a acção.

Ainda ha poucos dias, na gloriosa e invejavel commemo-
ração solemne consagrada á memoria de Anselmo Braam-
camp, o *grande homem de bem*, na phrase felicissima de An-
tonio Candido, poz a questão no seu verdadeiro campo, e á
sua verdadeira luz, este orador genial e completo, em cuja
individualidade singular se fundem, no equilibrio de uma alta
rasão, as faculdades do artista de raça, do pensador profundo
e do critico penetrante e sagaz.

Não é possivel, como elle tão lucidamente provou, resol-
ver dogmaticamente se é o homem do pensamento que so-
breleva ao homem de acção, ou vice-versa, visto que o pen-
samento grande que se não traduza n'um facto util é um
pensamento estéril, visto que a acção que não obedeça a
uma idéa grande é uma acção sem importancia e sem resul-
tado.

O que póde, porém, afirmar-se é que Fontes Pereira de
Mello foi entre nós, como seria em toda a parte, o typo mais
completo, mais genuino, mais puro, do perfeito *homem de
acção!*

Teve a intelligencia que comprehende, assimila e traduz;
teve a vontade que executa com tenacidade heroica.

Serviu idéas grandes e civilisadoras que não creou, mas a
que deu fôrma e vulto. Ao lado do genio, que sonha e con-
cebe, foi a mão que cada concepção soberba faz uma reali-
dade tangivel, e de cada sonho uma applicação pratica.

Não tornou Portugal uma nacionalidade poderosa? Como
havia de tornal-o?!

Civilisou-nos, porém; fez-nos entrar bem mais rapida-
mente do que se esperava, dado o atrazo medieval em que
nos achavamos, no convivio intellectual e material das na-
ções cultas.

Ministro tecnico foi-o de primeira ordem. Em toda a parte
seria fecunda a sua actividade, pasmosa a sua energia, ex-
traordinaria a sua iniciativa.

Entre nós, foi maravilhoso.

E quando por ahi se clama contra o atrazo comparativo
em que nos achâmos; eu penso sempre no paiz supersticioso,
fradesco, estupidificado pelo beaterio e pela ignorancia, que
nós eramos ha tres gerações, ha talvez duas!

Fontes Pereira de Mello foi o homem que mais concorreu,
não pela influencia moral exercida pelo genio, já o disse,
mas pela indirecta influencia que os melhoramentos mate-
riaes e a reconstituição financeira do paiz exerceram no seu

estado mental, para nos arrancar d'este abysmo de trevas povoado de superstições brutaes!

Outros considerarão n'elle o chefe, o dominador, o parlamentar habil, forte, arrojado e distincto, estrategico incomparavel, que de cada accidente do terreno em que manobrava, sabia tirar a derrota do adversario e a sua propria victoria.

Outros o verão dirigindo, contendo, aplacando, disciplinando o exercito de *politicos* de que elle teve durante quarenta annos na mão todos os cordeis occultos, no espirito todos os segredos mais reconditos. Eu prefiro ver o grande organisador e o grande estadista que elle foi na hora propria do seu eminente destino.

Quando morre um homem que exerceu a longa influencia extraordinaria que este exerceu, que teve todos os gosos e tambem — é inevitavel! — todas as ebriedades e todas as allucinações do mando supremo; quando esse homem teve a sua esphera de acção n'um meio corrompido por muitas influencias complexas, minado por doenças hereditarias e organicas, sem vigor e sem crenças moraes que o sacudissem, antes estagnado por um d'esses scepticismos que têm n'uma historia lastimosa e longa a sua filiação fatal, os que pretenderem ser justos, só devem contemplar os lineamentos geraes e inquestionavelmente grandiosos da obra que esse homem lega aos seus contemporaneos!

N'este momento ser justo é esquecer todas as intrigas partidarias, todas as evoluções mais ou menos habeis a que o constitucionalismo adulterado da nossa raça condemna os seus adeptos, e ver só no corpo do grande e incansavel obreiro, que a morte cruelmente prostrou, o corpo em que ardeu e se consumiu a chamma sublime de uma grande intelligencia, de uma grande paixão patriotica e de uma grande e energica vontade.

O cynismo circumdante nem de leve o contaminou! Morreu bom e morreu pobre! Não odiou ninguem, e depois de ter tido Portugal na mão durante quarenta annos, lega á sua familia que o estremecia. . . a aureola luminosa de um nome que ficará!

Fontes Pereira de Mello foi feliz na vida, que lhe correu agitada e sacudida virilmente por grandes commoções e por grandes sentimentos, consolada por grandes alegrias e por grandes triumphos, e foi feliz na morte, que lhe permittiu cair bem, no pleno vigor do seu talento, na plena altivez do seu porte elegante, correcto e firme, sem a crudelissima tristeza de haver sobrevivido a si mesmo, sem conhecer o

travor amargo do esquecimento e da ingratidão com que os homens punem o que, depois de os dominar a elles, se deixa dominar pela senil fraqueza, sem assistir na longa noite de uma saudade inconsolavel ao apparecimento do seu proprio espectro que viesse fallar-lhe na epopeia das suas extinctas glorias, no drama doloroso dos seus orgulhos vencidos, e das suas vaidades para sempre desfeitas.

Da REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

(Jornal do partido regenerador)

Aproveu a Deus experimentar a nossa resignação, pondo-nos os corações á mais dura prova.

Portugal tinha orgulho d'aquelle filho seu dilecto, e a Providencia roubou-lh'ó, no momento porventura em que mais era preciso o seu conselho leal, a sua consummada experiencia, o seu prestigio superior.

Um golpe derrubou o colosso; um raio fulminou o gigante, que ainda hontem se erguia no fastigio immenso do seu nome, e que hoje, prostrado, nos parece ainda maior.

Deus não nos julgou dignos de o possuirmos; e não eramos de certo; que o paiz é pequeno para conter tão grande alma, que as invejas eram grandes para se affrontarem pelo logar que elle occupava.

Perdemol-o, e a sua perda é irreparavel. Ninguem, ao alvorecer do dia de hontem, preveria que tamanha fatalidade estava para acontecer; ninguem ousaria acreditar sequer que ella acontecesse. Havia a confiança na immortalidade d'aquelle homem excepcional, como ha a certeza na immortalidade do seu nome glorioso.

E ao entardecer do dia, ao chegarem as sombras lugubres de uma noite triste, a tristissima noticia corria, voava por toda a cidade, impondo-se á incredulidade de todos, á surpresa geral, á dor sem limite de muitos.

Elle, o grande coração portuguez, sorria despreoccupado e cheio de confiança, até quasi ao derradeiro momento, sorria ás caricias santas da amisade dos seus, ás sollicitudes dos medicos desvelados, sorria n'essa jovialidade perenne da vida íntima, que constituia o segredo da sua perpetua juventude de animo.

E um instante depois, aquella clara intelligencia envolvia-se nas trevas da inconsciencia, aquella grande coração deixava de pulsar; e quando o primeiro cidadão portuguez, o monar-

cha, a cujo serviço tão devotado elle fôra, e sua angusta esposa, a santa consoladora de todos os soffrimentos, entraram os aditos da residencia do subdito dedicado e leal, foram encontrar um cadaver apenas, e ajoelhar aos pés do crucifixo, — o sacrosanto morto da cruz, que na sua serena beatitude protegia outro morto, enlevo e honra da patria.

Fontes Pereira de Mello não pôde receber a extrema visita dos seus reis, que chegaram a tempo apenas de confundir as suas máguas sinceras com as da desolada familia.

É que os reis e os parentes pranteavam ali em commum a perda de um amigo leal; que o não houvera mais dedicado para a monarchia, que o não houvera mais extremoso para os seus.

O grande homem tinha findado a sua missão na terra, essa missão superior, que deixa um rastro de luz na historia da patria.

Provando desde verdes annos o seu arrojio e previdencia de estadista, deu-lhe a sorte largo quinhão na gloria de fazer a felicidade e de fomentar o progresso da patria que lhe era berço, da patria que elle do fundo da alma idolatrava.

Escriptor, parlamentar, estadista, financeiro, diplomata, radiante de talento e de prestigio, era em todas as condições e sobretudo portuguez.

Levantou as finanças, acrescentou o credito, reanimou o bom conceito do paiz, ampliou-lhe as fontes de receita, iniciou-o com mão ousada nos melhoramentos materiaes, manteve-lhe a paz e a tranquillidade, a cuja sombra se desenvolve a industria e o commercio, e soube ser sobre todos e mais do que ninguém apostolo da tolerancia politica.

Luctou muito, luctou com o coração e com a intelligencia. Venceu obstaculos que pareciam insuperaveis, torceu resistencias que pareciam inflexiveis e transigiu com o seu tempo, e soube guiar com mão segura os acontecimentos e a corrente das opiniões.

Era uma força, porque inspirava a maxima confiança. Nos momentos de perigo, todos olhavam para elle, porque todos sabiam que havia no seu peito um bom sentimento, no seu cerebro um bom conselho, no seu braço uma firme execução.

Orador, nenhum o houve mais prestigioso e mais cheio de auctoridade do que elle. Sabia fazer-se ouvir, e a sua palavra dominava e convencia. Fidalgo, não o houve mais distincto pelas qualidades innatas de character, pela delicadeza esmerada de todos os sentimentos. Cortez, lhano, affavel, correcto, lealissimo, dadivoso, protector, cheio de generosidade

até para os ingratos e de perdão até para os que mais o offendiam, era o typo do verdadeiro aristocrata moderno, que conquista os seus pergaminhos pelo merecimento proprio e affirma a sua superioridade e excellencia em todas as condições da vida.

Estadista e monarchico, sabia respeitar o rei, que era o symbolo das suas convicções politicas, e respeitar-se a si proprio, como sendo o mais leal, mas mais independente servidor da realleza.

Vivêra amado no paço, e nunca foi palaciano; tinha distincto logar na côrte, e nunca foi cortezão.

Disse ao rei sempre a verdade, de cabeça erguida, como a disse ao povo; sem nunca lisonjear nem um nem outro. E por isso o povo o amava e o rei o considerava.

É que sabiam que n'aquelle peito se albergava um coração de verdadeiro portugez; é porque, por mais mysteriosos que fossem alguns actos da sua vida gloriosa, o rei sabia talvez, e o povo na sua intuição adivinhava de certo que elle era o mais vigilante e solícito advogado da nossa independencia, o mais fervoroso e acrisolado apostolo da manutenção da nossa autonomia, o mais intransigente adversario de tudo quanto proxima ou remotamente podesse ameaçal-a.

E hoje, extinto o facho d'aquelle intelligencia de escol, adormecido o pulsar d'aquelle coração generoso e bom, hoje quem velará pela patria, nas angustias dos perigos e ameaças que possam vir-lhe imminentes?

O nosso coração está de lucto e vê negrumes em torno; o nosso espirito está merencorio e disposto a presentimentos sinistros.

Talvez d'essa disposição de animo nos venha um fundo pavor pelo futuro. Talvez!

Mas se o partido regenerador, perdendo o chefe prestigioso e de todos amado, muito perde, a patria, com a morte de Fontes Pereira de Mello, perde ainda muito mais!

Do ECONOMISTA

(Jornal independente)

Surprehendeu-nos dolorosamente a morte do distincto estadista Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello. Tão longe estavamos de suppor que o paiz tivesse tão cedo de lamentar a perda de um dos seus homens mais eminentes, que não demos credito ás primeiras noticias, que nos vieram annun-

ciar tão lugubre acontecimento. Nenhum indicio nos havia prevenido, nenhum receio nos pozera de sobreaviso. Encontravamos-o, ha dias, robusto, agil, no pleno fulgor da sua intelligencia privilegiada, e mal podiamos suppor que era a ultima vez que ouviamos aquella voz, que tantas vezes nos fez sobresaltar de enthusiasmo no parlamento, e tantas vezes nos encantou nas conversações particulares; mal calculavamos que era a ultima vez que viamos aquella figura, nobre e distincta, que se impunha ás assembléas e dominava pela superioridade que naturalmente manifestava.

A nossa surpresa foi a de toda a cidade e foi de certo a do paiz inteiro. Os que ouviam a triste nova mal podiam acreditar-a.

Mas, passados os primeiros momentos de duvida, conhecida infelizmente a verdade da fatal nova, começou naturalmente o desalento a apossar-se de todos os espiritos e o assombro a desorientar ainda os mais affeitos a arrostar com as difficuldades e com os tormentos da vida. Inquiria-se geralmente quem substituiria o illustre estadista, como se encheria o immenso vacuo que a morte acabava de abrir na politica portugueza, e ninguem atinava com a resposta, porque era tão colossal a estatura de Fontes Pereira de Mello, que não se encontrava ninguem que, no seu lugar, não parecesse pygmeu.

E infelizmente a perda, confessámo-lo, é irreparavel, porque Fontes Pereira de Mello não tem quem o iguale, embora nos cargos que exercia, na alta posição que tinha no mundo politico possa haver quem o substitua.

Não se falla diante do tumulo, que vae abrir-se, de um homem como Fontes Pereira Mello apenas em nome de partidos politicos. Se olhassemos assim a fatalidade que sobre nós pesa, poderíamos ainda dizer que todos os partidos perderam com a sua morte, embora o partido regenerador tenha razão e direito para a lamentar mais sentidamente, porque com elle se finou a sua maior glória e o nome que lhe dava maior prestigio e maior fulgor. Mas a perda de Fontes Pereira de Mello é sobretudo uma perda nacional. É o paiz inteiro que está de luto, porque com o illustre estadista se extinguiu o maior portuguez do segundo periodo da nossa moderna historia constitucional.

Ninguem passará á posteridade com mais justos titulos do que o homem que soube, com uma energia excepcional, transformar a vida economica do paiz, deixando-lhe todos os elementos de acção e de prosperidade, que os vindouros ainda melhor apreciarão do que nós, porque não lhes offuscará o

merito de todos esses commettimentos o prisma enganador por que ás vezes a paixão politica ou partidaria nos fazia ver a arrojada iniciativa do grande estadista.

O povo, que pouco entende da politica pequena que nos divide, não precisou de tempo para ver claro na obra de Fontes Pereira de Mello.

As lagrimas com que era por toda a parte recebida a fatal noticia do seu prematuro fallecimento, o afan com que todos correram á sua morada, o prestito imponentissimo que hoje á noite acompanhou o seu cadaver para a igreja, onde ficou depositado, são a manifestação mais eloquente de que Fontes Pereira de Mello bem mereceu da patria, e soube comprehender os interesses d'ella, n'essa lucta ingente que travou contra a ignorancia, contra a rotina, contra a falta de auxiliares fecundantes do trabalho e da industria. A sua biographia ficou traçada em caracteres indeleveis, em todos os recantos do paiz, nas paredes das escolas, nos leitos das estradas, nos carris, nos telegraphos. E é por isso que o povo o conhece, e é por isso que o chora com lagrimas de sincero e verdadeiro sentimento.

Façamos todos por lhe respeitar a memoria, imitando-lhe o exemplo.

Saibamos ser tolerantes, leaes, energicos para o bem, dedicados ás instituições e patriota inquebrantavel como elle. Teremos assim levantado á sua memoria o monumento mais digno de tão grande alma e de tão nobre coração.

Das NOVIDADES

(Jornal do partido progressista)

Ha pouco mais de um anno, n'aquella elegante vivenda do pateo do Tijolo, quando uma enorme concorrencia, enluctada e solemne, se accumulava nas salas e enchia aquelle jardim, d'onde o olhar desmaiado de Anselmo Braamcamp avistou pela ultima vez a bella bahia do Tejo, destacava, entre todos aquelles que iam prestar a derradeira homenagem ao velho e honrado chefe progressista, a figura apumada e correcta de Fontes Pereira de Mello, com a sua farda de general, o peito constellado de veneras, o semblante animado e expressivo, que um olhar vivissimo illuminava de subitos clarões, mas que uma sombra melancolica toldava n'aquelle dia... Por uma involuntaria mas nitidissima recordação, foi exactamente essa figura que appareceu hontem ao nosso espirito,

quando chegámos ao limiar d'aquella casa fatal, e soubemos que eram infelizmente verdadeiros os terriveis boatos que circulavam cá fóra. Fontes Pereira de Mello estava moribundo, e, dentro em poucas horas, pela mesma porta que elle transpunha ha um anno para acompanhar os despojos d'aquelle que fôra a um tempo o seu rival e o seu amigo, sairia o cadaver d'esse grande luctador, prostrado inopinadamente, em plena saude, em pleno vigor, em pleno combate!

A noticia d'este tristissimo acontecimento correu rapidamente pela cidade, causando a mais profunda sensaçãõ em todos os circulos politicos e em todas as camadas sociaes, como a esta hora terá produzido a mais dolorosa impressãõ em todo o paiz. O desaparecimento de um homem d'aquella estatura e d'aquelle prestigio é sempre uma verdadeira perda nacional, mas o facto da sua morte ser de tal modo repentina e inesperada, dando quasi um aspecto tragico á calma suavidade de tão rapida agonia, contribuiu para tornar ainda mais viva e mais pungente a dor, que n'este momento nos fere a todos, amigos e adversarios. Diante do cadaver enregelado e inerte de um homem de valor e dos serviços de Fontes Pereira de Mello, diante do subito apagar de um espirito tão lucido e tão brilhante, não ha distincções partidarias ou desavenças politicas que valham, e, n'um instante, a mágua sincera, que causa um tão grande luto, apaga todos os resentimentos e confunde todos os campos, nas justas e amargas tristezas da mesma commoção. A bandeira dos nossos adversarios está coberta de crepe; mas a nossa inclina-se, reverente, diante do feretro do que foi o chefe prestigioso do partido regenerador, do homem eminente, que era, sem uma sombra de duvida, uma das glorias da politica portugueza.

*

Não raro a critica malevolente aproveita momentos como este para accentuar o contraste flagrante dos elogios com que em Portugal costumámos cobrir a memoria dos homens que em vida mais discutidos e injuriados foram. É que esta é a natureza das cousas! A lucta politica, accendendo paixões violentas, provocando represalias e desafiando competencias, faz-nos commetter a todos injustiças e praticar demasias, que a consciencia procura reparar sem demora, logo que a morte, ceifando de repente uma existencia preciosa, nos mostra esmagadoramente a inanidade de todas as nossas ambições e a miseria de todas as nossas contendias. Depois, os defeitos, as imperfeições, os erros do homem, que

combatiamos hontem, desapparecem diante dos serviços, dos talentos, das qualidades, que logrou prestar e pôr em evidencia, durante uma larga e gloriosa carreira. É que Fontes Pereira de Mello, hontem ainda, pertencia ao seu partido, ao qual dava todo o vigor da sua intelligencia e todo o prestigio do seu nome; hoje a sua memoria, embora fique constituindo um brasão de fidalguia partidaria para aquelles que o tiveram por chefe, não lhes pertence a elles: pertence ao paiz, pertence á historia.

É cedo, porém, para que a historia se faça, para que a historia falle. Escripita hontem, a historia seria infiel, porque ou representaria a homenagem apaixonada do sectario, ou condensaria a satyra rancorosa do inimigo politico; escripita hoje, sob a acção d'este funebre acontecimento, á beira da sua campa entreaberta, não poderia deixar de traduzir a commoção vivissima que assaltou todos os espiritos e todos os corações perante uma catastrophe tão grande como inopinada. Os homens da estatura de Fontes Pereira de Mello são como as grandes montanhas, que precisam de ser vistas a distancia para se poderem examinar em todas as suas proporções, e apreciar em todos os seus accidentes. Só a posteridade o poderá julgar, porque se as paixões emmudecem diante de um cadaver, a morte não consegue, de um instante para o outro, apagar em todas as intelligencias os preconceitos e as exagerações, com que nos invade inconscientemente a pugna de todos os dias.

Mas se não é este o instante para apreciar devidamente a longa e brilhante vida publica de Fontes Pereira de Mello, cuja carreira teve periodos de excepcional felicidade e de superior brilhantismo, não podemos deixar de prestar homenagem aos dotes rarissimos da sua intelligencia fina, malleavel, de uma penetração e de uma sagacidade extraordinarias, de um poder de assimilação e de uma nitidez de exposição, que constituiam o principal segredo da sua grande força como orador.

Como chefe de partido será difficil substituil-o: tinha a auctoridade, que se impõe, e a finura, que se insinua; a energia, que commanda, e a polidez, que captiva; a correcção severa, que mantem os outros a uma distancia, que fica entre a cerimonia e a familiaridade, e as maneiras primorosas, que desarmam os adversarios e evitam as incompatibilidades.

Por sobre tudo isto, possuia, como nenhum outro, o conhecimento exacto das cousas e dos homens do seu paiz, e d'ahi provinha talvez um certo scepticismo ligeiramente iró-

nico com que elle dirigia a sua politica, atravez de todas as ambições e de todos os despeitos, que fervilhavam em volta da sua poderosa individualidade. Principalmente, este pequeno mundo, que enxameia nos corredores de S. Bento e nas antecamaras ministeriaes, que barafusta nos centros partidarios e que gasta a cantaria das umbreiras da Arcada, ninguem o conhecia e ninguem o sabia levar como Fontes Pereira de Mello!

No entretanto, se o seu talento de estadista era grande, se as suas habilidades de politico fino eram inexcediveis, é de justiça que não o vejamos agora nos bastidores, e que encairemos a sua grande figura no theatro dos seus triumphos mais incontestados e mais brilhantes, na tribuna parlamentar. Fontes Pereira de Mello tinha um logar á parte na galeria dos nossos oradores, e só os que o viram, por entre o fogo das mais asperas batalhas parlamentares, aprumar a estatura erecta, erguer a cabeça com altivez, accentuar as feições energicas e firmes, desprender a voz cheia e sonora, e arcar, frente a frente, com os mais poderosos adversarios, podem avaliar justamente o seu prestígio e a sua força na tribuna parlamentar. E esse Fontes Pereira de Mello, talvez o mais brilhante, o mais poderoso, o mais deslumbrador, é que morreu!

As medidas do reformador hão de ficar na historia; as obras do estadista ahi estão traduzidas em factos de largo alcance economico e social; mas as suas qualidades oratorias, a auctoridade indiscutida com que elle dominava as assembléas, a promptidão feliz e esmagadora com que retorquia aos ápartes, a malicia e a sagacidade com que explorava as fraquezas dos adversarios e os procurava dividir, a superior habilidade com que sabia illudir as difficuldades e evitar as inconveniências, a clareza e lucidez com que lograva resumir e condensar os mais largos debates, a pericia com que conseguia sempre enthusiasmar os seus amigos e a primorosa, inalteravel cortezia com que tratava sempre os seus adversarios, tudo isso, que representava a explicação das suas constantes victorias no parlamento, que tinha sido talvez o fundamento mais solido da sua fortuna politica, tudo isso acabou para sempre. Só os que o ouvimos podemos julgal-o; o orador é um pouco como o actor, leva para o tumulto o segredo dos seus triumphos. E esta verdade, que é geral, tem duplicada applicação a Fontes Pereira de Mello, porque os seus discursos, quasi sempre improvisados sobre as circumstancias da occasião, não tinham os primores de fórma, que perpetuam as obras litterarias, nem as profundidades philosophicas, que caracterisam as obras dos grandes pensadores.

Era o politico, que fallava n'elle; tirando-lhe o calor da voz, a inspiração de momento, o scenario em que se movia, as paixões, que se agitavam em torno d'elle, e que Fontes sabia, a um tempo, explorar e conter, ficam-nos apenas pallidos trechos de prosa, secca e arida. Mas quem o viu, quem o ouviu é que sabe que grande, que enorme luctador elle foi!

Do DIARIO ILLUSTRADO

(Jornal do partido regenerador)

1.º

Escrevemos sobre a impressão de uma dor verdadeiramente inexprimivel. Comprehende-se que n'este momento não possamos colleccionar, reflectida e chronologicamente, todas as notas biographicas de Fontes Pereira de Mello, nem a biographia do grande estadista se pôde escrever de um momento para o outro, e sobretudo em tão attribulado momento. Faremos apenas algumas considerações, reservando para mais tarde as noticias historicas que possamos coordenar.

*

Fontes Pereira de Mello manifestou as suas grandissimas qualidades de homem publico logo que, no verdor dos annos ainda, deu entrada na scena politica. Tinha apenas vinte e nove annos, quando a provincia de Cabo Verde se honrou enviando-o como seu representante ao parlamento. A sua estreia foi um triumpho completo, e d'ella ficou memoravel tradição nos annaes da eloquencia politica portugueza. Este discurso, em defeza da sua eleição contestada, foi uma deslumbrante revelação das suas faculdades oratorias, tão comprovadas depois. Ouviram-o attonitos os gigantes da tribuna e logo lhe tiraram o horoscopo afortunado. Era prodigiosa de consciente ousadia e de profunda confiança nos seus recursos a palavra juvenil e inspirada que vinha cheia de frescura, de elegancia e de talento echoar no ambito costumado ás harmonias grandiosas em que se repercutia diariamente o verbo sublime de Garrett, de Fonseca Magalhães e sobrelevando a todos o do semideus portuguez da palavra parlamentar!

Estas circumstancias, perante as quaes as mediocridades se annullariam, foram as que deram azas ao genio para n'um vôo rapido o erguerem ás altas cumiadas.

Tres annos depois da sua entrada na camara, o duque de Saldanha, que já de perto o conhecia como brioso e valente official, e que o condecorára em campanha com o habito da Torre e Espada, pela maneira distinctissima como se comportára em Torres Vedras, o duque de Saldanha, que depois o admirava nas suas manifestações esplendidas de politico habil, de estadista sagaz e de orador consummado, escolheu-o para seu collega, no ministerio a cuja presidencia foi chamado em 1851, e deu-lhe a pasta da marinha, onde no breve tempo que a geriu teve logo ensejo de illustrar com instituições uteis e duradouras a sua rapida administração.

Na mesma epocha, os acontecimentos politicos dispunham-se de modo, que Fontes Pereira de Mello teve de tomar nos braços a pasta da fazenda, então sobrecarregada com os mais onerosos compromissos e vogando quasi sem norte no oceano tenebroso das maximas difficuldades. O modo como a administrou, as medidas de rasgada iniciativa que energicamente ousou tomar, a restauração das finanças portuguezas, resultado final das suas acertadas providencias, dos seus expedientes maravilhosamente adequados, tudo isto cobriria de gloria, de immorredoura fama e de agradecimentos nacionaes o melhor estadista de qualquer nação do mundo.

*

Teve no mesmo ministerio a gerencia da pasta das obras publicas, recentemente instituida. Parecia que a mão do nosso destino politico se comprazia em tactear o pulso do homem que tanta vez, d'ahi em diante, sobraçaria a responsabilidade do governo publico nas suas multiplas ramificações e variedades.

Foi n'esta epocha que todos os nossos melhoramentos materiaes se inauguraram. Á voz de Fontes Pereira de Mello, nós, que dormiamos de pé, diante da civilisação europêa e que andavamos para mais de vinte annos atrasados d'ella, despertámos resolutos e pozemo-nos a caminhar. Dependia d'esse energico, d'esse intelligente e viril impulso todo o desenvolvimento do paiz, a restauração e mais ainda do que ella a creação de novas riquezas nacionaes, a resurreição do nosso viver social, culto e civilisado. Abriu-se á voz magica d'esta previdente e intelligentissima vontade uma nova epocha do progresso só por elle antevista e por elle realisada.

Que mais digno chefe podia escolher o partido a que elle vinculou tão gloriosas tradições?

Fontes Pereira de Mello manifestou-se sempre, por excel-

lencia, o homem de estado, constitucional, conservador esclarecido sem nenhum apego á immutabilidade; progressista reflectido, sempre com a mira nas conquistas praticas do espirito humano, no dominio das aspirações politicas e das mutações sociaes; mas habil para se não arrojar ás cegas nos trilhos erriçados de perigos onde os espiritos especulativos, com precipitação se lançam, e intelligentemente denodado para não estacar perante as surpresas do futuro caíndo nos desacertos da inacção ou no retrocesso; e alem de tudo isto, eminentemente tolerante, liberal e democrata.

Quem tão auspiciosamente tomára o leme da governação de modo que nunca teve as inexperiencias de um ministro novel, antes revelou sempre a firmeza e segurança de um administrador experimentado, não podia conservar-se muito tempo longe dos conselhos do governo, e por isso em 1859 assumiu a pasta do reino, no ministerio presidido pelo duque da Terceira, em 1863 volveu a ser encarregado do ministerio da fazenda e, pouco tempo depois, do da guerra, e finalmente em 1871 tomou conta do poder como presidente do conselho de ministros, conservando para si aquella ultima pasta, onde introduziu amplas reformas que lhe não fôra dado levar a cabo na primeira vez que a administrára, e onde implantou os inicios de futuros e mais vastos commettimentos, que só a sua energia e especialissima competencia conseguiriam realisar.

Armou e instruiu o exercito tanto quanto os recursos do thesouro permittiram, solicitados pela vara milagrosa da sua vontade, adquiriu material de guerra perfectissimo e logrou ver habilitados no exacto conhecimento do serviço d'elle soldados e officiaes, conseguiu que nos estabelecimentos do estado se monfasse com regularidade o seu fabrico, até onde pôde ser exequível, continuou e completou em parte alguns importantes trabalhos de fortificação permanente para defeza de Lisboa, e finalmente, para não fazermos enumeração mais prolongada, reformou o serviço disciplinar do exercito e o seu codigo de justiça, erguendo á magestade d'esta um santuario condigno.

O ultimo ministerio presidido por Fontes Pereira de Mello foi o complemento glorioso da sua brilhante carreira de estadista.

Como se sabe, esse ministerio apresentou ás camaras a proposta de lei do segundo acto addicional á carta constitucional da monarchia portugueza, a que o nome de Fontes Pereira de Mello fica vinculado, como já ficára ao primeiro.

Não podemos, repetimos, sob a impressão da dor que

nos domina, recordar factos políticos, comquanto sejam apenas de hontem.

O grande estadista como que nos apparece ainda vivo, e mal podemos acreditar na sua morte.

Estamos a vê-lo ainda de pé na tribuna, pedestal da sua mais vivida gloria, dominando com a magestade da figura, com a musica da palavra, com a penetração das idéas, com a dignidade do porte o oceano revolto das paixões e interesses, o pelago sempre turvo e sempre rugidor de uma assembléa parlamentar!

N'esse momento de enthusiasmo e de febre, quando a luz da inspiração, entrando-lhe a jorros no espirito, lhe aquecia a alma e illuminava a intelligencia, quando o seu vulto soberbo e imperioso se erguia para dar vida ao turbilhão de pensamentos que lhe tumultuava no cerebro, quando a sua bôca já se abria para arrojara todos os echos da sala as vibrações portentosas do seu genio impressionado pela *mens divina*, perpassava no auditorio um fremito, uma corrente nervosa, uma brisa de anciedade; agitava-se no embate das mais desencontradas impressões aquella floresta de robustas sympathias e de adhesões leaes; crescia n'um marulhar de applauso anticipado a affabilidade dos amigos; subia em ondas ameaçadoras a irritação dos contrarios, encastellava-se no horisonte da discussão a montanha de nuvens que presagiava um vendaval impetuoso; attendia-se; escutava-se; tremia-se, e, sem querer, sem se sentir quasi, ao influxo de uma força mysteriosa e superior, os animos domavam-se, os espiritos submettiam-se, os interesses captivavam-se, as paixões dominavam-se, as vontades subjugavam-se, e na consciencia de todos resoava triumphante o hymno da veneração géal, o *ecce sacerdos magnus* ao maior, ao primeiro de todos, ao mais levantado estro tribunicio que tinhamos possuido, á voz mais eloquente que se expandia em maravilhas de inspiração e de talento, do alto da tribuna portugueza.

Ali, Fontes Pereira de Mello tinha o sentimento vivo do dever que cumpria, a consciencia perfeita da competencia com que desempenhava o seu cargo, a serenidade convicta de uma grande força intima que sabia exaltar-se com a lucta e robustecer-se com as contradicções, com os obstaculos. Tinha a auctoridade da palavra, que subitamente se apossava do auditorio e o dominava por um ascendente irresistivel, que conquistava todas as atenções e encadeava todas as vontades, suspendendo de seus labios os espiritos captivos, fixando no seu vulto todos os olhares deslumbrados.

Imposto, então, na assembléa o silencio grave e solenne das grandes occasiões excepcionaes, o orador, seguro de si e de quanto o rodeia, desprendia no meio d'elle, como n'um lago tranquillo, a barca da sua eloquencia, e, desfraldada a vèla da perfeição incomparavel, deixava-a vogar serena e magestosa, certo que havia de evitar os perigos das correntes imprevistas, de que havia de conjurar as tempestades.

Advogado de si mesmo, seu arauto e seu porta-bandeira, viamol-o de pé sempre na lucta, sem abandonar a brecha, sem desamparar a estacada, combatendo, destruindo, fulminando as doutrinas subversivas que lhe faziam face, acudindo a toda a parte onde o seu prestigio era pedido, aqui attendendo ao mechanismo do systema representativo, alem presentando o auxilio do seu esforço na lucta dos partidos, acolá rebatendo e pulverisando os artificios da discussão, mais longe aniquilando ou engrandecendo as influencias da imprensa, as tendencias da opinião.

Esse homem extraordinario, phenomenal, acaba de ser roubado pela morte, repentinamente, á sua familia, aos seus amigos, ao seu partido, ás instituições monarchico-liberaes que sempre defendeu, ao paiz que sempre amou e serviu.

Ainda ha poucos dias o vimos na sala do centro regenerador, cheio de vida e de energia, caracteristico da sua organização privilegiada.

Ainda quinta feira assistiu ao jantar dado por mr. Fonton, ministro da Russia n'esta côrte. Parece que se retirára das salas da legação da Russia ligeiramente incommodado. O frio que tem feito n'estes ultimos dias aggravou esse incommodo e provocou de certo a congestão pulmonar a que Fontes Peireira de Mello succumbiu.

2.º

Morreu o nosso querido, o nosso bem amado chefe, mas na terra portugueza ficou, como sendo o maior dos monumentos erguidos á sua immortalidade, a escola politica de que somos dos mais humildes e obscuros adeptos.

Morreu o grande homem, o *Fontes*, mas ficou a germinar na patria a doutrina que elle sempre prégou, crente n'ella. Sceptico, se o era, sómente o foi para a corrente da epocha, que elle quanto pôde desviou, que elle conteve quanto lhe era possivel, sendo assim que a historia ha de interpretar as proprias transigencias.

Essa doutrina que tem um nome que é uma verdade pela affirmação dos factos — *a regeneração* — é o nosso titulo de

honra. E continuará a sê-lo, guardando nós com avareza, com respeito e amor, esse pergaminho da nossa nobreza politica.

É a herança que nos legou o *Fontes*, herança unica que elle deixou, é verdade, mas que grande ella é, como nós nos sentimos ricos com o que nos legou o homem que morreu pobre!

Veste-se de lucto o nosso coração e de crepes se encobre a nossa bandeira. Bem sabemos que muito perdemos e que elle muitissima falta nos fez. A chefatura do partido é... *sede vacante*, e o que for erguido nos nossos escudos será o primeiro a reconhecer a superioridade do grande homem, do inimitavel politico, em cuja infallibilidade juravamos, tão illuminada era a sua acção pelo talento alliado á experiencia!

Descansem os nossos adversarios. Ninguem deserta, porque este posto é de honra e dignidade; guardâmos o fogo sagrado das nossas crenças, que têm a garantia de tradições nobilissimas, como nenhum outro partido as tem mais fidalgas. Jurâmol-o em frente do cadaver do nosso querido chefe, do nosso mestre idolatrado, tomando por testemunhas a muitos milhares de portuguezes.

Continuaremos o nosso combate, seguindo o seu exemplo, que morreu a combater. *Liberdade, progresso e tolerancia*, é a nossa divisa. A economia e a moralidade são effeitos. E que o digam os factos, se nós, como o progresso, não temos produzido riqueza. Que o diga a comparação que realta de 1851 com 1887!

No partido regenerador ha homens intelligentes que sabem comprehender as necessidades da patria, das instituições e da politica. Elles se inspirarão no seu dever, sem ser necessário insinuações dos adversarios. É até da obrigação d'estes não as fazerem.

A morte do chefe tomou-nos de surpresa. É uma verdade, e seria loucura pretender escondel-a; mas deixem passar o nosso luto; não venham já, na hora afflictiva, consolar-nos com a lembrança da desgraça!

Isto não é confessar fraqueza, que não é propria do nosso animo; é ainda uma fórma de manifestar a nossa dor.

Estamos unidos, como sempre estivemos. Hontem era em volta da figura proeminente de *Fontes Pereira de Mello*; hoje é do seu espirito, da doutrina de união e solidariedade que elle sempre nos prégou que nos acercâmos respeitosaente.

De fórmas de organização não precisâmos tratar, porque o partido morgado da politica portugueza — o regenerador — está bastantemente affirmado no conceito do paiz.

Do CORREIO DA MANHÃ

(Jornal do partido regenerador)

1.º

«Morreu Fontes Pereira de Mello.»

Quem nos diria hontem que seriam estas palavras funestas que escreveríamos no alto do nosso artigo de fundo? Como podíamos sonhar que tão horrorosa catastrophe estava pendente sobre o nosso partido e sobre o nosso paiz, que esse homem cheio de vida e de vigor, cuja palavra juvenil ainda vibrava com todo o frescor da sua primavera, cujo olhar se accendia ainda em relampagos quando a paixão o agitava, havia de succumbir de um dia para o outro, no momento em que os seus amigos apenas o suppunham resguardando-se no leito de um incommodo passageiro? Chega a parecer um sonho, chega a imaginar-se que tudo isto foi a visão de uma hora de febre, e que, ao sairmos, o vamos encontrar de novo, direito, desembaraçado, com a sua verde robustez, com a sua palavra vibrante e affectuosa, trocando comnosco, no troteio da palestra, essas réplicas scintillantes que eram a gloria da sua palavra parlamentar, o seu encanto supremo como conversador.

E comtudo nada ha de mais verdadeiro. Morreu Fontes Pereira de Mello, e esse vulto brilhante, que resumé em si todo o esplendor da nossa segunda epocha constitucional, esse homem que foi um dos maiores da nossa historia politica, esse homem que foi uma das glorias do nosso passado, e que era ainda uma das esperanças do nosso futuro, esse homem que imprimiu ao seu paiz o impulso que o arrojou desassombradamente pela estrada do progresso, que recebeu dos que o precederam um paiz devastado pelas guerras civis, um paiz da idade media, que tinha, em vez de estradas, precipicios e algares, e que lega aos seus successores um paiz pacificado, cortado pelas vias ferreas, caminhando ovante na estrada do futuro, esse homem, cuja vitalidade extraordinaria parecia assegurar-lhe ainda uma larga carreira, e que assim pôde, até ao ultimo suspiro, dar ao seu paiz toda a energia do seu espirito, e á sua familia e aos seus amigos todas as forças vivas do seu coração, vae ámanhã, fulminado de subito pela morte, dormir o eterno somno na terra humedecida pelas lagrimas do inverno, á sombra dos cyprestes onde o vento do norte geme, sobre as câmpas dos grandes homens, o eterno *Miserere* de todas as grandezas humanas!

Não é hoje de certo, podem imaginal-o, que vamos prestar a devida homenagem a esse grandioso vulto. O publico espera de nós, não as palavras da elegia que vibra nas cordas da nossa alma compungida por uma dor profunda, mas a historia d'essa catastrophe que vae cobrir de lucto Portugal inteiro, que vae por esse paiz, que a não espera, vibrar, a todos os que amaram e respeitaram esse homem verdadeiramente grande, o golpe que trespassa os corações de todos, quando passa nos arés a noticia de uma desgraça nacional.

Apenas a noticia da morte se espalhou pela cidade, correu um immenso numero de pessoas, de todas as classes da sociedade e de todos os partidos, á casa do pateo do Tijolo. Apesar de todos saberem que não era uma noticia que se inventasse, ninguem ao principio acreditava, e todos queriam certificar-se da verdade de tão lamentoso acontecimento.

O sr. Simões de Almeida tirou em gesso a mascara do finado para reproduzir em busto.

E assim terminou, de subito, inesperadamente, essa carreira brillantissima! O vulto do grande estadista ha de ficar na memoria do povo como o de uma figura verdadeiramente legendaria.

A sua passagem no mundo politico foi como que a orbita de um astro, que atravessa os espaços, coroado de luz, sem perder um só dos seus raios, sem sentir invadil-o a pouco e pouco a noite e a escuridade. A sua voz não deixa ficar no parlamento senão os echos sonoros das suas vibrações potentes; nunca esses echos a sentiram desfallecer e turvar-se. Entrou na carreira politica lançando o seu paiz na senda do progresso, deixou-a, tendo-o arrojado ainda a novos commettimentos. Entrou no ministerio firmando com o seu nome uma conquista liberal, deixou-o para sempre depois de legar á sua patria uma nova conquista democratica. Fiel servidor da monarchia, como fôra sempre o devotado campeão da liberdade, entrou no poder para consolidar o throno abalado, para retemperar a corôa de D. Maria II na agua lustral do progresso. Saiu ultimamente do poder, dando ainda á monarchia um novo penhor da sua dedicação generosa.

Alma elevada e pura, de bronze para as inscrições da gratidão, de areia para as impressões da injuria, coração onde vibravam todos os affectos, de uma simplicidade amovavel para os seus, tendo esta cortezia que é a fórmula externa da bondade; espirito aberto a todas as idéas generosas, conservando o culto pessoal de tudo quanto ha de nobre e de sublime no ideal humano, a par de uma indulgencia sceptica para todas as fraquezas alheias, tendo a probidade

inconcussa e o sereno desdem das torpezas que por essas ruas correm como as enxurradas d'este inverno do seculo, o character de Fontes Pereira de Mello é um d'aquelles que os Plutarchos do futuro hão de estudar curiosamente como um dos mais assombrosos exemplos de uma alta e immaculada virtude, que tem, como o arminho, o horror da nodoa, e que atravessa, incolume, armada de um desdem fidalgo, os lamações em que se agita muitas vezes a politica contemporanea.

Hoje em torno do seu tumulo todos, sem distincção de partido, se curvam reverentes, bem o sabemos. Os nossos adversarios, iriamos jural-o, partilham a nossa dor, e inclinam diante do feretro a espada dos combates quotidianos.

Não lhes dictará de certo esse procedimento só a cortezia do seu animo, mas no fundo da sua consciencia hão de sentir que deixa um vacuo immenso essa figura gigantesca da nossa politica. Era um adversario leal como era um incomparavel amigo; nunca olvidou, no mais acceso das luctas, que acima dos interesses dos partidos estão os interesses do throno, da patria e da liberdade. Nas epochas, que vão correndo, de ambições ferozes e de soffregas cobiças, deve ser um luto para todos o desaparecimento de um homem que sempre conservou no fundo da sua alma, ainda mesmo quando a turvavam os temporaes das luctas politicas, o reflexo sereno d'esses ideaes, como n'um lago, revoltado pela ventania, se conserva sempre o reflexo do céu azul e das candidas estrellas. Era exemplo para todos, e era lição para muitos. E se nós, soldados da sua phalange, chorámos a perda d'esse chefe incomparavel, amigos e adversarios, todos os que sentem pulsar no peito um coração portuguez, hão de sentir uma dor verdadeira ao lembrarem-se que nunca mais vibrará no parlamento aquella palavra a um tempo vigorosa e cortez, polida como o aço e como o aço inflexivel, que desapareceu para sempre da nossa galeria nacional esse homem que soubera alcançar na Europa, com o seu prestigio pessoal, uma situação que poucos ministros de pequenos paizes jamais obtiveram, e que foi a gloria, a ufania, a admiração e o estímulo da geração a que pertenceu.

2.º

É extraordinaria a impressão causada em Lisboa e em todo o paiz por este funebre acontecimento, e mais extraordinarios ainda e consoladores para a familia e para os ami-

gos do fallecido os testemunhos de veneração dados ao morto pelos filhos do povo, por esses homens que a politica faciosa tanto procurou acerrar contra o illustre estadista, e que entram commovidos no quarto mortuario, ajoelhando muitos e alguns beijando a chorar a mão do finado.

Pessoas de todas as classes entram a cada momento, prestando assim como ultima homenagem ao grande homem, cuja figura se conservou sempre luminosa e serena no meio das tempestades e das nuvens da politica.

Já se receberam muitos telegrammas da provincia e do estrangeiro. O primeiro que chegou foi o do sr. conde do Casal Ribeiro, expedido de Madrid ás nove horas da manhã, e que começava por estas palavras: «Recebo com triste surpresa tristissima noticia».

Do CORREIO DA NOITE

(Jornal do partido progressista)

Um homem cuja morte sobressalta um paiz inteiro, um estadista cuja perda suscita graves problemas na politica de uma nação, foi seguramente eminente em vida, quer pela pujança dominadora do pensamento, quer pela energia directora da accção. O estremecimento violento, a sensação profunda, que hontem produziu a noticia, rapidamente espalhada, de que fallecêra o chefe illustre do partido regenerador, foram a triste mas eloquente contraprova da superioridade d'esse velho, que apesar de ter visto passarem adiante d'elle os progressos scientificos e as aspirações sociaes de muitos annos de historia, e de estar rodeado de talentos robustos e de actividades juvenis, ainda era, no seu partido e na sua epocha, uma d'aquellas individualidades fortes, que se impõem aos acontecimentos. E, ao mesmo tempo, a unanimidade do pesar com que um povo inteiro viu cair fulminado o athleta, que aliás andava desde largo tempo empenhado nas luctas, que as convicções mais costumam apaixonar com as suas intransigencias e as ambições com os seus frenesis, demonstrou que elle soube sempre conciliar a força com a generosidade, e fazer-se estimar por qualidades do coração pelos proprios adversarios que mais lhe detestavam os principios ou os processos politicos; tendo combatido, tendo dominado, não espalhou no campo das suas victorias e na esteira dos seus triumphos sementes de odios e rancores, que

agora misturem as suas venenosas hervas com as saudades e os goivos que lhe engrinaldam o ataúde.

*

Nós fomos dos seus mais desaperecebidos, porém também dos seus mais intransigentes adversarios, e a mágua sincera de o ver tão subitamente prostrado não pôde de certo corrigir os nossos juizos de hontem, as nossas apreciações de sempre; todavia, se podessemos restituil-o, não só á vida physica, mas á vida politica, fal-o-íamos pressurosos, na convicção honesta de servirmos bem o paiz. Quer dizer esta só apparente incoherencia que os motivos por que dissentiamos d'elle não primavam sobre os merecimentos que lhe reconheciamos. Se a direcção que dava á sua politica não se norteava pela bussola que rege a nossa, a sua falta na direcção de um dos dois unicos partidos constitucionaes de Portugal ha de ser sensivel não sómente a esse partido, se não também ao seu contrario. Vão escasseando os homens cuja cabeça sobreleve ao nivel vulgar; e elle tinha a cabeça alta e levantada.

Principiam a faltar os centros de aggremação de forças e de conciliação de opiniões, e elle possuia, como ninguem, o condão de chefe. Estão desaparecendo as auctoridades moraes, que refreiam as indisciplinas da acção e do pensamento; e elle tinha a innegavel auctoridade dos seus talentos viris, da sua experiencia madurecida, dos seus triumphos e prestigios. Sente-se, no mundo politico, que as crenças sinceras e os principios arraigados, em que se baseia o systema representativo vigente, vão esmorecendo diante dos pharoes que o egoismo offerece para guias ao merecimento; e elle conservava ainda, da convicção d'esse systema, o amor ás liberdades individuaes, o espirito de tolerancia, o gosto pela ordem e a comprehensão da necessidade social da monarchia. Não superabundam os estadistas de aptidões praticas, versados e experimentados na gerencia dos negocios, peritos em dirigir os homens e dominar-lhes e aproveitar-lhes as paixões; e elle conhecia os segredos de todos os ramos da administração publica, como todos os processos, recursos, e até expedientes e stratagemas, da politica constitucional. E, em summa, n'este tempo, em que o amor patrio parece a tantos uma virtude obsoleta, um dever de cabelleira e rabiço, uma inspiração tão archaica como a das musas classicas, crêmos sinceramente que Fontes Pereira de Mello amava a sua patria, e não hesitaria, se preciso fosse, em sacrificar-

lhe o proprio sentimento com que parecia identifi- cal-a com-
sigo, sentimento desculpavel porque lh'o tinham alimentado
tantos dos concidadãos, proclamando-o indispensavel à ordem
e ao progresso do paiz, que lhe fôra berço e era quasi throno.

*

Quem sabe? Talvez os acontecimentos posteriores á sua morte justifiquem até o que pareceu serem os grandes des-
acertos da sua vida publica; talvez acabem de lhe explicar os
actos e as opiniões. Que, ainda assim, não será necessaria
essa justificação para a historia portugueza lhe dar um logar
de honra entre os homens que em Portugal foram obreiros
do progresso nacional, foram instrumentos do espirito da sua
epocha. Passado o periodo das reformas politicas e sociaes,
Fontes compenetrou-se das necessidades da civilisação ma-
terial, necessidades já sentidas, mas cujas exigencias o es-
trondo e a agitação das contendas civis e das discussões dou-
trinarias haviam abafado; depois de haver cooperado na re-
organisação da fazenda publica, consagrou-se a satisfazel-as,
com uma coragem que raiou por temeridade e uma largueza
que pareceu prodiga. Não foi elle quem creou, nem sequer
quem iniciou, a politica dos melhoramentos; mas basta á
sua gloria tê-la tornado possivel e ter-lhe dado impulso. No
seu monumento funebre devem sem duvida entrar como ma-
teriaes e ornamentos *rails* de estradas ferreas, arcos de pon-
tes, viaductos e locomotivas. Chegou a ter a paixão, quasi
a cegueira, do *fomento*. E essa paixão o fez por vezes esque-
cido de sabios preceitos economicos, na esperança illusoria
de que em sulcos de ferro nasceria oiro, e de que bastava
a estrada para fecundar a charneca; e se a sua politica, na
preocupação, demasiado exclusiva nos seus meios, de pro-
mover a riqueza publica, como que se materializou, desat-
tendendo melhoramentos moraes, politicos e sociaes; certo
é tambem que nenhum estadista portuguez tem mais direito,
embora não direito unico, do que Fontes Pereira de Mello a
ser associado pela posteridade á colossal transformação por
que Portugal passou em menos de meio seculo, e em que
elle se apropriou das conquistas mais uteis e fecundas da
sciencia e da industria moderna, para seguir após os paizes
que se iam distanciando d'elle a toda a velocidade da loco-
motiva e do telegrapho.

Esta medalha brilhante tem reverso, tem; mas não ha qua-
lidades que não tenham defeitos connexos, e raro é que as
acções vigorosas, que os impulsos energicos, parem justa-

mente no limite onde principia o seu exagero. A civilisação material do paiz deveu relevantes serviços ao finado estadista; ninguém lhe regateie esse preito de justiça. Também, na memoria dos homens publicos que o seguiram ou o combateram, ha de ficar indelevel a recordação das suas raras qualidades pessoaes. Se a sua intelligencia não era d'aquellas que anticipam o futuro, era das que abrangem o presente; não voava alto nem escavava fundo, mas pairava acima do mundo real, vendo-o com perfeita lucidez. Homem de acção, firme e energico, nunca se desordenava; e sendo dominador por caracter e circumstancias, nunca foi propenso a abusar da força, mas tão só da influencia, e não quiz nunca ser revolucionario. Orador, ainda ha pouco fazia gosto ouvir a sua palavra, desornada até ser secca, mas viva, clara, vibrante. Cavalheiro, ninguém se apartava d'elle sem levar um testemunho da sua gentileza, e os primores da sua cortezia não encobriam, como tantas vezes succede, a aridez do coração; nunca fazia mal por gosto, era limpo de rancores e vinganças, e ninguém lhe pedia debalde o auxilio para minorar uma desgraça. Por isso tinha um partido mais de amigos que de proselytos, e chegou a fazer das affeições e das gratidões que inspirava os unicos laços partidarios; por isso também morreu tendo innumerados adversarios, mas nem um só inimigo, e n'esta hora, em volta do seu ataúde, não se distinguem divisas politicas por entre os vapores do pranto e a sombra dos crepes. Morreu um homem illustre, chora-o a humanidade; perdeu-se um cidadão benemerito, o paiz toma luto pela sua perda.

Do SECULO

(Jornal do partido republicano)

A morte do antigo chefe do partido regenerador é sem duvida o acontecimento de maior importancia politica, que hoje tem presa a attenção do paiz.

Os regeneradores deploram a perda do homem que em si consubstanciava todo o seu partido. Os progressistas lançam um véu de contricção sobre as antigas accusações que fizeram ao ministro que desde 1854 dispoz da nação como dictador omnipotente.

Nós, apreciando serena e imparcialmente a acção que Fontes Pereira de Mello exerceu na vida publica, rememorando os actos do politico dilecto do rei, poderemos lamen-

tar um acontecimento funebre, porque jamais folgámos com a morte de quem quer que seja, mas persistimos nas opiniões que sempre tivemos ácerca do fallecido.

Persistimos n'ellas porque somos coherentes; persistimos n'ellas porque acima de tudo sempre na imprensa procurámos servir o paiz, escrevendo conscienciosamente, ácerca dos homens e das cousas, pugnando por principios fundamentaes, que nos inhiem de defender a corrupção a que o Sr. D. Luiz deu fóros de systema de governo. Este é tambem o motivo por que, tendo de escrever sobre o acontecimento do dia, não podemos fazer a apothose de Fontes Pereira de Mello como homem publico.

O antigo chefe do partido regenerador era o mais valioso, o mais habil e o mais perspicaz dos servidores da monarchia, tal como ella hoje se apresenta

Era o mais valioso, porque foi o mais accentuado representante da politica de decadencia, que amolleceu os caracteres com as seducções da riqueza e com a ambição de honrarias. Era o mais habil, porque foi superior a Rodrigo da Fonseca Magalhães, que tão deploravelmente iniciou n'este paiz o triste systema de evitar os embates violentos dos campos de batalha, seduzindo e enfraquecendo com favores os chefes dos partidos populares. Era o mais perspicaz, porque, como nenhum dos que lhe succedem, sabia servir a causa do throno, que não é, nem pôde ser, a do paiz.

A monarchia perdeu pois em Fontes Pereira de Mello o primeiro dos seus auxiliares, que jamais ninguem poderá substituir, porque de todos era aquelle que tinha maior prestigio.

Isto é incontestavel.

Mas deverá a nação ao politico fallecido todos os serviços que n'este momento lhe são attribuidos, até pelos adversarios que mais valentemente luctaram para o apear do seu pedestal?

.....

Mas Fontes Pereira de Mello viveu em um meio analogo ao da cõrte de Napoleão III. Foi a principal figura d'este drama tão tristemente realista e edificante, em que o paiz nos apparece já exaustado de recursos, miseravel, apesar de possuir melhoramentos materiaes; arruinado, apesar de ter caminhos de ferro; opprimido, apesar de ter leis apparentemente, hypocritamente liberaes, que são letra morta, que nada valem ante um pueril capricho da realeza. Foi o representante vivo e habil da phase de proyada decadencia em

que entrou o systema monarchico. Identificou-se com os expedientes de corrupção mansa, de que elle, como ninguem, sabia usar com raro talento, e assim conseguiu que a machina, montada por D. Pedro IV, estivesse ao abrigo das tempestades reformadoras, que por via de regra irrompem das luctas ardentes e violentas.

Teve, portanto, Fontes Pereira de Mello como estadista todos os defeitos caracteristicos das epochas de decadencia, e n'isto se pareceu com muitos homens notaveis que na historia de varios paizes encheram com o seu nome largas paginas.

.....

Do DIARIO DE NOTICIAS

(Jornal sem politica)

Curvemo-nos reverentes. Passa, seguido do seu ultimo cortejo, e saudado pela homenagem unanime da imprensa, o eminente politico, o orador correcto e vigoroso, o homem de estado que dedicou á obra do progresso, e da felicidade publica os seus esforços, e o bem querer das suas faculdades poderosas.

Elle trabalhou para nós com honra, lealdade e desassombro, consagrando á patria o seu lidar de quarenta e seis annos, n'uma lucta infatigavel que lhe rompeu o coração. Mas foi por bem. Sejam o salario d'esse obreiro social, como os de todos os da sua natureza, o nosso reconhecimento e a nossa saudade. O corpo frio e immovel, que ahi foi conduzido ao templo, entre sombrias alas soluçantes, e já descansa no cemiterio, é o despojo que resta do bello vulto que um espirito brilhante animou.

Esse espirito elevou-se no ether, n'uma aspiração infinita, ao deixar a materia que vivificára durante a sua peregrinação luminosa na terra da patria. Calou-se a voz que elle inflammava. As esperanças, os prestigios, as aspirações, as glorias da tribuna, da diplomacia, dos comicios e do conselho tiveram um termo; entrevêem-se nas paginas da historia, que ha de a elle, como a todos, fazer a synthese dos seus meritos, escrever a analyse severa e imparcial do papel por elle desempenhado na evolução social da sua terra, fazendo a equação de suas boas intenções, com a honradez dos seus esforços; a valia das suas faculdades, com as difficuldades das situações em que se encontrou e teve de operar.

O saldo, eis o quilate do seu prestimo e dos seus serviços, que a nós nos parecem muito grandes, se não para as nossas aspirações, ao menos para o seu tempo, e para o atrazo em que achou o terreno que veio cultivar. Foi poderoso pelo talento; elevou-se, subiu pelo prestigio da sua palavra; ganhou muitas vezes a chefatura pela força das suas opiniões e conselhos. Não foi o brilho material dos ricos, o ouro, a opulencia, o objecto das suas conquistas; as riquezas não lhe afogam o tumulo, de que elle dizia melancolicamente satisfeito nas ultimas horas da sua vida *que já tinha casa*; foi a por vezes justa vangloria do poder, o nobre desvanecimento do mando da suprema direcção, que elle sentia poder assumir com proveito da nação, o que o enamorou. A todos os que se elevam a essas eminencias que elle occupou pelo verdadeiro merito, no torneio leal das competencias, e que tenham por norma o brio e o dever, e por alvo o progresso e a patria, honremol-os e glorifiquemol-os ao menos na quêda final, e apontemol-os, como exemplos dignos, às gerações por vir. Outros virão que saibam e possam mais. Influamol-os para que façam ao menos tão bem e com tão pura vontade.

Do DIARIO POPULAR

(Jornal do partido progressista)

Acaba de desaparecer do numero dos vivos a figura proeminente e distincta do illustre chefe do partido regenerador, cujas qualidades brilhantes e assignalados serviços prestados á patria o tornaram credor do geral respeito, que amigos e adversarios unanimemente lhe confessam, na hora extrema em que o seu cadaver vae sumir-se sob a lousa fria do sepulchro. No meio das luctas ardentes da politica, nas discussões apaixonadas em que por vezes se inflamma o ardor partidario, não raras vezes a injustiça humana regateou ao eminente homem de estado, que a morte acaba de arrebatar tão inopinadamente, o applauso dos seus actos, que podiam ser algumas vezes menos consentaneos com as boas praticas de uma severa administração, mas que sempre se pautavam pelas normas elevadas de uma politica levantada e generosa, e se inspiravam quasi sempre no sincero desejo de melhor servir os interesses do paiz.

Character affavel, primoroso na delicadeza, mas sem exagero, o conselheiro Fontes Pereira de Mello captivava pela distincção do trato e correcção das maneiras, sem que nunca

fosse d'elle que partisse o vislumbre de superioridade incontestavel que todos lhe reconheciam, e naturalmente se impunha, fazendo-o sobrelevar na estatura moral a quantos d'elle se acercavam.

No parlamento, theatro brilhante das suas glorias e onde a sua voz sempre triumphante lustrou as mais altas questões que ali se ventilaram durante os ultimos trinta annos, os echos repetem ainda as vibrações magicas com que arrastava e seduzia os auditorios, sempre attentos á correccão e cortezia da sua linguagem e á alteza e rigor da sua logica e dos seus conceitos.

No seu coração, sempre aberto para as grandes affeições, não logravam ter entrada as invejas nem os odios. Após as luctas ferventes da politica, serenada a tempestade que por momentos agitava as facções, acalmando o fragor das pelegas incruentas dos partidos, aquelle espirito illuminava rapido o campo do combate e acalentava amigos e adversarios no mesmo affecto, tão prompto em esquecer agravos como em recompensar serviços, nivelando pela mesma craveira elevada dos seus sentimentos generosos os que o lapidavam na vespera e o glorificavam n'aquelle dia.

A sua morte foi por certo uma calamidade publica e a sua falta ha de ser, infelizmente, por largo tempo irreparavel. Perda nacional que sinceramente todos deploram, e têm motivo para deplorar, implica e determina um estado profundamente grave na politica do paiz, para que ninguem estava prevenido, e que por isso mesmo se torna muito mais grave.

DO JORNAL DA NOITE

(Jornal do partido regenerador)

À hora em que nos sentámos á banca da redacção, com o espirito oppresso e confrangido, pela surpresa de uma enorme desgraça, com o coração lanceado, de subito, pela dor de uma perda irreparavel, já todo o paiz recebeu, de um a outro extremo, o choque, brutalmente inesperado, do acontecimento de hontem.

Fez-se um vacuo inopinado e sinistro na politica portugueza, e n'esta brusca interrupção de uma existencia gloriosa que lembra os rasgões da terra convulsionada em que desaparecem os mais colossaes edificios, hão de encontrar-se com as lagrimas dos intimos affectos do lar, com as saudades

de um grande e nobre partido, os pezares e os respeitos de toda a nação. Porque é de toda ella a perda subitanea e immensa.

Porque é ella que está viuva de uma grande e generosa intelligencia que a honrava, de uma vontade intemerata e constante em bem a servir, de um character que era uma lição e uma garantia, que era uma esperança e uma força na direcção da sua politica, na defeza das suas liberdades, no impulso dos seus progressos, no prestigio e no conselho das suas instituições fundamentaes.

Porque o homem forte que a morte acaba de arrebatat ao partido regenerador era, acima de tudo e primeiro que tudo, um honrado e leal amigo do povo, um firme e valente soldado do regimen liberal, um nobre e recto conselheiro do rei.

Porque o estadista eminente que hontem desapareceu era a incarnação gloriosa d'aquelle grande movimento de renascença e de trabalho nacional que fechou o periodo das nossas luctas fratricidas, que arrancou a administração e a politica portugueza ao abatimento das paixões intolerantes e das preocupações bysantinas, que lançou corajosamente o paiz enfraquecido e anemico nos largos horisontes da civilização e da politica moderna; que consolidou o throno liberal ligando-o por uma tradição de iniciativas ousadas e praticas, á gloriosa realeza de D. Diniz, de D. João II, de D. José.

Foi isto a regeneração, e ha de ser isto, ou deixará de ser.

E Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello era o ultimo representante e foi o mais completo interprete e continuador d'esse movimento glorioso.

Diziam ás vezes, n'uma ironia inconscientemente justa, como se diz que succede á inopia dos mentecaptos e das creanças, que o partido regenerador era elle.

Certamente que era; por honra d'elle e do partido o dizemos.

Mas se o seu corpo baqueou, se a sua palavra se extinguiu, vigorosa e estimulante, como ainda na vespera a ouvimos, o seu grande espirito generoso e leal, o seu patriotismo inquebrantavel, o seu pensamento e a sua obra gloriosa é que não descem ao tumulo, hão de continuar no culto e na vontade dos que foram seus amigos, seus alumnos e seus soldados fieis, hão de continuar, porque é necessario que continuem na politica portugueza, entre o povo que elle tanto amava e que tanto se esforçou por beneficiar e engrandecer, e o throno constitucional que elle tão dedicadamente serviu e que tanto se honrava de defender.

Tambem as paixões obsecadas e hostis lhe chamavam muitas vezes n'um sarcasmo idiota : *o grande homem* do seu paiz.

Pois grande foi, authentica e singularmente grande como maior o não teve nas duas ultimas gerações dos seus estadistas, a politica portugueza.

A sua biographia é a historia d'essa politica, a historia da nação nos ultimos trinta e seis annos.

Tolhe-nos a dor a penna; e o assombro d'esta perda enorme vence-nos o esforço de a medir na desolação do nosso sentir de portuguezes e de partidarios.

Do NACIONAL

(Jornal independente)

O partido regenerador está de luto e de luto deve considerar-se todo o povo portuguez!

Homens, como o illustre finado, não pertencem exclusivamente a um partido! Pertencem ao paiz que lhe deu o berço e para o qual viveu, consumindo a sua brilhante existencia, trabalhando insistentemente.

Bem serviu a sua patria!

Os padrões da sua gloria são immorredouros!

A historia não lhe recusará a justiça que lhe pertence!
Hoje ninguem lh'a nega.

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello não morreu, nem morrerá!

Homens como elle não morrem!

O seu nome impolluto acha-se vinculado ás grandes obras que iniciou e levou a effeito!

Esse nome honrado está gravado no bronze e no marmore dos melhoramentos materiaes, com que dotou seu paiz!

Ministro da corôa, em longos periodos, foi um luctador triumphante!

Os mil attritos, que encontrou na realisação dos seus arrojados pensamentos, foram supperados pela prodigiosa energia do seu character levantado.

Homens d'estes pertencem a todas as epochas que vierem, arrastadas pela immutabilidade do tempo, que não pára.

O seu nome sympathico será eternamente festejado!

As gerações vindouras, ao lerem a historia, dirão:

«Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello foi um genio

maravilhoso, um talento superior, um character grave e sobretudo um espirito emprehendedor!»

Quando o assobiar das locomotivas indicar ás povoações que n'este meio de transporte accelerado vão o progresso e a riqueza publica, a par das commodidades e da economia domestica, lembrar-se-hão do immortal estadista, d'esse grande homem politico.

Quando contemplarem as redes dos fios da telegraphia electrica, esse agente rapido, prompto sempre para acudir ás mais instantes necessidades, dirão igualmente:

«Ah! Tudo isto se deve a Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello!»

Quando finalmente os caminhantes avançarem por uma bella estrada, pouco accidentada e de piso suave, dirão, como todos:

«A não ser esse grande vulto que se chamou Fontes Pereira de Mello, não pisavamos por certo uma via de communição como esta!»

Repetimos: Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello não morreu! Vive ainda e viverá por muitos seculos, porque as nações são eternas, e eternos são os seus grandes homens d'estado. Como o illustre finado, Portugal não conhece outro que o excedesse, alem do immortal marquez de Pombal!

E todavia Fontes Pereira de Mello implantou os melhoramentos que o honram, sustentando tão sómente as luctas placidas, serenas, sem nunca appellar para os meios violentos!

Apostolo infatigavel do progresso, foi apostolo da brandura.

Ao seu nome glorioso ninguem poderá ligar um acto de violencia!

Na tribuna parlamentar, pela sua voz sonora, grave, eloquente, sustentou milhares de torneios de intelligencia para defender as suas brilhantes idéas, os principios da mais selecta administração, que lhe saíam do encephalismo!

Quantas difficuldades venceu! Quantas luctas cyclopicas sustentou!

Mas triumphou! Elle bem sabia que havia de triumphar, porque sendo a verdade uma, indivisivel, o seu imperio não succumbe.

Teve detractores e invejosos. Não admira!

A par de um talento brilhante rastejam milhares de nullidades, que, não podendo approximar-se-lhe, vingam-se do talento que invejam procurando deprimil-o.

Fontes Pereira de Mello não foi, porém, um homem perfeito! E quem haverá para ahí que o seja?

A perfeição não cabe no melhor organismo humano! A perfeição não é d'este mundo; e quem a elle pertencer, ha de fatalmente possuir-se dos defeitos que o cercam e que o viciam! É o que succede a tudo! É o que vemos, o que todos têm visto, e o que gerações futuras tambem hão de ver.

Commetteu erros politicos e deixou-se mais de uma vez seduzir pelas adulações bastardas, que, abusando da sua boa fé, mais de uma vez o comprometteram.

E todavia o illustre finado foi um homem honrado. A synthese da sua vida gloriosa está nas seguintes palavras:

«Não fez testamento, porque não tinha que testar!»

Estas palavras constituem a mais brilhante das apotheeses!

São um monumento de honra, de isenção e de gloria civic, que não menos o recommendam á posteridade, de que as obras gigantes que por toda a parte do paiz fez levantar, em beneficio da patria, que hoje o honra, que deplora o seu prematuro fallecimento.

Quem escreve estas linhas nunca deveu favores ao illustre finado.

Sempre viveu afastado d'elle, e mais de uma vez teve a coragem de lhe dizer que errava!

Mas, praticando assim, não deixava de ter veneração, culto idolatra por esse notavel genio, que hoje adeja pelas ethereas regiões, ficando todavia vinculado a este cantinho do mundo, que teve a honra de conhecê-lo, de apreciar-o e de admirar o seu espirito elevado.

Deixou de ser o que era, para continuar a ser o que ninguém sabe.

Mas o seu genio continua ligado ao paiz em que viveu, que o venerava, e que do fundo da alma lhe tributa um preito de eterna gratidão.

Homens d'este quilate não morrem. O contrario seria uma heresia!

O nobre estadista Fontes Pereira de Mello viverá emquanto o povo portuguez existir, emquanto houver historia, e emquanto subsistirem os monumentos por elle levantados.

O bronze, o marmore e as massas de alvenaria não se gastam tão facilmente como a memoria dos homens.

As ladainhas laudatorias, que não saem da alma, perdem-se no pequeno periodo de vinte e quatro horas!

Valem pouco mais de que o fumo lançado ás correntes atmosphericas.

E nós ainda diremos mais uma vez: **FONTES PEREIRA DE MELLO NÃO MORREU.**

Do INTERESSE PUBLICO

(Jornal independente)

Falleceu, depois de uma brevissima e tranquilla agonia, este homem illustre, devéras notavel entre os que, nos ultimos trinta annos, mais se têm distinguido nas luctas e azares da politica portugueza, e que, em si proprio, soube consubstanciar e reunir qualidades e attributos que, a par do esphacelamento que vae corroendo e aniquilando o constitucionalismo portuguez, lhe deram primazias, que muito poucos, entre nós, têm modernamente conseguido e aproveitado.

Sem nenhuma qualidade realmente genial ou transcendente, que o elevasse á categoria de um estadista *hors ligne*, ou de um politico de primeira grandeza, soube, no emtanto, no meio em que operou, exceder em muito a geral mediocridade dos homens e das cousas para ser, merecidamente, por isso, um dos vultos mais proeminentes da nossa politica constitucional.

*

Moldado pelas formulas palacinas, ativo e desdenhoso, como quem comprehendia o ambiente intellectual e humano que lhe serviu, por tantos annos, de explicação e de pedestal, eloquente e opportunist, illustrado e talentoso, com a presciencia innata e certa, quasi sempre, do lado acessivel dos homens e das cousas, Fontes Pereira de Mello, nascido para a politica, quando o paiz reclamava, impaciente, os beneficios de uma civilização, que lhe competia ha muito por direito social e chronologico, teve a rara e appetecivel fortuna de ser, em Portugal, o iniciador dos mais amplos melhoramentos materiaes e d'esse periodo de larga e benefica prosperidade que, pelos homens do seu tempo, foi tão justamente appellidado de *Regeneração*.

*

O paiz deve-lhe registrar o passamento, não tanto porque o illustre homem d'estado se lhe tivesse tornado indispensavel, mas porque a sua morte veiu, sem duvida, apressar o desfecho d'essa crise latente e inevitavel, que traz desequilibrados e inconsistentes os partidos e alvoroçada e aborrecida a opinião.

Póde affirmar-se que, sobre o tumulto do sr. Fontes, se

archivou todo inteiro o velho partido regenerador, tão inesperadamente chegado á hora suprema das remodelações e metamorphoses, que hão de singularmente contribuir para a organização definitiva de dois fortes partidos monarchicos e liberaes, logicamente definidos e limitados, um — sincera e genuinamente democratico — como o *póde* ser o actual partido progressista e — conservador — o outro, mais accomodado por isso ás realezas e benesses do velho direito divino, em consorcio pathologico com a hereditariedade nos direitos politicos, esse enorme absurdo social, ainda vivo e tenaz nas nossas pragmaticas legislativas.

Oxalá que a morte do estadista notavel, que hoje todos deplorámos como uma verdadeira perda nacional, nos conceda, com a mágua profundissima, que nos provoca, a maior de todas as possiveis compensações a tão inesperado desastre, qual será a de contribuir para a *regeneração* da actual politica portugueza, tão decadente e tão desprestigiada, que estamos quasi a adivinhar-lhe a agonia, que ha de preceder o seu inevitagel e tão ambicionado remodelamento.

Pondo de parte idéas partidarias, ora que á sepultura estão prestes a descer os restos mortaes d'este eminente homem d'estado, toda a justiça lhe deve ser feita, por inteiro, sem restricções, sem preconceitos.

Não se trata de endeusar, adjectivando-a, a memoria do morto illustre, mas antes de, narrando apenas factos, expol-os tão extensamente quanto o permite o acanhado recinto de um diario como o nosso, que n'este momento presta o preito devido e respeitoso á memoria do finado.

Da FOLHA DO POVO

(Jornal do partido republicano)

Pertence á historia esse homem que desde 1851 teve parte preponderante e elevada influencia na vida politica de Portugal.

Não comporta o resumido espaço de que dispomos, nem é para um jornal como o nosso, fazermos a biographia politica do fallecido estadista, nos trinta e seis annos em que a sua influencia preponderou na vida publica de Portugal.

Devemos, porém, reconhecer com toda a justiça que Fon-

tes Pereira de Mello foi um estadista illustre, o primeiro do nosso tempo em Portugal, e talvez o mais habil e consummado parlamentar dos ultimos trinta annos no nosso paiz.

.....
 Discipulo de Rodrigo da Fonseca Magalhães e seu imitador aperfeiçoado, não é para estranhar que Fontes empregasse taes processos de governo. Encontrando materia malleavel, preferia-a, para a assimilação, aos blocos do duro granito. Fez bem? Fez mal? Não seria melhor para a sua gloria e para o interesse da patria ter seguido outros processos? A historia o dirá, que a nós sómente nos compete lastimar a perda de um dos primeiros homens de Portugal, curvando-nos respeitosaes ante a magestade da morte, que a todos iguala.

*

A verdade, porém, é que Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello foi sempre o mesmo homem, politica e socialmente, em toda a sua vida. Nunca quiz substituir por um titulo de vaidade o nome que herdára de seu pae. Na sua longa carreira politica não ha, para esfuma-la, uma unica apostasia, uma só palinodia, uma volta-face, tão vulgares nos nossos homens politicos de hoje.

Monarchico por convicção, amigo extremado e leal do rei e da dynastia, quer no poder, quer na opposição, Fontes era sempre o mesmo homem, e ninguém poderá a tal respeito fazer a menor exprobração á sua memoria.

.....
 Fontes Pereira de Mello era liberal, mas moldava esses principios ás restricções condicionaes da dynastia reinante. Por isso no seu governo davam-se verdadeiras anomalias. Exemplos: foram governos presididos por elle que decretaram o registo civil, o alargamento do suffragio, a extensão das liberdades municipaes; e foi um governo presidido por Fontes Pereira de Mello que arrebatou á imprensa a garantia do julgamento pelo jury, entregando-a á alçada correcciona. Porque esta flagrante contradicção? Obediencia ás imposições palacianas, as lições de Rodrigo da Fonseca, a extrema amisade do rei.

.....
 Em Portugal foi um ministro do rei, estadista distincto, o primeiro, do nosso meio actual, mas não d'esses vultos fulgurantes de que o pó dos seculos não apaga a brilhante aureola feita do amor do povo.

Do IMPARCIAL

(Jornal do partido regenerador)

A capital foi hontem á noite dolorosamente surprehendida com a noticia do fallecimento do glorioso estadista, chefe do partido regenerador, o sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

A noticia d'este lutuoso acontecimento correu logo por toda a cidade e foi pelo telegrapho espalhada por quasi todas as terras do paiz. É que ella era por muitos motivos de uma gravidade enorme, e porque annunciava uma consideravel perda nacional.

O chefe do partido regenerador, esse parlamentar habilissimo, esse estadista pujante, que pela força do seu talento e pelo prestigio da sua alta individualidade politica tinha conseguido o respeito dos seus concidadãos e a consideração de toda a Europa; esse poderoso defensor do progresso e da civilização, que deixou o seu nome vinculado ás reformas de mais alcance e de mais reconhecida vantagem publica, feitas desde 1852; esse homem que na gerencia dos negocios do paiz revelou as mais elevadas qualidades, dando sempre provas do seu espirito inabalavelmente liberal e tolerante; esse luctador que iniciou o glorioso periodo de engrandecimento nacional pela execução das obras que elevaram o paiz quasi ao nivel das mais adiantadas nações, acaba de ser prostrado pela morte.

Na lucta rapida com ella succumbiu o illustre portuguez, que de todas as pugnas da palavra, de todos os obstaculos que se oppunham aos seus trabalhos pela causa publica, saíra sempre vencedor!

Se para o partido regenerador o fallecimento do chefe significa um golpe de perigosas consequencias, e para a politica do paiz um acontecimento importantissimo, cujo alcance é impossivel por emquanto prever, para a nação é uma das maiores perdas que ella tem soffrido nos ultimos annos, porque homens da estatura moral e politica de Fontes Pereira de Mello, cidadãos que como elle nobilitem e honrem a patria, dirigentes que no movimento actual dos partidos se imponham pelo prestigio do seu passado e pela grandeza do proprio vulto, — contrista-nos dizel-o — são poucos e bem poucos.

Para fazer a historia d'este homem, que o paiz inteiro, profundamente consternado, vê afastar-se da scena do mundo

para ir descansar na paz eterna do sepulcro, não é esta a occasião opportuna, e nem a commoção que nos domina nos deixa a frieza indispensavel a quem quer fazer a exacta biographia de um concidadão eminente, cujo cadaver está esperando no catafalco o momento de ser descido á terra sob que se vae occultar para sempre.

Da DEMOCRACIA

(Jornal democratico)

Presidia o sr. Fontes ao partido regenerador, que hoje tem em funeral a sua bandeira; era um velho e experimentado parlamentar, um estadista notavel, como tal conhecido dentro e fóra do paiz; o que basta para que em todos os campos da politica portugueza se preste a homenagem de sentimento que devemos a todos aquelles que, durante a vida, serviram a patria; o sr. Fontes serviu-a nas posições mais dificeis e elevadas.

Sentimos profundamente a morte do illustre estadista, que desce ao tumulo deixando paginas importantes nos annaes da nossa historia contemporanea.

Do CORREIO PORTUGUEZ

(Jornal do partido progressista)

Chegámos tarde para noticiar o passamento de Fontes Pereira de Mello e commemorar as suas eminentes qualidades de homem publico.

Têm os nossos collegas posto em brilhante relevo a figura notavel do estadista, que por tantos annos presidiu aos destinos do paiz, e que, se na sua administração teve fraquezas e erros, se impõe comtudo á geração moderna e tem um lugar primacial na historia do paiz pelas suas poderosissimas faculdades intellectuaes e pela comprovada dedicação com que sempre serviu e avigorou a causa liberal, sendo a um tempo um fiel amigo do paço e um strenuo batalhador da liberdade. Grande vulto por sem duvida, e o ultimo que restava d'aquella poderosissima geração, que contou no seu seio as figuras eminentes de Rodrigo da Fonseca, de Garrett, e tantos outros, cujos luminosos espiritos ainda hoje projectam sobre nós o seu intensissimo fulgor!

DO COMMERCIO DE PORTUGAL

(Orgão do commercio e industria portugueza)

Fontes Pereira de Mello

(1819-1887)

«Un homme de gouvernement doit avoir du bon sens. C'est la première qualité politique, et, quand on a le bonheur d'en avoir, il faut une seconde qualité:—c'est le courage de montrer qu'on en a. Dans le temps où nous vivons, ce que je dis là a une grande portée.»

THIERS (a proposito de Odillot Barot).

«N'estes tempos que correm, quando a ficção substitue a verdade, quando as apparencias mentem tantas vezes aos sentidos e quando o ourope encobre tantas mediocridades, é justo, é nobre, que honremos a memoria de um homem que foi grande, não das grandezas que se compram, que se herdám ou que outorgam, mas das grandezas que conquistou com o seu talento genuíno, collocando-se a si proprio no pedestal que lhe levantaram os amigos do paiz.»

FONTES (a proposito de José Estevão).

O nome notavel de Fontes Pereira de Mello, riscado hontem da lista dos vivos, passou hoje a ficar registado nas paginas da historia patria. O seu logar é n'uma das mais douradas paginas d'esse grande livro, porque é o de um portuguez que bem amou e bem serviu o seu paiz.

Hoje que, diante de um tumulto apenas cerrado, todas as paixões arrefeceram e todos os resentimentos acabaram, não ha uma voz discordante n'esse adeus sinceramente sentido que a imprensa de todos os partidos dirige áquelle que foi o amigo dedicado e prestimoso ou adversario decidido e leal.

É que perante o espectáculo pavoroso da morte que tudo arraza e tudo nivela, um sentimento domina todos os animos generosos—o da verdade, um dever se impõe a todas as consciencias honestas—o da justiça. E se os seus correligionarios vão no seu despedir saudoso cobrir a pedra tumular das suas mais formosas flores e do seu mais triste pranto, os contrarios curvam-se diante d'essa lapide e fazem côro com aquelles que relembram as altas faculdades de espirito, os grandes recursos de intelligencia, os elevados dotes de caracter e os actos de dedicação civica, que foram a aureola gloriosa d'esse morto illustre.

A nossa modesta palavra não faltará, pois, n'essa homenagem nacional a Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, o grande estadista, o liberal convicto, o patriota devotado, o cidadão benemerito, que tão de subito foi arrebatado ao amor

da familia, ao affecto dos amigos, á confiança dos correligionarios, á consideração dos adversarios e aos respeitoes publicos — homenagem devida a uma memoria querida de muitos e reverenciada por todos.

Se Fontes Pereira de Mello teve defeitos, sujeito como estava á lei fatal da humanidade imperfeita e fallivel, possuiu tambem grandes virtudes, e esse facto, que estamos todos presenciando, é o seu grande elogio e a sua verdadeira apothese, porque elle, que governou este paiz por tantos annos, que foi um politico energico e resolutivo, que soube sempre vencer as maiores difficuldades e os mais fortes embaraços, sem duvidas e sem hesitações, não deixou um odio, não deixou um inimigo!

É que se pôde ter todas as altas qualidades de politico, sem tibiezas nos momentos graves, sem fraquezas nas occasiões criticas, sem blandicias nas conjuncturas apertadas, inexoravel para com os que erram, firme em manter uma ordem severa, leal á sua fé, aos seus principios e aos seus amigos, sem ferir direitos, nem molestar susceptibilidades, sem maguar ninguem.

Foi o que Fontes Pereira de Mello fez em toda a sua longa vida politica. Não voltou nunca o rosto a nenhum adversario, não commetteu uma unica traição aos seus; mas tambem para a realisação dos seus planos, para os processos da sua administração não quiz nunca deixar atraz de si as lagrimas de famintos, nem as ameaças de offendidos.

Cortez sem humilhações, tratava todos e tudo com uma superioridade de maneiras e de vistas, que lhe deram um predominio indiscutivel no seu partido, e que impunha ao partido adverso uma reciprocidade de attentões e de deferencias, que era uma excepção no nosso meio politico.

Com a sua primeira qualidade, que era o bom senso, pôde fazer brilhar os seus talentos, reconhecidos por todos os homens do seu tempo, tão pouco azado aliás para dispensar uma distincção que dava força a quem precisava d'ella para se conservar longos annos na primeira posição politica e chegar ás ultimas grandezas da terra.

A morte do chefe do partido regenerador é um grande golpe para esse partido, um grande mal para o paiz e uma grande difficuldade para a politica dominante, porque um homem da sua importancia, do seu valor, dos seus predicados, não desapparece repentinamente da scena politica da nação, sem deixar um grande vacuo, que a custo será preenchido, e duvidas e receios que influem sempre na marcha dos negocios publicos.

El-rei perdeu tambem com esta morte, que a todos surprehendeu, um conselheiro dedicado e leal, porque elle deu provas seguras e indiscutíveis de quanto prezava as instituições e da sua convicção sincera de que a monarchia constitucional era o unico regimen politico possível no nosso paiz, para o afastar de grandes convulsões e permittir que desenvolvesse no remanso da paz a sua actividade e os seus recursos, sem temer pela sua independencia e pela sua autonomia.

D'ahi vem considerar-se esta morte, que todos profundamente lamentámos, como uma perda nacional, que tarde será reparada.

*

Encimámos este artigo, escripto sob a impressão dolorosissima que nos causou esta morte, que constitue, a todos os respeitos, uma verdadeira perda nacional, muito pelo *presente*, muitissimo pelo *futuro*, com um dos mais brilhantes pensamentos de Thiers a proposito de M. Odillot Barot e com uma nobilissima apreciação do sr. conselheiro Fontes Pereira de Mello ácerca do glorioso tribuno José Estevão, por occasião da sua prematura morte. Thiers manifesta uma opinião sobre os homens politicos, que justifica plenamente o prestigio que o sr. Fontes adquiriu no paiz e na politica militante, porque na verdade o sr. Fontes foi grande e preponderante, porque teve em toda a sua carreira publica muito *bom senso* e foi essa a sua *primeira qualidade politica*, e porque teve sempre a coragem de evidenciar que possuia essa qualidade apreciavel e rara. A outra citação justifica as homenagens que hontem tiveram a sua consagração solemnissima. O sr. Fontes *foi grande, não das grandezas que se compram, herdadas ou outorgam, mas das que se conquistam pelo talento.*

DOS PONTOS NOS II

(Jornal humoristico)

A morte repentina de Fontes Pereira de Mello, fulminando-o com a rapidez de um raio, illuminou tambem, com o clarão scintillante d'esse mesmo raio, o vulto estranhamente grandioso d'aquelle homem devéras singular, pondo-lhe a descoberto, ante o olhar pasmado dos proprios adversarios, toda a eminente personalidade, toda a estructura gigantesca, que aquelles não poderam ou não quizeram ver, cegos como andavam pelo nevoeiro que envolve todos os olhos, na ag-

gressão — tantas vezes injusta — das pugnas políticas, no calor — tantas vezes exagerado — das luctas partidarias!

Paraphraseando um bello periodo do discurso de Pinheiro Chagas perto do tumulo do notavel estadista, diremos que Fontes Pereira de Mello foi como a aguia, que mais pequena se nos afigura á vista quanto mais alta se eleva no espaço, e que apenas nos revela a sua grandeza e nos patenteia a sua magestade quando a vemos cair perto de nós, rolando em terra fulminada pela morte!

*

Foi aqui, n'este mesmo semanario, que nós vibrámos por tanta vez sobre aquelle homem notavel o latego violento da satyra e do escarneo, na lucta intransigente de credos adversarios.

Nenhum como elle foi tão viva e tão persistentemente atacado, por isso mesmo que nenhum como elle tinha um valor tão grande e apresentava uma resistencia tão notavel.

Pela vivacidade e pela energia com que atacámos um inimigo se deve aquilatar o respeito que o mesmo inimigo nos merece.

A tenacidade da lucta, que sustentámos contra esse homem verdadeiramente grande, é a prova mais completa do valor que lhe reconhecemos.

Hoje que, perante a quèda do gigante, todos os adversarios ensarilham armas, nós fazemos mais de que elles: curvâmol-as em funeral, pezarosos se no ardor da lucta as empregámos em demasia contra adversario tão leal.

*

E esta evolução, tão excepcional como sincera, produzida no nosso espirito pelo fallecimento do nobre estadista, não foi, bem o sabem todos, um caso isolado e unico.

Quantos dos que, como nós, atacaram em vida a personalidade politica de Fontes Pereira de Mello, se não impressionaram de subita e sincera commoção ao saber que levára a morte essa estranha personalidade?

A reputação d'aquelle nome, o valor d'aquella individualidade, aferem-se da rapidez com que se propalou a noticia do seu aniquilamento.

Toda a cidade repetia em menos de uma hora a nova da catastrophe; todas as classes sociaes commentavam n'essa noite o triste acontecimento; todo o paiz despertava no dia

seguinte dolorosamente surprehendido pelo successo desastroso!

Para que um nome tenha o poder de sobresaltar assim uma nação inteira, para que um paiz se ocupe tanto da morte de um só homem, é preciso que esse homem se tenha occupado muito da vida do seu paiz!

E Fontes Pereira de Mello occupou-se innegavelmente, e muito, da vida do seu paiz. Se acicamente lhe combatemos a politica, com que sempre cordialmente antipathisámos, nem por isso deixámos de louvar-lhe hoje a fertil iniciativa em tantos melhoramentos nacionaes, a que perduravelmente andarà ligado o nome do estadista celebre.

*

E, já que por tantos annos escrevemos com o seu nome paginas e paginas de versos humoristicos, dediquemos hoje á sua memoria este soneto despretençioso, commemorando o seu ultimo beijo deposto sobre a mão carinhosa da gentil creança que lhe escudou o derradeiro alento:

Com que enorme enthusiasmo,
Longos annos, tanta gente
Escudou, presa de pasmo,
O teu labio omnipotente!

Ouvindo-te o verbo immenso,
Quanto velho illustre e sabio
Se ficou, mudo e suspenso,
Das expressões do teu labio!

E esse labio — que confronto! —
Da morte chegado ao ponto,
Sobre mão gentil descança,

E fica, mudo e quieto,
Depondo um beijo de affecto
Nos dedos de uma creança! . . .

Do PIMPÃO

(Jornal humoristico)

Falleceu ha oito dias o maior homem d'este paiz, como o proclamam os proprios que até á vespera tinham sido seus inimigos encarniçados.

Foram grandes os talentos de Fontes Pereira de Mello, mas também foram propicias as circumstancias que lhe deram o primeiro logar na nossa politica. Elevado pela primeira vez ao poder n'um periodo de homens privilegiados pelos dotes do seu entendimento, aureolados pelas tradições gloriosas de triumphos recentes, idolos do povo, amigos da monarchia e por ella respeitados, Fontes achou-se em poucos annos só, e quasi unico representante d'essa raça de homens fortes que a morte fôra ceifando, de cujas glorias e trabalhos fôra participe e que lhe tinham legado a sua herança.

Se nem sempre a conservou intacta, confessemos que não havia no seu tempo quem melhor a administrasse.

Para nós o homem illustre que ha oito dias se finou teve uma qualidade eminente, que sobrelevou a todas as demais: Fontes era um bom portuguez. Quaesquer que fossem os seus erros, que os teve, a nosso ver, as suas intenções eram elevadas e guiavam-se pelo bem do seu paiz. A este ideal, prejudicado pelo exagero de uma idéa fixa, sacrificou ás vezes o sr. Fontes a propria prosperidade nacional que pretendia desenvolver. Como o medico especialista que em todos os enfermos vê uma só doença, o sr. Fontes em todos os seus emprehendimentos via o lado favoravel com relação ás suas intenções boas e patrioticas, e nem sempre descontava as difficuldades futuras da sua acção rapida e vigorosa.

Não se pôde ser perfeito. É natural, é quasi certo, que sem a iniciativa audaciosa do sr. Fontes, ainda hoje estivessemos muitos annos atrazados em todos os melhoramentos que disfructâmos; é também quasi certo que se essa iniciativa fosse equilibrada com mais graduada cautela em relação aos nossos recursos, o illustre estadista não se teria visto ás vezes em difficuldades para proseguir nas suas elevadas aspirações.

Para se dizer que o sr. Fontes foi o primeiro homem d'este paiz, é necessario fazel-o um semi-Deus, desconhecer os seus defeitos humanos, que resultavam das suas elevadas qualidades.

A sua politica não tinha as vistas largas dos Bismarek, dos Andrassy, dos Cavour, nem o horisonte da patria tinha a amplitude dos horisontes da Allemanha, da Austria, ou da Italia, mas nos nossos breves limites visava um fim determinado na conservação das instituições, na independencia e no desenvolvimento interior do paiz.

Ao serviço d'esta idéa poz o sr. Fontes os dotes com que a natureza prodigamente o favorecêra: a sua palavra encantadora, a sua persuasão insinuante e o seu trato finissimo.

O paiz cumpriu um dever na unanime homenagem aos talentos e ás altas qualidades de character do illustre estadista, que morreu pobre como vivêra honrado.

Não era necessario o inventario dos bens do finado, para que soubessemos que não legára riquezas. Os homens que como Fontes cuidam muito do bem estar alheio preocupam-se pouco com o seu proprio, e costumam legar ás familias apenas saudades e privações.

Cassiano Lopes

NOTÍCIAS DIVERSAS

O cadaver estava vestido com o grande uniforme de general de divisão. Foi encerrado em um rico caixão de velludo preto com galões de oiro, havendo internamente um caixão de chumbo.

*
* *

O sr. cardeal patriarcha vae mandar celebrar officios funebres, suffragando a alma do illustre estadista.

Toda a familia real tenciona assistir aos officios.

*
* *

**Soneto dedicado pelo illustre diplomata brasileiro
o sr. Luiz Guimarães á memoria do sr. Fontes**

Curva-se a Patria, livida e plangente,
No chão da morte. O exercito, enlutado,
Abaixa o luso pavilhão fulgente¹
Sobre o esquife do Grande Amortalhado,

Choram as negras trompas do passado,
Gritam as aureas tubas do presente:
—«Salvé! Oh! Heroe! oh! Mestre! eternamente!
—«Saudemos o gigante desarmado!»

E, entre as alas do povo, caminhando,
Vae o thesouro funebre baixando
Aos negros vermes que esfaimados comem.

Mas, oh! a terra em seu regaço absorto
Commovida recebe, não um morto,
Cadaver, não! Estatua sim d'um homem.

¹ Sobre o esquife do sr. Fontes ia a bandeira nacional.

A chave do caixão foi entregue ao sr. conde de Cabral, sogro do sr. Fontes Ganhado e do sr. marquez da Foz.

*

* *

Logo que tenhamos tempo, havemos de escrever uma memoria economica e financeira do illustre estadista, baseando-a em factos e comparações entre 1852 e 1887. O sr. Fontes, que encontrou um orçamento de 13.000:000\$000 réis, deixou-o em mais de 30.000:000\$000 réis, devidos quasi totalmente á sua iniciativa.

O estudo comparativo deve ser de maior interesse.

*

* *

O sr. dr. Santos Viegas, prior dos Martyres e desembargador do tribunal ecclesiastico, assistiu ao passamento do sr. Fontes Pereira de Mello, e acompanhou com grande dedicação o cadaver do illustre estadista.

*

* *

O corpo foi transportado do catafalco da igreja para um coche da casa real, que competia ao sr. Fontes como grande do reino e conselheiro d'estado effectivo. Ás borlas do caixão seguraram os srs. conselheiros Antonio Augusto de Aguiar, Jayme Moniz, Vicente Barbosa du Bocage, Manuel Pinheiro Chagas, Manuel d'Assumpção, Couto Monteiro, Mello Gouveia e Lourenço de Carvalho.

*

* *

No cortejo tomaram parte grande numero de pessoas a pé. Entre ellas destacava-se o veneravel ancião sr. conselheiro João Chrysostomo de Abreu e Sousa.

Em roda do coche iam os generaes e ajudantes de Sua Magestade, e soldados de engenharia, a cuja arma pertencia o fallecido.

Ás argolas do caixão, á saída da igreja, pegaram diversos officiaes de differentes armas do exercito e officiaes da armada.

Parar é morrer. Estas palavras são erradamente attribuidas ao sr. Fontes. S. ex.^a repeti-as algumas vezes, mas quem primeiro as pronunciou no parlamento foi o nosso tambem chorado amigo Passos Manuel, quando em defeza de arguições fortes, feitas por um orador notavel no parlamento, incitava o sr. Fontes a que progredisse no seu intento de melhoramentos publicos, que tão uteis estão sendo, e tantos dissabores lhe causaram!

*

* *

Trecho de um discurso de Manuel da Silva Passos na sessão de 28 de abril de 1856, sendo ministro da fazenda Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello:

«O talento do sr. ministro da fazenda é um talento proficuo ao paiz, e que o *póde honrar e engrandecer*; muitas vezes estou encantado de ver a difficil posição em que s. ex.^a se acha, combatendo com adversarios poderosos, mas combatendo com toda a decencia (*Apoiados*), com toda a dignidade e com toda a sinceridade de um homem de bem, de um homem honrado (*Apoiados*), com o enthusiasmo de um homem convicto, e que se póde pôr a par dos primeiros oradores de Portugal; o paiz não póde deixar de lhe fazer a justiça que merece; o meu testemunho não tem valor, mas procedendo d'este modo não lhe faço senão justiça.»

*

* *

Fontes Pereira de Mello como publicista

Ha nos jornaes regeneradores notaveis artigos do sr. Fontes. O primeiro numero da acreditada *Revista militar* foi escripto por s. ex.^a, sendo tenente de engenheiros. É um precioso escripto jornalístico.

*

* *

O partido regenerador tem perdido, pela morte, os seguintes chefes:

Duque de Saldanha.

Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Joaquim Antonio de Aguiar.

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

A associação commercial, o banco hypothecario e muitas associações e companhias e redacções, convidaram os seus interessados e empregados para assistirem ao funeral.

*

* *

O funeral do sr. Fontes foi dirigido, a rogo de sua irmã, pelos srs. Antonio de Serpa, Andrade Corvo, Cardoso Ave-lino e Barjona.

*

* *

Só as pessoas que não poderam, por qualquer motivo, fa-zer o transito a pé, foram em carruagem.

O acompanhamento era apenas de vinte carruagens, mas á porta do cemiterio estacionavam tresentos oitenta e seis trens, particulares ou de aluguer, pertencentes ás pessoas que acompanharam a pé o funebre cortejo.

*

* *

O distincto artista, Caetano Alberto, redactor do *Occidente*, foi tirar um *croquis* do quarto onde falleceu o grande esta-dista.

*

* *

Foi o sr. arcebispo de Mitylene quem presidiu aos officios na igreja de Jesus e que lançou a absolvição. Dez sacerdotes coadjuvavam o officio funebre.

*

* *

Os srs. visconde de Alves Machado e Moreira da Fonseca, do Porto, foram tambem collocar uma corò sobre o caixão, mandada pelo centro regenerador portuense.

*

* *

Antes de começarem os officios deu-se uma scena commo-vente. O sobrinho do finado, o sr. Fontes Ganhado, acompa-

nhado por todas as senhoras da sua familia, veiu depor sobre o feretro uma corôa de perpetuas. Aos pés do cadaver d'aquelle que tanto lhes quiz, ajoelharam depois todos, chorando. Poucos olhos se conservaram enxutos perante essa dolorosa scena!...

*
* *

A multidão, que de todos os pontos da cidade affluir ás ruas do transitto, foi enorme, tornando difficil a passagem e laboriosa a tarefa da policia, para conseguir abrir espaço por onde o cortejo desfilasse. Na rua de S. Bento, principalmente, a accumulção era tal, que chegou a produzir alguns accidentes desagradaveis entre os espectadores, mas sem consequencias.

*
* *

A concorrência ao enterro é calculada em oitenta mil pessoas, isto é, quasi metade da população de Lisboa!

O prestito funebre era numerosissimo, porque foram raras as pessoas que não se lhe encorporaram.

Chegou-se a dar por uma carruagem dez libras, pelo pequeno serviço de horas!

Não foi um enterro, foi uma solemne apothese popular e unanime de um morto!

*
* *

Os bilhetes de pezames aos doridos e os telegrammas do paiz e do estrangeiro são milhares e continuam.

*
* *

Já foi aberta uma subscrição para se perpetuar com uma estatua na Avenida a memoria do insigne estadista.

*
* *

Quando o sr. Fontes se julgou gravemente doente, pediu logo os sacramentos, que lhe foram administrados sem demora.

Depois de viuvo, tendo-se-lhe offerecido casamentos vantajosos, conservou-se no mesmo estado, na companhia sempre de sua irmã, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Henriqueta.

*
* *

Uma das ultimas phrases que o sr. Fontes pronunciou, foi a seguinte:

— Estou em terra! E faço falta!

*
* *

Foi moldada a mascara do defunto pelos srs. Simões de Almeida e Malhõa. Havia difficuldade em encontrar estes artistas e foi Serpa Pinto quem se encarregou d'essa missão.

*
* *

A hora em que estamos escrevendo, meia noite, uma subscrição, que foi aberta entre os membros do centro regenerador para offerta de uma corõa, como homenagem de saudade ao seu chorado chefe, estava já assignada por sessenta e tres nomes, e continuava a ser subscripta afanosamente.

Como n'outro logar se annuncia, o prestito sairá da igreja de Nossa Senhora das Mercês, pelas duas horas da tarde do dia 24, sendo amanhã, 23, pelas oito horas da noite, depositado n'esta igreja o cadáver.

*
* *

Quando o illustre estadista se sentiu mais incommodado, presentindo talvez o desenlace fatal, recommendou á sua familia que mandasse avisar todos os ministros d'estado honorarios regeneradores.

Esta recommendação foi cumprida por seu sobrinho o sr. Fontes Ganhado, que, n'uma carta circular, a communicou a todos os ministros, á excepção do sr. Jayme Moniz, de quem se ignorava a morada.

Até depois das dez horas da noite á sua casa correram todos os homens mais conhecidos na politica, nas sciencias e

nas artes, sendo recebidos por seus sobrinhos Ferreira de Mesquita, Pedro Diniz e Fontes Ganhado.

Assistiram-lhe aos ultimos momentos toda a illustre familia do finado, o sr. Henrique Mendia e os medicos.

*

* *

Um correspondente do Porto communica o seguinte:

Surprehendeu e causou aqui a mais viva impressão, entre todas as camadas sociaes, sem distincção de côr politica, a morte do sr. Fontes Pereira de Mello, um dos vultos mais prestadios do paiz.

A noticia recebida nas redacções dos jornaes espalhou-se rapidamente por toda a cidade, desejando-se anciosamente saber pormenores. A consternação é geral.

*

* *

Ha coincidencias tão estranhas que nos fazem repetir às vezes, no fundo da nossa consciencia, as palavras de Hamlet a Horatio, quando lhe diz que ha mais cousas no céu e na terra do que as que sonha a vã philosophia. Fontes Pereira de Mello, comtudo, era superior a essas preoccupações, e nunca lhe passou pela mente o affligir-se com a idéa de que a morte, que levára Anselmo Braamcamp, houvesse voltado, fria e lugubre, a sentar-se á cabeceira do estadista que lhe succedia. Nem quando o soffrimento, tornando-se cada vez mais agudo, lhe começou a abater as forças do corpo e do espirito, essa idéa lhe passou pela mente, ao menos de fórma que se tornasse perceptivel aos que o rodeiavam. Houve outra, porém, que não deixou de ter uma certa influencia no seu espirito, apesar de a repellir sempre com a sua esclarecida rasão. Essa nova coincidencia era a seguinte:

Havia tempo que Fontes se preocupava com a idéa de não ter jazigo proprio. Mandára-o fazer, e no dia 20, exactamente no dia em que adoeceu, vieram trazer-lhe a chave do jazigo acabado.

— Já tenho casa, disse elle alegremente.

Mas quando a congestão pulmonar começou a affirmar-se, Fontes sentiu passar-lhe na mente como que a sombra das azas d'essa ave de mau agouro, e disse para uma de suas sobrinhas, com certa melancolia:

— Ninho feito, pega morta.

A citação do proverbio trouxe-lhe apenas uma sombra que se desvaneceu. Fontes parece não ter sentido, senão vagamente, os passos da morte que se approximava.

*
* *

O sr. Fontes não deixou testamento. Nada tinha que deixar, mas, parece-nos que se tivesse, tudo seria para sua prezadissima e unica irmã, viuva, a qual amava extremamente.

*
* *

Quando o artista, o sr. Severino Alves, da calçada do Combro, lhe foi dar parte, ha poucos dias, que o jazigo que lhe encommendára estava prompto, o sr. Fontes disse-lhe:

«Muito bem, porque tenho necessidade de guardar ali uns corpos que trago por casas alheias, sendo um dos donos d'estas casas o sr. duque de Palmella».

Os cinco corpos a que o fallecido se referia eram os seguintes: pae, mãe, mulher, filhinha e cunhado (marido de sua irmã e pae do sr. Fontes Ganhado).

Por fim foi o sr. Fontes o primeiro corpo que o seu jazigo recebeu!

*
* *

Assentou praça com quatorze annos de idade, em 13 de agosto de 1833, e foi despachado alferes em 3 de novembro de 1835; tenente em 20 de julho de 1841; capitão em 29 de abril de 1851; major em 10 de outubro de 1865; tenente coronel em 30 de junho de 1868; coronel em 2 de outubro de 1873; general de brigada em 25 de setembro de 1879; e general de divisão em 20 de junho de 1886.

Sendo guarda marinha da armada passou ao exercito em 27 de julho de 1834, contando-se-lhe o tempo de serviço militar desde 8 de setembro de 1834, em que completou quinze annos.

Era presidente, nomeado por El-Rei, da camara dos dignos pares, presidente do supremo tribunal administrativo, vogal da junta consultiva do ultramar, governador da companhia geral de credito predial portuguez, etc.

A vida ministerial do sr. Fontes começou a convite dos srs. duque de Saldanha e conselheiro José Bernardo da Costa Cabral.

Eis as datas :

7 de julho de 1851 a 4 de março de 1852, marinha e ultramar.

21 de agosto de 1851 a 4 de março de 1852, interino da fazenda, passando n'esta data a effectivo até 6 de junho de 1856, com a interrupção, porém, de 8 de novembro de 1855 a 3 de janeiro de 1856, em que esteve ausente de Portugal.

30 de agosto de 1852 a 6 de junho de 1856, interino das obras publicas, excepto no periodo acima dito por serviço fóra do paiz.

16 de março de 1859 a 4 de julho de 1860, reino.

12 de março a 1 de maio de 1860, interino da marinha e ultramar.

4 de setembro de 1865 a 4 de janeiro de 1868, fazenda.

9 de maio de 1866 a 4 de janeiro de 1868, interino da guerra.

13 de setembro de 1871 a 5 de março de 1877, presidente do conselho de ministros.

13 de setembro de 1871 a 11 de outubro de 1872, fazenda, excepto desde 15 a 28 de janeiro do ultimo anno, em que por seu impedimento passou outro a exercer interinamente.

13 de setembro de 1871 a 11 de outubro de 1872, interino da guerra, menos nos treze dias já referidos.

11 de outubro de 1872 a 5 de março de 1877, effectivo da guerra.

6 de agosto a 7 de setembro de 1874, interino do reino, por impedimento do effectivo.

19 de julho a 20 de agosto de 1875, idem.

11 de julho a 7 de agosto de 1876, idem.

20 de agosto a 6 de setembro de 1875, interino da marinha e ultramar, por doença do effectivo.

7 de agosto a 1 de setembro de 1876, interino da marinha e ultramar, por ausencia do effectivo.

29 de janeiro de 1878 a 1 de junho de 1879, presidente do conselho de ministros e ministro da guerra.

19 de julho a 19 de agosto de 1878, interino do reino, por impedimento do effectivo.

14 de novembro de 1881 a 20 de fevereiro de 1886, presidente do conselho de ministros.

14 de novembro de 1881 a 24 de outubro de 1883, fa-

zenda e interino da guerra, passando na ultima data a effectivo até 20 de fevereiro de 1886.

4 de fevereiro a 19 de novembro de 1885, interino das obras publicas.

Durante o seu longo exercicio de conselheiro da corôa sómente não teve directa superintendencia nos negocios ecclesiasticos e de justiça, e nos estrangeiros.

*

* *

Foram collegas do sr. Fontes nos diversos ministerios, os seguintes cavalheiros:

Militares. — Duque de Saldanha, duque da Terceira, visconde da Luz, Adriano Mauricio Guilherme Ferrari, visconde da Praia Grande de Macau, Salvador de Oliveira Pinto da França, conde de Torres Novas e visconde de Athouguia.

Magistrados. — Joaquim Antonio de Aguiar, Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, Frederico Guilherme da Silva Pereira, José Marcellino de Sá Vargas, visconde de Seabra, visconde de Almeida Garrett, Antonio Cardoso Avelino, João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Mártens e Antonio Maria do Couto Monteiro.

Professores, pares e deputados. — Bispo do Algarve (não exercen), Rodrigo da Fonseca Magalhães, conde de Castro (primeiro), João de Andrade Corvo, Antonio de Serpa Pimentel, Thomás Antonio Ribeiro Ferreira, Antonio Rodrigues Sampaio, Lopo Vaz de Sampaio e Mello, Julio Marques de Vilhena, Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, José Vicente Barbosa du Bocage, Manuel Pinheiro Chagas, Augusto Cesar Barjona de Freitas, conde do Casal Ribeiro, Lourenço Antonio de Carvalho, Jayme Constantino de Freitas Moniz, Antonio Augusto de Aguiar e José de Mello Gouveia.

*

* *

O distincto orador Fontes Pereira de Mello foi eleito deputado ás côrtes em onze legislaturas consecutivas, cujo periodo de duração abaixo se designa, assim como os circulos que conferiram diploma ao illustre estadista:

I. 2 de janeiro de 1848 a 25 de maio de 1851 — Cabo Verde; juramento em 25 de abril de 1848.

II. 15 de dezembro de 1851 a 26 de julho de 1852 — Lisboa (28.º) e Setubal, preferindo o primeiro; juramento em 20 de janeiro de 1852.

III. 2 de janeiro de 1853 a 19 de julho de 1856 — Lisboa (27.º), Lagos, Portalegre e Porto (7.º), optando-se pelo primeiro; juramento em 31 de janeiro de 1853.

IV. 2 de janeiro de 1857 a 26 de março de 1858 — Lisboa (27.º); juramento em 24 de janeiro de 1857.

V. 7 de junho de 1858 a 24 de novembro de 1859 — Angra do Heroísmo; juramento a 20 de novembro de 1858, mas perdeu o lugar por ser nomeado ministro da corôa.

VI. 26 de janeiro de 1860 a 27 de março de 1861 — Vianna do Castello; juramento em 13 de fevereiro de 1860.

VII. 20 de maio de 1861 a 18 de junho de 1864 — Lisboa (115.º) em segundo escrutínio, Villa das Vêlas e Ilha do Principe; juramento em 10 de junho de 1861, como representante do primeiro dos ditos círculos, mas em 17 de agosto, conforme o parecer da respectiva commissão, passou a representar o immediato.

VIII. 2 de janeiro a 15 de maio de 1865 — Lisboa (114.º); juramento em 13 de janeiro.

IX. 30 de julho de 1865 a 14 de janeiro de 1868 — Lisboa (114.º); juramento em 26 de agosto de 1865, mas perdeu o lugar por ser nomeado ministro da corôa. Reeito pelo mesmo circulo, prestou juramento a 10 de novembro do dito anno; ainda teve, porém, de deixar vacatura, em consequencia da mercê de conselheiro d'estado, que lhe foi conferida por decreto de 25 de abril de 1866. Novamente reeito, tomou assento na camara em 14 de janeiro de 1867.

X. 15 de abril de 1868 a 23 de janeiro de 1869 — Nova Goa; não chegou a apresentar o diploma n'esta legislatura, mas na seguinte, prestando juramento em 1 de maio de 1869.

XI. 26 de abril de 1869 a 20 de janeiro de 1870 — Margão; declarada vacatura a 14 de janeiro de 1870, por ter sido nomeado par do reino, em carta regia de 8 do dito mez, representando até esse tempo o circulo de Nova Goa, como já dissemos.

Tomou posse na camara hereditaria a 14 de janeiro de 1870 e foi nomeado presidente d'ella em carta regia de 6 de maio de 1881.

*

* *

Era condecorado com o collar de Carlos III, com o grau de cavalleiro do Tosão de Oiro de Hespanha, de cavalleiro da Annunciada de Italia, com honras de parente do rei de Ita-

lia; e com as gran-cruzes da Torre e Espada, de Aviz, de Le-
gião de Honra de França, de Leopoldo da Belgica, da S. Mau-
ricio e S. Lazaro de Italia, de Carlos III de Hespanha, do
Cruzeiro do Brazil, do Merito Militar de Hespanha, do Leão
dos Paizes Baixos, de Leopoldo de Austria, de S. Carlos de
Monaco, do Leão da Persia, da Corôa de Sião, da ordem ja-
poneza do Sol Nascente, de Izabel a Catholica, etc.

Cassiano Lopes

1887